

MATERIAL DE ESTUDOS
17º CONCURSO DE PRENDAS E PEÕES



CATEGORIA MIRIM
2017

FICHA TÉCNICA

Supervisão:

Departamento Cultural da CBTG

Elaboração, Pesquisa e Organização

Roberta Fontana

Agosto de 2017

2ª Edição

Este material foi produzido para uso e distribuição gratuitos, com finalidade exclusiva para o uso da CBTG em seu 17ª concurso nacional de prendas e peões, sendo vedada sua venda ou comercialização, bem como alteração e reprodução não autorizada por sua Organizadora.

APRESENTAÇÃO DA 2ª EDIÇÃO

A convite da Diretora do Departamento Cultural da CBTG, Sra. Tânia Calai, a quem agradecemos a confiança demonstrada, fomos convidados a disponibilizar o material de referência para estudos da avaliação escrita de Prendas e Peões estaduais que representarão suas federações no 17º Concurso Nacional de Prendas e Peões da CBTG.

Nesta empreitada, buscamos nos alinhar ao que apresentamos na redação do material dos concursos anteriores, mantendo um polígrafo especialmente elaborado para a categoria mirim. Além disso, todo o material foi elaborado visando destacar realidade da CBTG, prestigiando e valorizando a entidade e sua história.

Como se sabe, as regras do concurso são firmadas por meio de Convenção Tradicionalista da CBTG e o material se alinha ao que prescreve o respectivo regulamento. Nesse aspecto, é importante esclarecermos que o conteúdo “História da CBTG” não cai para a categoria “peão mirim”, embora incoerente, é uma decisão da Convenção, posição esta que esperamos seja retificada.

Os concorrentes de quase todas as categorias terão nos materiais explicações sobre a atuação da Confederação, seus eventos, alguns dos problemas enfrentados atualmente (como a posição da entidade quanto ao projeto de lei que trata da proibição de rodeios) e ainda um conteúdo tratando da expansão dos gaúchos e do Movimento pelo Brasil afora, claro, - cerne da existência da Confederação.

O conteúdo continua não abrangendo o material sobre “atualidades” (exigido para categorias juvenil, adulto e veterano), pois consideramos que é um conteúdo que não deve ser limitado; para tanto, orientamos que os concorrentes se atentem às notícias amplamente divulgadas pela mídia, conforme indica o art. 7º, inciso IV do Regulamento do Concurso.

Ao final do material, consta um anexo com conteúdo para auxiliar na preparação da prova de artesanato ou culinária (para o concurso de prendas) - mas que não terá seu teor cobrado na avaliação escrita.

A redação e elaboração deste material só foi possível com o auxílio de pessoas especiais e dedicadas a quem agradecemos neste momento: Antonio Amaro da Silveira Neto, Graça Amaro da Silveira, Odila Savaris, Luzia da Rosa Fontana, Letícia Maria Lucas Pinheiro, Caiã Fontana e Gabriel Espíndola Chiavegatti.

O material da 17ª Edição do Concurso contou ainda com a dedicação e auxílio da 1ª Prenda Juvenil da CBTG, Srta. Andrine de Mari Cenci que recebe, além da nossa gratidão a nossa eterna admiração.

Desejamos um ótimo estudo a todos e colocamo-nos à disposição para quaisquer dúvidas referentes ao material.

Roberta Fontana

APRESENTAÇÃO DA 1ª EDIÇÃO

A convite do Presidente da Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha, Senhor Manoelito Savaris, a quem agradecemos a confiança demonstrada, fomos designados a elaborar um material abrangendo os conteúdos referente à avaliação escrita do Concurso Nacional de Prendas e Peões.

Nosso primeiro cuidado foi o de analisar e se basear nos materiais que vinham sendo utilizados nos concursos anteriores; depois disso, trabalhamos com dois focos principais, quais sejam: o de se produzir um material mais maleável à categoria mirim, que vinha utilizando o mesmo polígrafo das demais categorias e, ainda, disponibilizar um conteúdo que abrangesse mais a realidade da CBTG. Nesse sentido, os concorrentes de quase todas as categorias terão nos materiais explicações sobre a atuação da Confederação, seus eventos, alguns dos problemas enfrentados atualmente (como a posição da entidade quanto ao projeto de lei que trata da proibição de rodeios) e ainda um conteúdo tratando da expansão dos gaúchos e do Movimento pelo Brasil afora, claro, - cerne da existência da Confederação.

O conteúdo não abrange material sobre “atualidades” (exigido para categorias juvenil, adulto e veterano), pois consideramos que é um conteúdo que não deve ser limitado; para tanto, orientamos que os concorrentes se atentem às notícias amplamente divulgadas pela mídia, conforme indica o art. 7º, inciso IV do Regulamento do Concurso.

Ao final do material, consta um anexo com conteúdo para auxiliar na preparação da prova de artesanato ou culinária (para o concurso de prendas) - mas que não terá seu teor cobrado na avaliação escrita.

Desejamos um ótimo estudo a todos e colocamo-nos à disposição para quaisquer dúvidas referentes ao material.

Antônio Amaro da Silveira Neto

SUMÁRIO

GEOGRAFIA DO RIO GRANDE DO SUL.....	8
1. Posição e situação geográfica.....	8
2. Limites.....	8
3. O Relevo e os Solos	8
4. O Clima	9
5. Os Rios	9
6. As Paisagens Vegetais	10
6.1. Os campos	11
6.2. As matas.....	11
GEOGRAFIA DO BRASIL	12
1. Localização Geográfica do Brasil	12
1.1. Estados brasileiros, suas capitais e suas superfícies.....	12
2. O Clima	14
2.1. Clima Equatorial.....	14
2.2. Clima Tropical	14
2.3. Clima Tropical de Altitude	15
2.4. Clima Tropical Atlântico	15
2.5. Clima Semi-Árido.....	15
2.6. Clima Subtropical.....	15
3. Bacias Hidrográficas Brasileiras	16
3.1. Bacia Amazônica	16
3.2. Bacia do Tocantins-Araguaia.....	17
3.3. Bacia do São Francisco.....	17
3.4. Bacia Platina	17
3.5. Bacia do Atlântico Sul.....	18
4. Relevo Brasileiro	18
HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL	20
1. Os Primeiros Tempos	20
1.1. Primeiros Habitantes	20
1.2. Missões Jesuítas	20
1.3. Conquista e Ocupação do Sul.....	21
1.4. As Estâncias.....	23
1.5. Colônia Do Sacramento	23
1.6. As Sesmarias	24
1.7. Os Açorianos	24
1.8. Imigração Alemã e Italiana	25
2. Revolução Farroupilha	25
2.1. A província em 1835	25

2.2. Insatisfação Política, Econômica e Social	25
2.3. A Tomada de Porto Alegre	26
2.4. A Revolução em Marcha	26
2.5. Proclamação da República Rio-Grandense	27
2.6. A Primeira Capital Farroupilha	27
2.7. Os Generais Farroupilhas.....	27
2.8. A Bandeira.....	27
2.9. O Hino Rio-Grandense	28
2.10. Expedição a Laguna	28
2.11. As Capitais Farroupilhas.....	28
2.12. As Principais Batalhas	28
2.13. Constituição da República	29
2.14. A Imprensa Farroupilha.....	29
2.15. A Paz na Província	29
2.16. A Morte do Herói	29
HISTÓRIA DO BRASIL.....	30
1. Tratado de Tordesilhas (06/07/1494).....	30
2. As Capitanias Hereditárias	31
3. Crise no Sistema Colonial.....	31
3.1. Conjuração Mineira – 1789 – <i>a revolta da elite colonial</i>	32
3.2. Conjuração Baiana – 1798 – <i>A rebelião dos Pobres</i>	32
4. A Vinda da Família Real para o Brasil	33
5. O Governo de D. João VI no Brasil	33
6. A Independência no Brasil	34
6.1. Introdução	34
6.2. Dia do Fico.....	34
6.3. O processo de independência.....	34
6.4. Pós Independência	35
7. Um Príncipe Brasileiro: D. Pedro I	35
8. Período Regencial (1831 a 1840)	36
8.1. A Regência Trina Provisória.....	36
8.2. A Regência Trina Permanente.....	36
8.3. A Criação dos Primeiros Partidos.....	37
8.4. O ato adicional de 1834.....	37
8.5. Morte e Mudança	37
8.6. A Regência Una	38
8.7. As Rebeliões Provinciais/ Movimentos Revolucionários (1831 a 1840)	38
9. Antecipação da Maioridade de D. Pedro de Alcântara	39
10. Escravidão no Brasil	39
10.1. Campanha Abolicionista e a Abolição da Escravatura.....	40
10.2. Abolição da Escravatura - Lei Áurea.....	40
10.3. Quilombos	41

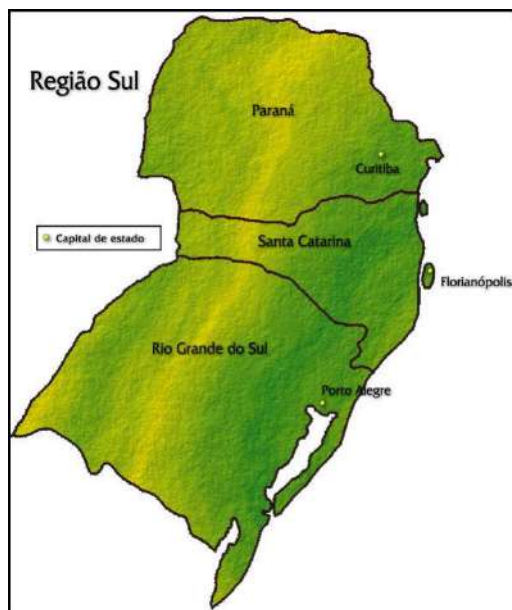
11.	Proclamação da República no Brasil	41
11.1.	Crise da Monarquia.....	42
11.2.	A Proclamação da República.....	42
12.	Presidentes do Brasil	43
HISTÓRIA DA CBTG		44
1.	Histórico	44
2.	Ex-Presidentes da CBTG :.....	46
3.	Símbolos.....	47
3.1.	Brasão da CBTG :.....	47
3.2.	Bandeira da CBTG :.....	47
3.3.	Lema da CBTG:.....	47
4.	Convenção de Florianópolis	48
5.	Dados Históricos	48
FOLCLORE, TRADIÇÃO E TRADICIONALISMO		49
1.	Conceitos importantes	49
1.1.	Tradição:	49
1.2.	Tradicionalismo:.....	49
1.3.	Folclore:.....	49
1.4.	Nativismo:	49
2.	A Tradição Gaúcha	50
3.	A História do Movimento Tradicionalista.....	50
3.1.	"O GRUPO DOS OITO"	51
3.2.	Chama Crioula e a 1ª Ronda.....	52
4.	O "35 - Centro de Tradições Gaúchas"	52
5.	O Movimento Organizado	53
6.	A Semana Farroupilha	53
7.	Organização do CTG	54
8.	Danças e suas Gerações	55
8.1.	Primeira Geração Coreográfica	55
8.2.	Segunda Geração Coreográfica	55
8.3.	Terceira Geração Coreográfica	56
8.4.	Quarta Geração Coreográfica	56
9.	A Cozinha Gaúcha	56
9.1.	A culinária regional.....	56
9.2.	Alguns Pratos Típicos Da Culinária Campeira.....	57
9.3.	Alguns Doces Típicos Da Culinária Campeira	57
9.4.	Aperitivos	58
9.5.	Bebidas.....	58
10.	Lendas	58

10.1. M'boitató	58
10.2. Negrinho do Pastoreio	61
10.3. Salamanca do Jarau	62
11. O Chimarrão	63
12. Festas - Religiosidade	63
12.1. Padroeiros.....	63
13. Brincadeiras e Brinquedos.....	64
13.1. Brincadeiras para animar	64
13.2. Brincadeiras Cantadas	65
13.3. Formuletes.....	65
13.4. Gestos e Caretas.....	65
13.5. Parlendas	65
13.6. Jogos Competitivos	66
13.7. Jogos de Habilidades	66
13.8. Jogos de Tabuleiros e Gráficos	66
13.9. Os Brinquedos.....	66
14. Símbolos do Rio Grande do Sul	67
14.1. Símbolos Cívicos.....	67
14.2. Símbolos Sociais Oficializados	69
15. A Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha - CBTG	69
15.1. Definição, Objetivos e Organização.....	69
15.2. Eventos Oficiais	71
16. Indumentária.....	72
16.1. Considerações Iniciais.	72
16.2. Traje Prenda Mirim	73
16.3. Traje Peão Mirim	75
17. Lidas Campeiras (Apenas para o concurso de peões)	78
17.1. Equinos e Encilhas.....	78
17.2. Conceitos de atividades campeiras	80
17.3. Trabalho com Cavalos	81
ANEXO	84
1. ORIENTAÇÕES PARA PROVAS DE CULINÁRIA E ARTESANATO	84
1.1. ORIENTAÇÕES PARA CULINÁRIA	84
1.2. ORIENTAÇÕES PARA ARTESANATO.....	87

GEOGRAFIA DO RIO GRANDE DO SUL

1. Posição e situação geográfica.¹

O Rio Grande do Sul é o estado mais meridional do Brasil, localiza-se no extremo sul do país. Tem um território de 282.062 km², ou seja, 3,30% da área do país. É o maior estado da região sul.



2. Limites

Ao Norte e Nordeste: Estado de Santa Catarina.

Ao Sul e Sudoeste: Uruguai.

A Leste: Oceano Atlântico.

A Oeste e Noroeste: Argentina.

3. O Relevo e os Solos ²

O relevo do Rio Grande do Sul assemelha-se ao do resto do Brasil, pois possui um substrato rochoso muito antigo, que há milhões de anos não sofre manifestações tectônicas expressivas. Por isso mesmo, o relevo é relativamente suave.

¹ MOREIRA, Igor O Espaço Rio-Grandense, Editora ática, 2007, p.6.

² MOREIRA, Igor O Espaço Rio-Grandense, Editora ática, 2007, p. 10

O relevo do Rio Grande do Sul possui diferentes unidades, cada qual com suas altitudes, tipos de rochas e formas predominantes: o planalto Sul-Rio-Grandense, o planalto Norte-Rio-Grandense, a depressão central, a planície litorânea e a campanha.



4. O Clima ³

O clima do Rio Grande do Sul é classificado como *subtropical*.

No Rio Grande do Sul o ar atmosférico varia muito no decorrer do ano. Isso acontece devido à posição geográfica do estado, que o torna ora dominado por massas de ar tropicais, ora por massas de ar polares.

5. Os Rios ⁴

Graças a uma pluviosidade intensa e bem distribuída por todo o ano, o Rio Grande do Sul tem uma farta rede hidrográfica. É um dos estados brasileiros mais bem servidos de águas internas, já que, além dos rios, possui um número considerável de lagoas e lagunas costeiras, algumas de grande extensão.

Os rios mais importantes do estado são: Jacuí, Taquari, rio Pardo, Ijuí, Ibicuí, Passo Fundo, Gravataí, rio Caí, rio dos Sinos, Camaquã, e Jaguarão, entre outros.

³ MOREIRA, Igor O Espaço Rio-Grandense, Editora ática, 2007, p.16.

⁴ MOREIRA, Igor O Espaço Rio-Grandense, Editora ática, 2007, p.19.



MOREIRA, Igor O Espaço Rio-Grandense, Editora ática, 2007. P. 19

6. As Paisagens Vegetais ⁵

No Rio Grande do Sul as condições de clima e solo favoreceram tanto a formação de matas quanto a de campos. No litoral, porém, a vegetação é escassa e pobre devido à presença de solos arenosos e com muito sal. A vegetação litorânea é formada por plantas baixas e arbustos, adaptados ao ambiente em que vivem.



Fontes: Atlas nacional do Brasil. IBGE. Rio de Janeiro, 2000.

⁵ MOREIRA, Igor O Espaço Rio-Grandense, Editora ática, 2007, p.21.

6.1. Os campos

Há dois tipos de campos no Rio Grande do Sul: as campinas e os campos do planalto.

As *campinas* são campos limpos, que cobriam quase toda a metade sul e o oeste do estado. Nas áreas remanescentes dessa vegetação no Rio Grande do Sul forma-se um verdadeiro tapete de gramíneas, que se estende pelas terras onduladas das coxilhas.

Os *campos do planalto*, ou *de cima da serra*, aparecem em solos relativamente pobres, em comparação aos solos ricos de origem vulcânica do planalto Norte-Rio-Grandense. No nordeste do estado, nos campos de Bom Jesus e de vacaria, os solos são arenosos. Além disso, o frio rigoroso do inverno contribui para a ocorrência e vegetação campestre.

6.2. As matas

A *mata subtropical* ocupava a encosta do planalto e o alto vale do rio Uruguai, onde a pluviosidade é farta e o inverno não é muito frio. Ela é parecida com as florestas tropicais: possui grande variedade de árvores, de folhas largas e perenes, que estão entrelaçadas por cipós. No entanto, as árvores são de menor porte que as das florestas tropicais, e algumas delas perdem as folhas durante o inverno. Por isso é do tipo subtropical. (...)

A *mata dos Pinhais* é formada pelo pinheiro-do-paraná, também chamada de floresta ou mata de Araucária. Os pinheiros são árvores que preferem as baixas temperaturas.

Antigamente os pinhais cobriam boa parte do território rio-grandense. No entanto, devido ao intenso desmatamento para a exploração de madeira, restam hoje poucos lugares onde as araucárias podem ser encontradas.

GEOGRAFIA DO BRASIL

Obs. Ao estudar essa disciplina, é importante que o concorrente esteja atento a interpretação dos mapas.

1. Localização Geográfica do Brasil ⁶

O Brasil está situado na América do Sul. Banhado a leste pelo Oceano Atlântico, possui várias ilhas oceânicas, destacando-se as de Fernando de Noronha, Abrolhos e Trindade. Ao norte, a oeste e ao sul limita-se com todos os países do continente sul-americano, excetuando-se o Chile e o Equador. (...)

O Brasil é uma república federativa, composta por 26 estados e o Distrito Federal. Quinto maior país do mundo é dono de grandes diferenças geográficas, econômicas e sociais. Ainda assim possui uma notável unidade nacional sedimentada pela língua portuguesa, falada com sotaques variados, em todo o país. Seu povoamento, feito no sentido da costa para o interior, produziu sérias distorções na distribuição da população, agravadas mais tarde pela industrialização. A redução drástica dos índices inflacionários contribuiu para uma pequena melhora na distribuição de renda. Há também uma redefinição do papel do Estado na economia. A agricultura, apesar da baixa produtividade média, é ainda responsável por grande parte das exportações. No campo, a permanência de latifúndios improdutivos soma-se às reivindicações crescentes dos trabalhadores rurais sem-terra e fazem da reforma agrária uma das questões mais discutidas do país. (...)

1.1. Estados brasileiros, suas capitais e suas superfícies.

Estado	Capital
Acre	Rio Branco
Alagoas	Maceió
Amapá	Macapá
Amazonas	Manaus
Bahia	Salvador
Ceará	Fortaleza

⁶ MOA, Roxelana Grazielle - Guia de Estudos para Prendas e Peões, Extrato. Santa Catarina, 2005 (material utilizado pela CBTG nos concursos de 2010 e 2011), p.46.

Distrito Federal	Brasília
Espírito Santo	Vitória
Goiás	Goiânia
Maranhão	São Luís
Mato Grosso	Cuiabá
Mato Grosso do Sul	Campo Grande
Minas Gerais	Belo Horizonte
Pará	Belém
Paraíba	João Pessoa
Paraná	Curitiba
Pernambuco	Recife
Piauí	Teresina
Rio de Janeiro	Rio de Janeiro
Rio Grande do Norte	Natal
Rio Grande do Sul	Porto Alegre
Rondônia	Porto Velho
Roraima	Boa Vista
Santa Catarina	Florianópolis
São Paulo	São Paulo
Sergipe	Aracaju
Tocantins	Palmas

2. O Clima ⁷



A localização da maior parte do país em zona intertropical e o predomínio de baixas altitudes são responsáveis pelas variedades climáticas quentes (médias superiores a 20° C), controladas por algumas massas de ar e frentes.

2.1. Clima Equatorial

Domina os cerca de 5 milhões de km² da Amazônia Legal. Que corresponde a Amazônia: Acre, Amazonas, Amapá, Rondônia, quase todo o estado do Pará (menos a porção sudeste), o noroeste do Maranhão e do Mato Grosso e parte de Roraima. Caracteriza-se por temperaturas médias entre 24°C e 26°C e sendo no mês mais frio superior a 18°C, com amplitude térmica anual de até 3 graus, chuvas abundantes (mais de 2.500 mm/ano) e bem distribuídas(...). No inverno, ocasionalmente, a região recebe frentes frias originárias da massa polar atlântica (mPa), ocasionando as friagens. A umidade atmosférica é elevada, geralmente superior a 80%.

2.2. Clima Tropical

O clima tropical abrange quase a totalidade da área correspondente ao planalto Brasileiro, domina extensas áreas do planalto Central e das regiões Nordeste e Sudeste. Suas temperaturas são também elevadas, mas este tipo de clima se diferencia do equatorial por apresentar duas estações bem delimitadas pelas chuvas: Apresenta inverno quente e seco e verão quente e chuvoso. (...)

⁷ MOA, Roxelana Grazielle - Guia de Estudos para Prendas e Peões, Extrato. Santa Catarina, 2005 (material utilizado pela CBTG nos concursos de 2010 e 2011), p.49.

2.3. Clima Tropical de Altitude

Corresponde às áreas mais altas do relevo brasileiro, representado elevações das serras do Mar e da Mantiqueira, assim como pelo planalto que se estende ao norte de São Paulo, sul de Minas Gerais e Mato Grosso do Sul. As médias mensais de temperatura que caracterizam este clima estão entre 18° e 22° C, com amplitudes térmicas anuais de 7 a 9 graus e precipitações entre 1.000 e 1.500 mm/ano, não existindo maiores diferenças entre o clima tropical de altitude e o tropical, pois os meses mais chuvosos, nas áreas de ocorrência deste tipo de clima, coincidem com a primavera e o verão (setembro a março) e os de estiagem, com o outono e inverno (abril a setembro). O verão tem chuvas mais intensas, devido à ação úmida da massa tropical atlântica (mTa). No inverno, as massas frias originárias da massa polar atlântica (mPa) podem provocar geadas com temperaturas abaixo de 0°C.

2.4. Clima Tropical Atlântico

Atua na fachada atlântica desde o sul do Rio Grande do Norte até o sul do Rio Grande do Sul. Temperaturas médias entre 18° e 26° C, com amplitudes térmicas crescentes à medida que aumenta a latitude. As chuvas abundantes superam 1.200 mm/ano, mas têm distribuição desigual. No litoral do Nordeste, concentram-se no outono e inverno e mais ao sul no verão.

2.5. Clima Semi-Árido

O clima semi-árido caracteriza-se, predominantemente, pela escassez de chuva. Este tipo de clima domina o sertão nordestino.

Quando ocorrem anos normais as chuvas caídas no período próprio atendem às necessidades dos habitantes. A situação torna-se calamitosa apenas quando elas deixam de cair na época devida, prolongando-se assim a estação seca. (...)

2.6. Clima Subtropical

Ocorre na maior parte do planalto Meridional. (...) Caracteriza-se por temperaturas médias inferiores a 18°C, com amplitude térmica anual entre 9 e 13 graus. Nas áreas mais elevadas, o verão é suave e o inverno rigoroso, com geadas constantes e nevascas ocasionais. Muitas chuvas (entre 1.500 e 2.000 mm/ano), e bem distribuídas.

3. Bacias Hidrográficas Brasileiras⁸

As principais bacias hidrográficas brasileiras são: Bacia Amazônica, Bacia do Araguaia/Tocantins, Bacia Platina, Bacia do São Francisco e Bacia do Atlântico Sul.



3.1. Bacia Amazônica

(...) É a maior bacia hidrográfica do planeta, com cerca de 7.000.000 km², dos quais aproximadamente 4.000.000 km² estão situados em território brasileiro, e o restante distribuído por oito países sul-americanos: Guiana Francesa, Suriname, Guiana, Venezuela, Colômbia, Peru, Equador, Bolívia. Tem a sua vertente delimitada pelos divisores de água da cordilheira dos Andes, pelo Planalto das Guianas e pelo Planalto Central.

Seu principal rio nasce no Peru, com o nome de Vilcanota, (...). Ao entrar no Brasil, passa a se chamar Solimões, até o encontro com o Rio Negro, passando a ser chamado a partir daí de Rio Amazonas. (...)

Localizada numa região de planície, a Bacia Amazônica possui cerca de 23 mil km de rios navegáveis, possibilitando o desenvolvimento do transporte hidroviário. O Rio Amazonas é totalmente navegável.

A Bacia Amazônica abrange os estados do Amazonas, Pará, Amapá, Acre, Roraima, Rondônia e Mato Grosso. (...)

⁸ MOA, Roxelana Grazielle – Guia de Estudos para Prendas e Peões, Extrato. Santa Catarina, 2005 (material utilizado pela CBTG nos concursos de 2010 e 2011), p. 51.

3.2. Bacia do Tocantins-Araguaia

Seus principais rios são:

1. Rio Araguaia
2. Rio Tocantins

(...) Seu rio principal, o Tocantins, nasce na confluência dos rios Maranhão e Paraná, em Goiás, percorrendo 2.640 km até desembocar na foz do Amazonas. Durante o período de cheias, seu trecho navegável é de 1.900 km, entre as cidades de Belém (PA) e Peixe (GO). Em seu curso inferior situa-se a Hidrelétrica de Tucuruí, a segunda maior do país, que abastece os projetos de mineração da Serra do Carajás e da Albrás.

O rio Araguaia nasce na serra das Araras, no Mato Grosso, na fronteira com Goiás. Tem cerca de 2.600 km de extensão. Desemboca no rio Tocantins em São João do Araguaia, logo antes de Marabá. No extremo Nordeste de Mato Grosso, o rio divide-se em dois braços, pela margem esquerda o rio Araguaia e pela margem direita o rio Javaés, por aproximadamente 320 km, formando a ilha de Bananal, maior ilha fluvial do mundo. O rio é navegável por cerca de 1.100 km, entre São João do Araguaia e Beleza, porém, não possui nenhum centro urbano de destaque ao longo desse trecho. (...)

3.3. Bacia do São Francisco

(...) Possui área de aproximadamente 645.000 km² e é responsável pela drenagem de 7,5% do território nacional. É a terceira bacia hidrográfica do Brasil, ocupando 8% do território nacional. É a segunda maior bacia localizada inteiramente em território nacional. A bacia encontra-se nos estados da Bahia, Minas Gerais, Pernambuco, Sergipe, Alagoas, Goiás e no Distrito Federal. Situa-se quase inteiramente em áreas de planalto.

O rio São Francisco nasce em Minas Gerais, na serra da Canastra e atravessa o sertão semi-árido mineiro e baiano, o que possibilita a sobrevivência da população ribeirinha de baixa renda, a irrigação de pequenas propriedades e a criação de gado. Possui grande aproveitamento hidrelétrico, abastecendo não só a região Nordeste, como também parte da região Sudeste (...) Embora atravessasse um longo trecho em clima semi-árido, é um rio perene e navegável por cerca de 1.800 km, desde Pirapora (MG) até a cachoeira de Paulo Afonso. (...)

3.4. Bacia Platina

É constituída pelas sub-bacias dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai. (...)

É a segunda maior bacia hidrográfica do planeta, com 1.397.905 km². Estende-se por Brasil, Uruguai, Bolívia, Paraguai e Argentina. Possui cerca de 60,9% das hidrelétricas em operação ou construção do Brasil.

(...)

3.5. Bacia do Atlântico Sul

O Brasil possui ao longo de seu litoral três conjuntos de bacias secundárias denominadas bacias do Atlântico Sul, divididas em três trechos: Norte-Nordeste, Leste e Sudeste. Estes trechos não possuem ligação entre si, foram agrupados por possuírem rios que correm próximo ao litoral e deságuam no Oceano Atlântico. (...)

O *trecho Norte-Nordeste* é formado por rios perenes que correm ao norte da bacia Amazônica e entre as fozes dos rios Tocantins e São Francisco. (...)

O *trecho Leste* é formado pelas bacias dos rios que correm entre a foz do São Francisco e a divisa entre os estados do Rio de Janeiro e São Paulo. (...) Possui, ao longo de seu curso, grande aproveitamento hidrelétrico, bem como indústrias importantes como a Companhia Siderúrgica Nacional.

O *trecho Sudeste* é formado pelas bacias dos rios que estão ao sul da divisa dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. (...) Eles possuem importância regional pela participação em atividades como transporte hidroviário, abastecimento de água e geração de energia elétrica.

4. Relevo Brasileiro⁹

(...) O relevo do Brasil tem formação muito antiga e resulta principalmente de atividades internas do planeta Terra e de vários ciclos climáticos. A erosão, por exemplo, foi provocada pela mudança constante de climas úmido, quente, semi-árido e árido.



⁹ MOA, Roxelana Grazielle – Guia de Estudos para Prendas e Peões, Extrato. Santa Catarina, 2005 (material utilizado pela CBTG nos concursos de 2010 e 2011), p.62.

O relevo brasileiro apresenta-se em:

Planaltos - superfícies com elevação e aplainadas, marcadas por escarpas onde o processo de desgaste é superior ao de acúmulo de sedimentos.

Planícies - superfícies relativamente planas, onde o processo de deposição de sedimentos é superior ao de desgaste.

Depressão Absoluta - região que fica abaixo do nível do mar. .

Depressão Relativa - fica acima do nível do mar. A periférica paulista, por exemplo, é uma depressão relativa.

HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL

1. Os Primeiros Tempos ¹⁰

1.1. Primeiros Habitantes

Os primeiros habitantes foram índios. Viviam em grupos ou nações. Cada nação era composta de várias tribos. Os grupos indígenas principais, que habitavam as terras gaúchas, eram: o grupo Guaraní (carijó, tape, arachone); o grupo Jê (guaianá, ibiraja, coroados); e o grupo Pampeano (charrua e minuano). Moravam em casa de palha, chamadas ocas. Várias ocas formavam uma taba.

Dançavam ao som de tambores e flautas feitas de bambu e ossos. Fabricavam armas com ponta de osso e madeira, como o arco e flecha, o tacape e a machadinha. Os índios pampeanos já usavam a boleadeira e eram exímios cavaleiros. Como alimento, usavam o milho, a batata doce, mandioca, frutas, aves, peixes, raízes e animais. A bebida era o cauim.

Acreditavam em vários deuses, sendo Tupã o mais importante, criador dos trovões e relâmpagos. No inverno usavam poncho de pele.

Hoje em dia existem parques e reservas indígenas, criados pelo governo, onde eles vivem segundo os seus próprios costumes e tradições. No Rio Grande do Sul, o governo criou áreas especiais para os índios, em Nonoai, Cacique Doble, Ligeiro, Guarita, Carreteiro e Água Santa.

A FUNAI (Fundação Nacional do Índio) é um órgão do governo que ajuda a proteger os índios do Brasil.

1.2. Missões Jesuítas

Por volta de 1625, o padre Roque Gonzales, vindo do Paraguai, depois de organizar as Reduções da Argentina, tentou firmar pé na margem esquerda do rio Uruguai, no atual território do Rio Grande do Sul. Conseguiu reduzir algumas tribos e, em maio de 1626, fundou a primeira redução, ou seja, o primeiro dos Sete Povos Missionários, encravado entre terras espanholas e portuguesas, que foi São Nicolau.

Seguiram-se, depois, São Miguel (1632); São Luiz Gonzaga (1673); São Borja (1690); São Lourenço (1691); São João Batista (1697); e, Santo Ângelo (1707).

Em 1634, o padre jesuíta Cristóvão de Mendoza trouxe o primeiro rebanho de gado para o Rio Grande do Sul, sendo portanto considerado o primeiro tropeiro rio-grandense.

De 1634 a 1641, foi um período grave de invasões, com muitas atrocidades, quando inúmeros índios foram aprisionados e escravizados pelos bandeirantes paulistas, escapando somente aqueles que se refugiaram na floresta e os que foram levados pelos jesuítas para o outro lado do rio Uruguai.

¹⁰ FAGUNDES, Taylor - Polígrafo utilizado no Concurso de Prendas e Peões da CBTG em 2010 e 2011. Santa Maria, 1984, p.2.

O gado que não foi levado ficou no campo, multiplicando-se abundantemente, criado chimarrão (ou seja, solto, selvagem).

Em 1687, os missionários voltaram, reuniram os índios novamente, construíram novas aldeias e reconstruíram as que haviam sido destruídas.

Os índios que viviam nas missões criavam gado, trabalhavam na lavoura, e também aprendiam ofícios para ajudarem nos outros trabalhos. Nas missões foi impresso o primeiro livro e aconteceu a primeira fundição de ferro (São João Batista), na América Latina.

O povo de São Luiz Gonzaga foi o que se conservou por mais tempo. E o povo de São Miguel foi o que mais prosperou, sendo chamado a capital das Missões.

As missões rio-grandenses, ora sob o domínio espanhol, ora sob o domínio português, perduraram até 1801, quando passaram definitivamente para os portugueses pelo Tratado de Badajoz.

1.3. Conquista e Ocupação do Sul

O território que constitui o atual Estado do Rio Grande do Sul estaria totalmente situado fora da área que o Tratado de Tordesilhas que o estipulava como pertencente a Portugal. Sua definitiva conquista e posse para a Coroa Lusitana constitui-se num foco de grandes lutas entre os dois reinos ibéricos durante mais de um século, evidenciado o enorme interesse por essa área magnífica.

Em resumo, foram esses os fatores que acabaram por consolidar a posse portuguesa dessa importante unidade brasileira:

No século XVII:

- Estabelecimento de Missões Jesuíticas Espanholas nas regiões de Tape e Uruguai, ou a Primeira Etapa Missioneira.
- Introdução da criação de gado na região Missioneira, que logo se tornou a principal riqueza da região.
- Destruição das Missões pelos bandeirantes paulistas, chefiados por Manoel Preto e Raposo Tavares, que visava a escravização dos índios já catequizados pelos Jesuítas.
- Saída dos Jesuítas da região, após a destruição das Missões, deixando, entretanto, o gado que começou a se espalhar por grande parte do atual Rio Grande do Sul, principalmente no oeste. Enquanto se registravam esses acontecimentos nas Missões, Portugal iniciava sua penetração na região do Prata, com a fundação da Colônia do Sacramento (1680), frente a Buenos Aires.

A Espanha não concordava com a fixação desse núcleo português no Prata e iniciou uma série de lutas com Portugal.

- Formação de uma Segunda Etapa Missioneira Jesuítica no oeste do Rio Grande do Sul, que foram chamadas de Sete Povos, a partir de 1687, com a restauração de São Nicolau.
- Os “Sete Povos” foram estimulados pela Espanha, com o objetivo de isolar a Colônia do Sacramento, situada à margem do rio da Prata.

- Portugal decidiu fundar um novo núcleo português no sul, que se deu com a fundação de Laguna (1684). Laguna (no atual Estado de Santa Catarina, visava garantir a posse da Colônia do Sacramento).

No Século XVIII:

- Até meados desse século, prosseguiram as lutas entre Portugal e Espanha.
- O gado continuava a expandir-se admiravelmente, despertando enorme interesse dos luso-brasileiros pela necessidade de um meio de transporte para o ouro que saía das Minas Gerais para os portos litorâneos e também da carne do couro e do sebo.
- Portugal decidiu reforçar o povoamento no sul e intensificar a defesa da Colônia do Sacramento, cada vez mais contestada pelos espanhóis. Dessa decisão, resultou a fundação da Comandância do Presídio fundação do Presídio do Rio Grande do Continente de São Pedro (que deu origem à cidade de Rio Grande). Foi fundada em 19 de fevereiro de 1737, pelo brigadeiro José da Silva Paes.
- Paralelamente, iniciou a imigração açoriana para as regiões meridionais, com a clara intenção de fixar raízes de um povoamento português nas áreas lacustres do território rio-grandense. Os açorianos queriam criar núcleos de povoamento próximos ao mar e nas áreas das lagoas, e iniciar a pequena agricultura.

Entre os núcleos que resultaram da Imigração Açoriana na segunda metade do século XVIII destaca-se Porto Alegre (o antigo Porto dos Casais).

Os Grandes Tratados de Limites:

- Em 1750, reuniram-se as diplomacias espanhola e portuguesa em Madri, para decidir sobre os limites das áreas pertencentes às duas Coroas na América Latina.
- O brasileiro Alexandre de Gusmão, defendendo o direito de “Uti Possidetis” (país que ocupou definitivamente uma região deve ser o dono legal da mesma), garantiu a Portugal a posse das imensas áreas situadas a oeste e ao norte do Brasil, dando a grosso modo o delineamento territorial do nosso País.
- O Tratado de Madrid fez uma exceção do “Uti Possidetis”, exatamente do sul: os sete Povos das Missões (que eram espanhóis passariam ao domínio português, e, a Colônia do Sacramento (portuguesa), pertenceria à Espanha.
- A troca desses territórios não foi aceita pelos jesuítas e índios missionários, que não concordaram em ceder suas terras aos portugueses. Esse fato gerou a “Guerra Guaranítica” (de 1753 à 1756), se unindo Espanha e Portugal para obrigar jesuítas e índios a aceitarem os termos do Tratado de Madrid. Na Guerra Guaranítica, destacou-se o cacique Índio Sepé Tiarajú, que se celebrizou por sua coragem e amor à terra, sendo considerado por isso, o primeiro caudilho rio-grandense. Morreu no combate de Caiboate, em 1756.
- Em 1761, foi assinado o Tratado de El Pardo, que determinou a volta das Missões à Espanha e a Colônia do Sacramento a Portugal.
- Mais tarde, porém, e após novas lutas entre as duas Coroas, a Espanha conseguiu uma grande vitória diplomática sobre Portugal: o Tratado de Santo Ildefonso (1777) que deu grandes benefícios territoriais aos castelhanos. Esse Tratado estipulava que, tanto as Missões como Sacramento ficariam no domínio espanhol. Caso vigorasse ainda hoje esse Tratado, a maior parte do oeste do Rio Grande do Sul não seria uma área brasileira.

- Ao iniciar o século XIX, os problemas ocorridos na Europa entre Portugal e Espanha, culminaram com o Tratado de Badajoz (1801), e, paralelamente, ocorre a invasão da parte espanhola do Rio Grande do Sul por Borges do Canto. Foi esse Tratado que, a grosso modo, deu ao nosso Estado o seu atual formato e a sua integração definitiva ao Brasil.

1.4. As Estâncias

Pelo Tratado de Tordesilhas, como já vimos, as terras do nosso Estado pertenciam totalmente à Espanha. Apesar disso, os portugueses também visitaram as terras gaúchas logo após a descoberta do Brasil. O primeiro português a chegar a estas terras foi Pero Lopes de Souza, por volta de 1532. Ele veio à procura de ouro e chegou até o rio da Prata, nada encontrando. Anos mais tarde os portugueses voltaram a se interessar por esta região, agora pelo gado que existia em grande quantidade pelos campos. Os tropeiros que viviam em Laguna começaram a levar os animais que aqui estavam soltos. Eles vinham pelo litoral e chegavam à região chamada Vacaria do Mar. Nessa época surgiu a figura singular de Cristóvão Pereira de Abreu, que convenceu o Sargento - Mor Francisco de Souza Faria a construir uma estrada através da serra, alcançando Vacaria dos Pinhais e Lages, passando por Curitiba e indo até Sorocaba. Essa estrada foi iniciada em 1727 e teve início no Morro dos Conventos. Concluída, Cristóvão Pereira de Abreu foi o primeiro a utilizá-la, conduzindo 2000 animais para as feiras de Sorocaba.

Para Reunir o gado, tropeiros organizaram as primeiras estâncias, isto é, grandes locais de criação de gado. Ao redor das estâncias, com o tempo, surgiram povoações que mais tarde se tornaram cidades gaúchas, como: Cruz Alta, Vacaria, São José do Norte e outras.

Cristóvão Pereira de Abreu, por ter sido o principal tropeiro da época, é considerado o “Tropeiro Símbolo” do Rio Grande do Sul.

1.5. Colônia Do Sacramento

As terras que compreendem hoje o nosso Estado eram muito cobiçadas tanto por portugueses como por espanhóis, por causa da grande quantidade de gado que existia pelos campos. Os portugueses, principalmente, queriam defender as estâncias que tinham sido criadas e resolveram construir fortes para protegê-las.

Em 1680, o português Manoel Lobo fundou um forte às margens do Rio Prata, que recebeu o nome de Fortaleza do Sacramento. Essa fortaleza deveria defender a região contra os ataques espanhóis, que vinham da cidade Argentina de Buenos Aires.

O tempo foi passando e, em volta da Fortaleza surgiu uma povoação que recebeu o nome de Colônia do Sacramento.

Durante muitos anos portugueses e espanhóis se empenharam em lutas por causa dessa região. Só em 1750, como já vimos, entraram em acordo, com o Tratado de Madrid. Mas esse Tratado, como todos, estava, destinados a não serem cumprido. E os desentendimentos continuaram.

Com o Tratado de Santo Ildefonso, altamente desvantajoso, os portugueses não conformados, passaram a exigir as terras, de volta (Colônia do Sacramento e, também, as Missões). Mas, só em 1801, conseguiram as Missões, ficando a Colônia do Sacramento em definitivo para, os espanhóis.

Hoje Colônia é uma importante cidade uruguaia os Sete Povos das Missões é uma região do nosso Estado, histórica e turística.

Muitos gaúchos se salientaram nas lutas pela conquista da terra e fixação dos limites, dentre eles Manoel dos Santos Pedroso e José Borges do Canto, que saíram da região de Santa Maria da Boca do Monte, para combater os espanhóis na zona missioneira, começando por expulsá-los em São Martinho.

Os três núcleos portugueses, desde o século XVII, para a conquista do Brasil meridional, foram: a Colônia do Sacramento (1680); Laguna (1686); e, o Forte Jesus - Maria - José (Comandância do Presídio do Rio Grande do Continente de São Pedro), fundado em 1737, junto ao canal do Rio Grande. Ao redor desse forte, surgiu a primeira vila gaúcha, que deu origem à atual cidade de Rio Grande.

1.6. As Sesmarias

No início do século XVIII, o governo português concedia sesmarias, nessa região que pertencia à Espanha, estabelecendo o processo expansionista. A primeira sesmaria foi a de Campos de Dentro de Viamão, em 1733. Depois da instalação da guarnição militar na barra de Rio Grande, em 1750 foram doados sesmarias ao longo dos rios Jacuí e Pardo. Em 1777, as sesmarias iam do Jacuí ao Camaquã. As sesmarias, áreas de terras que mediam uma légua (6.600 m) de frente por três léguas (19.800 m) de fundo, eram doadas, geralmente, a oficiais do Exército, porque eles aceitavam vir para o sul, e, sendo homens de bens, para adquirirem gado e escravos, ocupavam e defendiam o território que somente mais tarde se tornaria português.

1.7. Os Açorianos

Os portugueses só fundavam fortes e estâncias, continuando as terras despovoadas. Nesses núcleos havia pouca gente, e se as terras, constantemente invadidas, ficavam sem defesa. Então o governo resolveu povoá-las mais rapidamente, mas o problema era difícil de resolver porque não havia população suficiente no Brasil para povoar as terras do sul. Foi, então, preciso trazer gente de outros lugares. Assim, em 1751, chegaram casais vindos da Ilha dos Açores, para trabalhar na lavoura e povoar as terras. Dedicaram-se ao plantio de trigo, arroz, cebola e fumo, cuidando também do gado. A princípio ficaram instalados próximo ao litoral e na zona da Depressão Central. Depois se espalharam por todo o Estado, principalmente pela campanha.

Alguns casais se estabeleceram nas terras onde hoje fica a nossa Capital, que à época era chamada Porto dos Casais, por causa dos casais de açorianos que ali se estabeleceram.

1.8. Imigração Alemã e Italiana

Para aumentar o povoamento das terras gaúchas, vieram os imigrantes alemães e italianos. O primeiro grupo de imigrantes alemães chegou no ano de 1824, fundando a Colônia de São Leopoldo. Depois foram se estabelecendo nos vales dos rios dos Sinos, Jacuí, Caí e Taquari. Fundaram novas Colônias, que mais tarde se tornaram importantes cidades, como: Santa Cruz do Sul, Agudo, Nova Petrópolis, Taquari, Sapiranga, São Sebastião do Caí, Lajeado, Estrela, Venâncio Aires e outras.

Os imigrantes italianos chegaram em 1875, estabelecendo-se na região montanhosa do Planalto, fundando as seguintes colônias: Conde D'Eu, atual Garibaldi; Dona Isabel, hoje Bento Gonçalves; e Nova Milano, atual Farroupilha. A Imigração italiana continuou e novas colônias importantes foram fundadas: Veranópolis, Caxias do Sul, Antônio Prado, Flores da Cunha e tantas outras.

Os imigrantes trouxeram muito progresso para o nosso Estado, desenvolvendo a agricultura e iniciando indústrias, além de trazerem sua cultura (suas tradições, culinárias, músicas, cantos, danças, etc.), para formar a cultura rio-grandense de hoje.

Outros povos também se estabeleceram aqui, sendo o polonês o mais importante, fixando-se em Guarani das Missões, Porto Alegre, Ijuí e São Marcos.

2. Revolução Farroupilha¹¹

2.1. A província em 1835

O território, na época, era dividido em 14 municípios, com uma população de 280.000 habitantes, cujas sedes eram: Porto Alegre, Rio Pardo, Pelotas, Rio Grande, Triunfo, Santo Antônio, São José do Norte, Jaguarão, Piratini, Caçapava, Cachoeira, São Borja, Cruz Alta e Alegrete.

Sua economia era basicamente constituída da primária industrialização de carne: o charque. O trigo, antes muito cultivado e um dos produtos de exportação, agora as lavouras estavam abandonadas por causa da "ferrugem".

A economia era, pois, fundamentalmente proveniente de duas fontes: as estâncias e as charqueadas. Só quem possuía grandes áreas de terras (sesmarias) e os detentores do poder (militares) é que tinham expressão social. Os demais só encontravam saída nos empregos públicos.

2.2. Insatisfação Política, Econômica e Social

As idéias republicanas emanadas dos países vizinhos vieram dar um clima propício a movimentos sediciosos.

¹¹ FAGUNDES, Taylor - Polígrafo utilizado no Concurso de Prendas e Peões da CBTG em 2010 e 2011. Santa Maria, 1984, p.8.

O descaso da Regência para com a Província, e o estado de abandono a ela dada (nada aqui se construía de utilidade pública), os pesados impostos na economia gaúcha, cada vez mais sacrificada, e a falta de habilidade das autoridades que a governavam, levaram essa Província à mais cruenta e longa luta: a Revolução Farroupilha (1835-1845). As constantes rivalidades existentes entre os dois partidos políticos existentes, os Liberais e os Conservadores e a fundação de uma “sociedade militar” acabaram por desencadear o “Decênio Heróico”.

2.3. A Tomada de Porto Alegre

As acusações feitas pelo presidente da Província, Fernandes Braga a Bento Gonçalves e a seus amigos liberais, como comprometidos com um caudilho do Prata em prejuízo do Império, levaram os liberais à invasão armada da Capital para depor o presidente e promover a paz e a concórdia na Província.

A 19 de setembro de 1835, por volta da meia noite, nas proximidades da antiga ponte da Azenha, uma força revolucionária com aproximadamente 200 cavaleiros, comandada por José Vasconcellos Gomes Jardim e Onofre Pires da Silva Canto, vindo de Pedras Brancas (atual cidade de Guaíba), iniciou marcha em direção ao centro da Capital. Ao seu encontro, o presidente Braga mandou uma pequena força, sob o comando do Visconde de Camamu, que nos primeiros choques com a vanguarda revolucionária entrou em pânico, levando o resto das tropas a aderirem aos sediciosos.

No dia seguinte, dia 20 de setembro, Bento Gonçalves, vindo de Pedras Brancas, entra triunfalmente em Porto Alegre. O presidente Fernandes Braga foge para a cidade de Rio Grande e Bento Gonçalves estabelece novo governo na Província.

2.4. A Revolução em Marcha

A Regência nomeou novo presidente para a Província, o Dr. José de Araújo Ribeiro, que tomou posse em Rio Grande e ali estabeleceu o governo.

Muitos revolucionários abandonaram o movimento à orientação separatista de alguns, indo juntar-se ao presidente Araújo Ribeiro, entre eles o coronel Bento Manuel Ribeiro.

A luta reiniciou em todos os pontos do território da Província, agora com dois presidentes: o Dr. Mariano Pereira Ribeiro, em Porto Alegre, empossado pelos revolucionários, e o Dr. Araújo Ribeiro, nomeado pelo Império, em Rio Grande.

Violentas batalhas são travadas por toda a Província, e o major imperial Marques de Souza, após fugir da prisão farroupilha, em Porto Alegre, forma um pequeno contingente armado e, com adesão de forças revolucionárias, retoma a Capital para o governo de Araújo Ribeiro.

2.5. Proclamação da República Rio-Grandense

Apesar de haverem reconquistado Porto Alegre, os imperiais continuavam a sofrer sucessivas derrotas frente às forças revolucionárias. O coronel Antônio de Souza Neto, entusiasmado pelas vitórias alcançadas e estimulado pelos companheiros de armas, proclama no dia 11 de setembro de 1836 a República Rio-Grandense com suas forças concentradas no campo de Joaquim Menezes, à beira do Passos das Pedras, margem direita do rio Jaguarão, onde na véspera, infringira fragorosa derrota às forças legalistas de Silva Tavares.

Bento Gonçalves, que sitiava Porto Alegre, no intuito de reconquistá-la, ao ter conhecimento da proclamação de Souza Neto, resolveu rumar para o sul, para juntar-se aos companheiros; porém, ao atravessar o rio Jacuí, na Ilha do Fanfa, foi surpreendido e preso pelas forças comandadas por Bento Manuel Ribeiro, auxiliado por uma esquadra naval imperial. O chefe farroupilha, juntamente com seu primo Onofre Pires e o italiano Tito Lívio Zambecari, foram remetidos presos para a Fortaleza de Santa Cruz, no Rio de Janeiro.

2.6. A Primeira Capital Farroupilha

Souza Neto, ao proclamar a República Rio-Grandense, tratou de tomar as primeiras providências para o funcionamento do novo Estado independente. A Vila de Piratini foi escolhida para ser a Capital. A presidência da República Rio-Grandense coube, provisoriamente, ao valoroso chefe farroupilha José Gomes de Vasconcellos Jardim, enquanto Bento Gonçalves permanecesse preso. Foram eleitos vices - presidentes: Antônio Paulo da Fontoura, José Mariano de Mattos, Domingos José de Almeida e Inácio José Gomes de Oliveira Guimarães. Entre os ministros da nova República, muito se destacou o comerciante e proprietário de Charqueadas, Domingos José de Almeida, que na chefia do Ministério do Interior e da Fazenda assegurou o êxito da economia farroupilha.

2.7. Os Generais Farroupilhas

Foram os primeiros generais: João Manoel de Lima e Silva, Bento Gonçalves da Silva, Antônio de Souza Neto, João Antônio Silveira, Bento Manoel Ribeiro e mais tarde, Davi Canabarro. O italiano Giuseppe Garibaldi era o comandante da pequena Marinha Farroupilha.

2.8. A Bandeira

Foi planejada por José Mariano de Mattos e desenhada por Bernardo Pires. Apareceu em Piratini, em 06 de novembro de 1836, conduzida pelo coronel Teixeira Neto e adotada oficialmente por decreto-lei de 12 de novembro daquele ano.

2.9. O Hino Rio-Grandense

Teve a letra de Francisco Pinto da Fontoura, música de Joaquim José de Mendanha e arranjo de Antônio Côrte Real. Foi cantado pela primeira vez em 30 de agosto de 1838, em Caçapava.

2.10. Expedição a Laguna

Bento Gonçalves, com o auxílio da Maçonaria, conseguiu fugir da prisão, na Bahia, para onde tinha sido transferido. Ao voltar para o sul, foi empossado como presidente da República Rio-Grandense, assumindo também o comando das forças revolucionárias, em fins do ano de 1837.

Por necessidade de um porto marítimo, os farroupilhas esquematizaram uma expedição para Santa Catarina a fim de ocuparem Laguna. Para essa extraordinária façanha, comandada por Davi Canabarro, foi brilhante a atuação do “Herói dos Dois Mundos”, Giuseppe Garibaldi, que estava integrado no movimento farroupilha, comandando os barcos Seival e Farroupilha, este naufragando antes de chegar ao destino.

Laguna é ocupada pelas forças de Davi Canabarro e Garibaldi, e, em 24 de julho de 1839 é proclamada a efêmera República Juliana.

Nessa época entra em cena a heróica Anita Garibaldi.

2.11. As Capitais Farroupilhas

- 10/11/1836 à 14/02/1839 - Piratini
- 14/02/1839 à 22/03/1842 - Caçapava
- 22/03/1842 à 28/02/1845 - Alegrete

2.12. As Principais Batalhas

- Do Seival (10/09/1836);
- Do Fanfa (04/10/1836);
- Da Fazenda Porongos (31/07/1837);
- Do Rio Pardo (30/04/1838);
- Do Ponche Verde (26/05/1843); e
- De Porongos (14/11/1844).

2.13. Constituição da República

A Assembléia Geral Constituinte foi instalada em 1º de dezembro de 1842, sendo a Constituição promulgada em 03 de fevereiro de 1843, após tumultuadas sessões, pelas adversidades que reinavam entre os chefes revolucionários.

2.14. A Imprensa Farroupilha

Foram editados os jornais “O Povo”, “O Mensageiro”, “O Americano” e o “Estrela do Sul”.

2.15. A Paz na Província

Os revezes sofridos pelas forças imperiais, faziam com que a Regência substituísse seguidamente o presidente da Província. Em boa hora e para a felicidade das duas facções, apela para um homem de invulgaes qualidades moral, militar e política, a ele entregando o comando, o Barão de Caxias (Luiz Alves de Lima e Silva), que é investido no Governo da Província em 09/11/1842.

Os chefes rebeldes, daí em diante passaram a sofrer pesadas e contínuas derrotas, destacando-se a de Ponche Verde. Cansados de tanto lutar e com seu exercício reduzido, desarmado e esfarrapado, os farroupilhas resolveram entrar em negociações com Caxias, para o estabelecimento de uma paz honrada para ambos os contendores.

Para o Barão de Caxias, homem de extraordinária inteligência e caráter ímpar, não foi difícil estabelecer a paz nos pampas gaúchos, que após dez anos de sangrenta luta entre irmãos brasileiros, encontra o seu fim no dia 26 de fevereiro de 1845, com a assinatura do acordo do Ponche Verde, onde ninguém saiu vencido ou vencedor.

2.16. A Morte do Herói

Em 1847, dois anos depois de firmada a paz, depois de longa enfermidade, morria Bento Gonçalves, no mesmo lugar de onde saíra para o início da Revolução, em Pedras Brancas (hoje cidade de Guaíba).

HISTÓRIA DO BRASIL

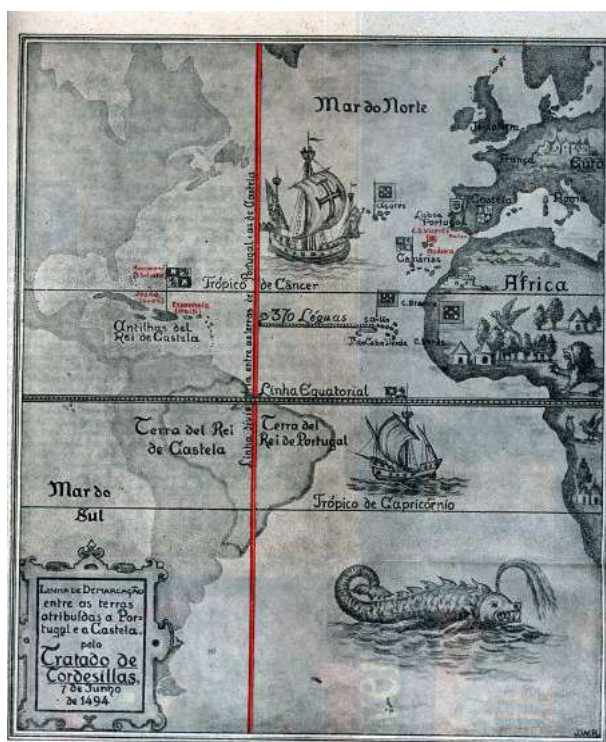
1. Tratado de Tordesilhas (06/07/1494)¹²

Em 1494, os representantes dos reis da Espanha (Fernando e Isabel) e de Portugal (João II) reuniram-se na cidade espanhola de Tordesilhas e assinaram o famoso tratado que dividia o mundo em dois hemisférios, um espanhol e outro português.

O Tratado de Tordesilhas, também chamado de Capitulação da Partição do Mar Oceano, de 7/6/1494, partilhando as terras descobertas pelos navegadores, traçava uma linha imaginária 370 graus a leste das ilhas de Cabo Verde, dividindo assim o então oficialmente desconhecido continente americano: as terras descobertas a Leste ficariam para Portugal e as encontradas a Oeste dessa linha imaginária, para a Espanha. Esse tratado foi ratificado pela Espanha em Arévalo (em 2/7/1494) e por Portugal em Setúbal (em 5/9/1494). Mas, na época, tratados entre nações só eram reconhecidos como válidos depois de submetidos à ratificação pela Igreja, através de “bulas”.

O Tratado de Tordesilhas resultou da competição entre Portugal e Espanha que, com os seus descobrimentos, disputavam a posse e o domínio das terras situadas no ocidente.

O desentendimento entre as duas potências marítimas, que obtinham dos Papas bulas de reconhecimento de direitos que se transformavam em pontos de litígio, quase as levou as portas da guerra. A linha imaginária seguia, no Brasil, o meridiano que passa por Belém do Pará, ao Norte, e por Laguna, no Estado de Santa Catarina ao Sul.



¹² MOA, Roxelana Grazielle – Guia de Estudos para Prendas e Peões, Extrato. Santa Catarina, 2005 (material utilizado pela CBTG nos concursos de 2010 e 2011), p. 10

2. As Capitânicas Hereditárias¹³

Entre os anos de 1534 e 1536, o rei de Portugal D. João III resolveu dividir a terra brasileira em faixas, que partiam do litoral até a linha imaginária do Tratado de Tordesilhas. Estas enormes faixas de terras, conhecidas como Capitânicas Hereditárias ou lotes, eram ao todo 15 e foram doadas para 12 donatários (nobres e pessoas de confiança do rei). Estes territórios seriam transmitidos de forma hereditária, ou seja, passariam de pai para filho. Fato que explica o nome deste sistema administrativo.

As dificuldades de administração das capitânicas eram inúmeras. A distância de Portugal, os ataques indígenas, a falta de recursos e a extensão territorial dificultaram muito a implantação do sistema. Com exceção das capitânicas de Pernambuco e São Vicente, todas acabaram fracassando. Desta forma, em 1549, o rei de Portugal criou um novo sistema administrativo para o Brasil: o Governo-Geral. Este seria mais centralizador, cabendo ao governador geral as funções antes atribuídas aos donatários.

Embora tenha vigorado por pouco tempo, o sistema das Capitânicas Hereditárias deixou marcas profundas na divisão de terra do Brasil. A distribuição desigual das terras gerou posteriormente os latifúndios, causando uma desigualdade no campo. Atualmente, muitos não possuem terras, enquanto poucos possuem grandes propriedades rurais.

Principais Capitânicas Hereditárias e seus donatários: São Vicente (Martim Afonso de Sousa), Santana, Santo Amaro e Itamaracá (Pêro Lopes de Sousa); Paraíba do Sul (Pêro Góis da Silveira), Espírito Santo (Vasco Fernandes Coutinho), Porto Seguro (Pêro de Campos Tourinho), Ilhéus (Jorge Figueiredo Correia), Bahia (Francisco Pereira Coutinho). Pernambuco (Duarte Coelho), Ceará (Antônio Cardoso de Barros), Baía da Traição até o Amazonas (João de Barros, Aires da Cunha e Fernando Álvares de Andrade).

O vínculo entre o rei de Portugal e o donatário era estabelecido em dois documentos básicos:

- CARTA DE DOAÇÃO - Conferia ao donatário a posse hereditária da capitania. Posse, aqui não significa o domínio exercido pelo proprietário. Ou seja, os donatários não eram proprietários das capitânicas, mas apenas seus administradores.
- CARTA FORAL - Estabelecia os direitos e deveres dos donatários, relativos à exploração das terras. (...)

3. Crise no Sistema Colonial¹⁴

Ao longo do tempo, o funcionamento do sistema colonial acabou gerando uma contradição inevitável entre a metrópole (Portugal) e a colônia (Brasil), que se expressava no antagonismo: desenvolver a colônia versus explorar a colônia. Em outras palavras: não era possível continuar explorando a colônia sem desenvolvê-la. Em contrapartida, ao se desenvolver, a colônia poderia criar condições para lutar pelo fim da exploração da

¹³ MOA, Roxelana Grazielle - Guia de Estudos para Prendas e Peões, Extrato. Santa Catarina, 2005 (material utilizado pela CBTG nos concursos de 2010 e 2011), p. 11.

¹⁴ MOA, Roxelana Grazielle - Guia de Estudos para Prendas e Peões, Extrato. Santa Catarina, 2005 (material utilizado pela CBTG nos concursos de 2010 e 2011), p. 20.

metrópole. Assim, ao mesmo tempo em que incentivava o desenvolvimento da colônia, a metrópole tomava medidas para contê-lo, procurando para isso, controlar a elite colonial.

O conflito de interesses entre a metrópole e a colônia agravou-se com o tempo, gerando tensões que acabaram eclodindo em rebeliões. As rebeliões coloniais podem ser classificadas em dois grupos:

- * Rebeliões sem objetivos de separação política, ou seja, de separar o Brasil de Portugal: Revolta de Beckman (1684), Guerra dos Emboabas (1708), Guerra dos Mascates (1710) e Revolta de Vila Rica (1720).
- * Rebeliões com objetivos de separação política, ou seja, os que queriam proclamar a independência política do Brasil: Conjuração Mineira (1789) e a Conjuração Baiana (1798).

3.1. Conjuração Mineira – 1789 – *a revolta da elite colonial*

O movimento político conhecido como Inconfidência Mineira (1789) teve origem em Vila Rica, atual Ouro Preto, em Minas Gerais. Tratava-se de uma conspiração contra o domínio da Coroa portuguesa e se inspirava nas ideias libertárias que prevaleciam à época, fruto da Revolução Francesa e da independência dos Estados Unidos. No movimento, envolveram-se personalidades como juizes, padres, militares e poetas. Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, um dos líderes do movimento, ao ser preso e julgado assumiu a responsabilidade pela conjura. Condenado à forca, foi executado no dia 21 de abril de 1792, tendo sua cabeça exposta em praça pública em Vila Rica e as demais partes de seu corpo penduradas em diversos locais da estrada que ligava Minas Gerais ao Rio de Janeiro. A crueldade do castigo, ao invés de amedrontar, exacerbou o espírito pela autonomia da Colônia e transformou Tiradentes no mártir da independência nacional.

3.2. Conjuração Baiana – 1798 – *A rebelião dos Pobres*

Revolta de caráter popular que ocorre em Salvador em 1798 relacionada com a crise do sistema colonial e com os movimentos pela independência brasileira. Também é conhecida como Revolta dos Alfaiates. É o levante do fim do período colonial mais incisivo na defesa dos ideais de liberdade e igualdade propagados pela Revolução Francesa. A manifestação conta com representantes das camadas populares, com grande número de negros e mulatos, de escravos e libertos. Desde 1794, intelectuais, estudantes, proprietários e comerciantes participam de reuniões secretas, ao lado de artesãos, funcionários e soldados, para ouvir notícias da Revolução Francesa chegadas da Europa e discutir a aplicação dos princípios liberais no Brasil. Desejam a independência da colônia e uma sociedade baseada nos ideais de liberdade e igualdade dos cidadãos. Em meados de 1798 surgem folhetos clandestinos anunciando a "República Baiense" e conclamando a população de Salvador a defendê-la. Seguem-se as primeiras prisões e fracassam os preparativos da luta armada. As autoridades dão início a devassas, julgam dezenas de implicados e, no começo de 1799, definem as sentenças. Seis são condenados à morte. Destes um tem a pena comutada e outro consegue fugir. Os outros quatro são enforcados

na praça da Piedade. Dois são soldados, Lucas Dantas e Luís Gonzaga das Virgens, e dois alfaiates, João de Deus Nascimento e Manuel Faustino – todos mulatos.

4. A Vinda da Família Real para o Brasil¹⁵

No princípio do século XIX, a Europa foi sacudida por uma guerra longa e violenta. Napoleão, imperador da França, organizou um exército poderoso e invadiu vários países somando vitórias. Para derrotar os ingleses, imaginou um stratagema: obrigar as outras nações a fecharem os portos à Inglaterra, que sendo uma ilha, ficaria isolada e muito enfraquecida sem poder comerciar. Acontece que Portugal e Inglaterra eram velhos aliados e faziam muitos negócios entre si, por isso os portugueses decidiram não obedecer. Napoleão preparou um exército de 30.000 homens comandados pelo General Junot e ordenou-lhe que conquistasse Portugal. Quando em Lisboa soube que viria uma invasão francesa, tomou-se a decisão: a família real devia partir imediatamente para o Brasil, que nessa época era uma colônia portuguesa.

Dom João só tomou a decisão de embarcar para o Brasil quando as tropas Napoleônicas fossem apoiadas pela Espanha, que já se aproximavam de Lisboa.

Em 15.000 mil pessoas e com navios emprestados da Inglaterra (que se comprometera a protegê-los), a Corte Portuguesa chega a Salvador onde foi recebida com grande festa em Janeiro de 1808 de onde após três anos de permanência, mudaram-se para o Rio de Janeiro.

(...) A Corte Batiza a “colônia” de Reino Unido.

Cumpriu-se o acordo com a Inglaterra e os portos brasileiros foram abertos às nações amigas, incluindo Espanha e França.

5. O Governo de D. João VI no Brasil¹⁶

João Maria José Francisco Xavier de Paula Luís António Domingos Rafael - o futuro D. João VI - nasceu em 13 de maio de 1767, no Palácio Real da Ajuda, nas cercanias de Lisboa, e morreu em 10 de março de 1826, no Paço da Bemposta, na mesma cidade, com quase 59 anos de idade.

Como príncipe ou rei, nos 34 anos de seu governo (1792-1826), D. João foi personagem da história luso-brasileira em diversos momentos significativos. Ele participou de vários acontecimentos, freqüentemente analisados pela historiografia como: a transferência da Corte portuguesa para o Brasil e a abertura dos portos brasileiros às nações amigas (1808); a assinatura dos tratados de comércio com a Inglaterra (1810); a elevação do Brasil a Reino Unido de Portugal e Algarves (1815); a repressão militar à Revolta Pernambucana (1817); o retorno da família real a Portugal (1821); o

¹⁵ MOA, Roxelana Grazielle – Guia de Estudos para Prendas e Peões, Extrato. Santa Catarina, 2005 (material utilizado pela CBTG nos concursos de 2010 e 2011), p. 21.

¹⁶ MOA, Roxelana Grazielle – Guia de Estudos para Prendas e Peões, Extrato. Santa Catarina, 2005 (material utilizado pela CBTG nos concursos de 2010 e 2011), p. 21.

reconhecimento da independência política do Brasil (1825), proclamada em 1822, por seu filho, D. Pedro I.

Há muito Portugal dependia economicamente da Inglaterra. Essa dependência acentua-se com a vinda de D. João VI ao Brasil, que gradualmente deixava de ser colônia de Portugal, para entrar na esfera do domínio britânico. Para Inglaterra industrializada, a independência da América Latina era uma promissora oportunidade de mercados, tanto fornecedores, como consumidores.

Com a assinatura dos **Tratados de 1810 (Comércio e Navegação e Aliança e Amizade)**, Portugal perdeu definitivamente o monopólio do comércio brasileiro e o Brasil caiu diretamente na dependência do capitalismo inglês.

6. A Independência no Brasil ¹⁷

6.1. Introdução

A Independência do Brasil é um dos fatos históricos mais importantes de nosso país, pois marca o fim do domínio português e a conquista da autonomia política. Muitas tentativas anteriores ocorreram e muitas pessoas morreram na luta por este ideal. Podemos citar o caso mais conhecido: Tiradentes. Foi executado pela coroa portuguesa por defender a liberdade de nosso país, durante o processo da Inconfidência Mineira.

6.2. Dia do Fico

Em 9 de janeiro de 1822, D. Pedro I recebeu uma carta das cortes de Lisboa, exigindo seu retorno para Portugal. Há tempos os portugueses insistiam nesta ideia, pois pretendiam recolonizar o Brasil e a presença de D. Pedro impedia este ideal. Porém, D. Pedro respondeu negativamente aos chamados de Portugal e proclamou: "Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico".

6.3. O processo de independência

Após o Dia do Fico, D. Pedro tomou uma série de medidas que desagradaram a metrópole (Portugal), pois preparavam caminho para a independência do Brasil. D. Pedro convocou uma Assembleia Constituinte, organizou a Marinha de Guerra, obrigou as tropas de Portugal a voltarem para o reino. Determinou também que nenhuma lei de Portugal seria colocada em vigor sem o "cumpra-se", ou seja, sem a sua aprovação. Além disso, o futuro imperador do Brasil conclamava o povo a lutar pela independência.

O príncipe fez uma rápida viagem a Minas Gerais e a São Paulo para acalmar setores da sociedade que estavam preocupados com os últimos acontecimentos, pois

¹⁷ MOA, Roxelana Grazielle - Guia de Estudos para Prendas e Peões, Extrato. Santa Catarina, 2005 (material utilizado pela CBTG nos concursos de 2010 e 2011), p. 24.

acreditavam que tudo isto poderia ocasionar uma desestabilização social. Durante a viagem, D. Pedro recebeu uma nova carta de Portugal que anulava a Assembleia Constituinte e exigia a volta imediata dele para a metrópole.

Estas notícias chegaram às mãos de D. Pedro quando este estava em viagem de Santos para São Paulo. Próximo ao riacho do Ipiranga, levantou a espada e gritou: "Independência ou Morte!". Este fato ocorreu no dia 7 de setembro de 1822 e marcou a Independência do Brasil. No mês de dezembro de 1822, D. Pedro foi declarado imperador do Brasil.

6.4. Pós Independência

Os primeiros países que reconheceram a independência do Brasil foram os Estados Unidos e o México. Portugal exigiu do Brasil o pagamento de dois milhões de libras esterlinas para reconhecer a independência de sua ex-colônia. Sem este dinheiro, D. Pedro recorreu a um empréstimo da Inglaterra.

Embora tenha sido de grande valor, este fato histórico não provocou rupturas sociais no Brasil. O povo mais pobre sequer acompanhou ou entendeu o significado da independência. A estrutura agrária continuou a mesma, a escravidão se manteve e a distribuição de renda continuou desigual. A elite agrária, que deu suporte D. Pedro I, foi a camada que mais se beneficiou.

7. Um Príncipe Brasileiro: D. Pedro I ¹⁸

Ao retornar de uma audiência com o regente de Portugal D. João VI, o embaixador da França em Lisboa, Andoche Junot, anotou no diário: "Meu Deus! Como é feio! Como é feia a princesa! Meu Deus! Como são todos feios! Não há um só rosto gracioso entre eles, exceto o do príncipe herdeiro". Junto, que dali a três anos invadiria o país, estava se referindo ao garoto Pedro de Alcântara Francisco Antônio João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon. O segundo filho varão de D. João e Carlota Joaquina nasceu no dia 12 de outubro de 1789, na sala D. Quixote do palácio de Queluz. Antônio, primogênito de D. João, morreu aos seis anos, em 1801, tornando D. Pedro o segundo na linha sucessória. Apesar disso, nem o regente nem Dona Carlota se preocuparam com a educação do filho. Em 1808, depois que D. Pedro se mudou com os pais para o Brasil, esse desleixo assumiu proporções quase criminosas. Criado solto, na Quinta da Boa Vista ou na fazenda Santa Cruz (propriedade tomada dos jesuítas, a 80 km do Rio), Pedro andava sozinho na mata, brigava a pau e soco com outras crianças, bolinava as escravas. Ali, tornou-se um exímio, mas imprudente cavaleiro: caiu do cavalo 36 vezes.

A rudeza desses primeiros anos pode ter agravado a epilepsia congênita: aos 18 anos, D. Pedro já sofrera seis ataques da doença. Alguns, durante cerimônias oficiais - que o príncipe não tolerava (no beija-mão, ele a estendia a adultos, mas, se uma criança se

¹⁸ MOA, Roxelana Grazielle - Guia de Estudos para Prendas e Peões, Extrato. Santa Catarina, 2005 (material utilizado pela CBTG nos concursos de 2010 e 2011), p. 25.

aproximava, ele a socava no queixo). Mas, desde a infância, Pedro revelou-se ser um sujeito despojado e de bom coração. Andava com roupas de algodão e chapéu de palha, tomava banho nu na praia do Flamengo, ria, debochava e zombava com quem fosse.

Era mau poeta e mau latinista, mas bom escultor e excelente músico: tocava clarinete, flauta, violino, fagote, trombone e cravo. Também tocava um instrumento e um ritmo: o violão e o lundu, que aprendera em lugares mal-afamados do Rio, como a taverna da Corneta, na Rua das Violas, onde o príncipe conheceu aquele que viria a ser seu melhor amigo, Francisco Gomes da Silva, o Chalaça. (...). E, depois que começou, não parou mais: por toda a vida, D.Pedro foi um amante latino, dândi liberal que tomava o que gostava - cavalos, mulheres ou roupas. Mas quem convivera com ele concordava com algumas de suas últimas palavras: "Orgulho-me de ser verdadeiro, humano e generoso e de ser capaz de esquecer as ofensas que me são feitas".

(...)

8. Período Regencial (1831 a 1840) ¹⁹

Nos dicionários encontra-se a palavra regência com a seguinte explicação: “governo provisório enquanto o poder não pode ser exercido pelo príncipe que tem direito de exercê-lo”.

Depois da abdicação de D.Pedro I, o governo passou a ser exercido por regentes, uma vez que D.Pedro II tinha apenas cinco anos.

8.1. A Regência Trina Provisória

No dia 7 de abril de 1831, quando D.Pedro I abdicou, a Assembleia Geral do Império (Senado e Câmara dos Deputados) estava de férias e apenas alguns deputados e senadores encontravam-se no Rio de Janeiro. Estes, por causa de seu pequeno número, só puderam eleger uma regência provisória (...).

Passaram-se alguns meses, deputados e senadores voltaram ao Rio de Janeiro e, depois de reuniões e acordos políticos, foi estabelecido um novo governo.

8.2. A Regência Trina Permanente

Em junho de 1831, o novo governo ficava organizado com três regentes: José da Costa Carvalho, representante das províncias do Sul do país, João Bráulio Muniz que representava o Norte-nordeste, e o Brigadeiro Francisco de Lima e Silva, apelidado pelo povo do Rio de Janeiro de Chico Regência, representando o Centro.

O povo, especialmente o do Rio de Janeiro, ficou insatisfeito com o novo governo que só incluía políticos conservadores e inúmeras revoltas explodiram na capital.

¹⁹ MOA, Roxelana Grazielle - Guia de Estudos para Prendas e Peões, Extrato. Santa Catarina, 2005 (material utilizado pela CBTG nos concursos de 2010 e 2011), p. 26.

As revoltas das camadas populares foram fomentadas pela série de problemas com que se debatia o país: a crise econômica, a dívida externa, o aumento do custo de vida e dos impostos. Tais problemas haviam levado a abdicação de Pedro I e continuavam a se agravar.

8.3. A Criação dos Primeiros Partidos

Os debates políticos na época eram encabeçados por três agrupamentos políticos: Liberais Moderados, Liberais Exaltados e Restauradores ou Caramurus.

Os Liberais Moderados que ocupavam o poder regencial, representavam os grandes fazendeiros e desejavam manter o Império sem grandes mudanças e com um governo fortemente centralizado no Rio de Janeiro.

Os Liberais Exaltados, chamados de Farroupilhas por suas ligações com o povo, desejavam reformas como o aumento de poder das províncias (descentralização), chegando alguns a defender a república. Entre eles existiam também alguns fazendeiros do Nordeste e do Rio Grande do Sul, interessados em aumentar a autonomia das suas províncias.

Os chamados Caramurus ou Restauradores agrupavam brasileiros ricos e portugueses, eram liderados por José Bonifácio e defendiam a volta de D.Pedro I ao trono.

8.4. O ato adicional de 1834

Em agosto de 1834 foi aprovado pela Assembleia Geral o Ato Adicional que, entre outras, estabelecia as seguintes mudanças: a regência passaria a ser uma e escolhida por eleitores de todo o país e não pela Assembleia Geral; o mandato do regente seria de 4 anos; as Assembleias Provinciais seriam eleitas e passavam a ter capacidade de fazer leis; cada província poderia também eleger os seus juizes e ter uma polícia própria.

No entanto os governadores de cada província continuavam a ser nomeados pelo governo central.

8.5. Morte e Mudança

Em setembro de 1834 ocorreu um outro fato político importante: D.Pedro I morreu em Portugal.

Com a morte do ex-imperador o partido dos restauradores perdia a razão de existir e os seus membros passaram a aderir ao grupo dos moderados.

8.6. A Regência Una

Em 1835, pela primeira vez, os brasileiros votavam numa eleição para o poder executivo. Escolhiam um regime único que teria poderes equivalentes aos de um presidente da república.

É claro que os eleitores eram minoria, pois a Constituição de 1824 estabelecia que só podiam votar pessoas com altas rendas.

Foi eleito o padre Diogo Antônio Feijó, que tomou posse em 1836.

8.7. As Rebeliões Provinciais/ Movimentos Revolucionários (1831 a 1840)²⁰



Movimentos sociais no período Regencial.

²⁰ MOA, Roxelana Grazielle - Guia de Estudos para Prendas e Peões, Extrato. Santa Catarina, 2005 (material utilizado pela CBTG nos concursos de 2010 e 2011), p. 27.

9. Antecipação da Maioridade de D. Pedro de Alcântara ²¹

(...) No dia 21 de julho de 1840, os representantes do Partido Progressista, ou Liberal, liderados por Antônio Carlos, apresentaram à Assembleia Geral um projeto de declaração da maioridade, antecipando o início do Governo pessoal de D. Pedro II.

O Governo regencial, procurando ganhar tempo, tentou evitar a votação, adiando a abertura das sessões para novembro.

Inconformados, os deputados, com o apoio do Senado, formaram uma comissão que foi ao palácio de São Cristóvão pedir ao jovem Príncipe herdeiro que concordasse em assumir o Governo. Ele aceitou e, em 23 de julho de 1840, prestou juramento na Assembleia Geral.(...)

A antecipação da maioridade restabeleceu a paz no Império. A Regência foi extinta, e o Governo foi entregue a seu segundo Imperador, D. Pedro II, que completaria 15 anos no dia 2 de dezembro.

10. Escravidão no Brasil ²²

(...) No Brasil, a escravidão teve início com a produção de açúcar na primeira metade do século XVI. Os portugueses traziam os negros africanos de suas colônias na África para utilizar como mão-de-obra escrava nos engenhos de açúcar do Nordeste. Os comerciantes de escravos portugueses vendiam os africanos como se fossem mercadorias aqui no Brasil. Os mais saudáveis chegavam a valer o dobro daqueles mais fracos ou velhos.

O transporte era feito da África para o Brasil nos porões dos navios negreiros. Amontoados, em condições desumanas, muitos morriam antes de chegar ao Brasil, sendo que os corpos eram lançados ao mar.

Nas fazendas de açúcar ou nas minas de ouro (a partir do século XVIII), os escravos eram tratados da pior forma possível. Trabalhavam muito (de sol a sol), recebendo apenas trapos de roupa e uma alimentação de péssima qualidade. Passavam as noites nas senzalas (galpões escuros, úmidos e com pouca higiene) acorrentadas para evitar fugas. Eram constantemente castigados fisicamente, sendo que o açoite era a punição mais comum no Brasil Colônia.

Eram proibidos de praticar sua religião de origem africana ou de realizar suas festas e rituais africanos. Tinham que seguir a religião católica, imposta pelos senhores de engenho, adotar a língua portuguesa na comunicação. Mesmo com todas as imposições e restrições, não deixaram a cultura africana se apagar. Escondidos, realizavam seus rituais, praticavam suas festas, mantiveram suas representações artísticas e até desenvolveram uma forma de luta: a capoeira.

As mulheres negras também sofreram muito com a escravidão, embora os senhores de engenho utilizassem esta mão-de-obra, principalmente, para trabalhos domésticos.

²¹ MOA, Roxelana Grazielle – Guia de Estudos para Prendas e Peões, Extrato. Santa Catarina, 2005 (material utilizado pela CBTG nos concursos de 2010 e 2011), p. 36.

²² MOA, Roxelana Grazielle – Guia de Estudos para Prendas e Peões, Extrato. Santa Catarina, 2005 (material utilizado pela CBTG nos concursos de 2010 e 2011), p. 40.

Cozinheiras, arrumadeiras e até mesmo amas de leite foram comuns naqueles tempos da colônia.

No Século do Ouro (XVIII) alguns escravos conseguiam comprar sua liberdade após adquirirem a carta de alforria. Juntando alguns "trocados" durante toda a vida, conseguiam tornar-se livres. Porém, as poucas oportunidades e o preconceito da sociedade acabavam fechando as portas para estas pessoas.

O negro também reagiu à escravidão, buscando uma vida digna. Foram comuns as revoltas nas fazendas em que grupos de escravos fugiam, formando nas florestas os famosos quilombos. Estes eram comunidades bem organizadas, onde os integrantes viviam em liberdade, através de uma organização comunitária aos moldes do que existia na África. Nos quilombos, podiam praticar sua cultura, falar sua língua e exercer seus rituais religiosos. O mais famoso foi o Quilombo de Palmares, comandado por Zumbi.

10.1. Campanha Abolicionista e a Abolição da Escravatura

(...) Em 1850, o Brasil cedeu às pressões inglesas e aprovou a Lei Eusébio de Queiróz que acabou com o tráfico negreiro. Em 28 de setembro de 1871 era aprovada a Lei do Ventre Livre que dava liberdade aos filhos de escravos nascidos a partir daquela data. E no ano de 1885 era promulgada a Lei dos Sexagenários que garantia liberdade aos escravos com mais de 60 anos de idade.

Somente no final do século XIX é que a escravidão foi mundialmente proibida. Aqui no Brasil, sua abolição se deu em 13 de maio de 1888 com a promulgação da Lei Áurea, feita pela Princesa Isabel.

10.2. Abolição da Escravatura - Lei Áurea

Na época em que os portugueses começaram a colonização do Brasil, não existia mão-de-obra para a realização de trabalhos manuais. Diante disso, eles procuraram usar o trabalho dos índios nas lavouras; entretanto, esta escravidão não pôde ser levada adiante, pois os religiosos se colocaram em defesa dos índios condenando sua escravidão. Assim, os portugueses passaram a fazer o mesmo que os demais europeus daquela época. Eles foram à busca de negros na África para submetê-los ao trabalho escravo em sua colônia. Deu-se, assim, a entrada dos escravos no Brasil.

Os negros, trazidos do continente Africano, eram transportados dentro dos porões dos navios negreiros. Devido às péssimas condições deste meio de transporte, muitos deles morriam durante a viagem. Após o desembarque eles eram comprados por fazendeiros e senhores de engenho, que os tratavam de forma cruel e desumana.

Apesar desta prática ser considerada "normal" do ponto de vista da maioria, havia aqueles que eram contra este tipo de abuso. Estes eram os abolicionistas (grupo formado por literatos, religiosos, políticos e pessoas do povo); contudo, esta prática permaneceu por quase 300 anos. O principal fator que manteve a escravidão por um longo período foi o econômico. A economia do país contava somente com o trabalho escravo para realizar as tarefas da roça e outras tão pesadas quanto estas. As providências para a libertação dos escravos deveriam ser tomadas lentamente.

A partir de 1870, a região Sul do Brasil passou a empregar assalariados brasileiros e imigrantes estrangeiros; no Norte, as usinas substituíram os primitivos engenhos, fato que permitiu a utilização de um número menor de escravos. Já nas principais cidades, era grande o desejo do surgimento de indústrias. Visando não causar prejuízo aos proprietários, o governo, pressionado pela Inglaterra, foi alcançando seus objetivos aos poucos. O primeiro passo foi dado em 1850, com a extinção do tráfico negreiro. Vinte anos mais tarde, foi declarada a Lei do Ventre-Livre (de 28 de setembro de 1871). Esta lei tornava livre, os filhos de escravos que nascessem a partir de sua promulgação.

Em 1885, foi aprovada a lei Saraiva-Cotegipe ou dos Sexagenários que beneficiava os negros de mais de 60 anos. Foi em 13 de maio de 1888, através da Lei Áurea, que liberdade total finalmente foi alcançada pelos negros no Brasil. Esta lei, assinada pela Princesa Isabel, abolia de vez a escravidão no Brasil.

10.3. Quilombos

No período de escravidão no Brasil (séculos XVII e XVIII), os negros que conseguiam fugir se refugiavam com outros em igual situação em locais bem escondidos e fortificados no meio das matas. Estes locais eram conhecidos como quilombos. Nestas comunidades, eles viviam de acordo com sua cultura africana, plantando e produzindo em comunidade. Na época colonial, o Brasil chegou a ter centenas destas comunidades espalhadas, principalmente, pelos atuais estados da Bahia, Pernambuco, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais e Alagoas.

Na ocasião em que Pernambuco foi invadida pelos holandeses (1630), muitos dos senhores de engenho acabaram por abandonar suas terras. Este fato beneficiou a fuga de um grande número de escravos. Estes, após fugirem, buscaram abrigo no Quilombo dos Palmares, localizado em Alagoas.

(...)

A luta contra os negros de Palmares durou por volta de cinco anos; contudo, apesar de todo o empenho e determinação dos negros chefiados por Zumbi, eles, por fim, foram derrotados.

Os quilombos representaram uma das formas de resistência e combate à escravidão. Rejeitando a cruel forma de vida, os negros buscavam a liberdade e uma vida com dignidade, resgatando a cultura e a forma de viver que deixaram na África.

11. Proclamação da República no Brasil ²³

No final da década de 1880, a monarquia brasileira estava numa situação de crise, pois representava uma forma de governo que não correspondia mais às mudanças sociais em processo. Fazia-se necessário a implantação de uma nova forma de governo que fosse capaz de fazer o país progredir e avançar nas questões políticas, econômicas e sociais.

²³ MOA, Roxelana Grazielle – Guia de Estudos para Prendas e Peões, Extrato. Santa Catarina, 2005 (material utilizado pela CBTG nos concursos de 2010 e 2011), p. 43.

11.1. Crise da Monarquia

A crise do sistema monárquico brasileiro pode ser explicada através de algumas questões:

- Interferência de D. Pedro II nos assuntos religiosos, provocando um descontentamento na Igreja Católica;
- Críticas feitas por integrantes do Exército Brasileiro, que não aprovavam a corrupção existente na corte. Além disso, os militares estavam descontentes com a proibição, imposta pela Monarquia, pela qual os oficiais do Exército não podiam se manifestar na imprensa sem uma prévia autorização do Ministro da Guerra;
- A classe média (funcionários públicos, profissionais liberais, jornalistas, estudantes, artistas, comerciantes) estava crescendo nos grandes centros urbanos e desejava mais liberdade e maior participação nos assuntos políticos do país. Identificada com os ideais republicanos, esta classe social passou a apoiar o fim do império;
- Falta de apoio dos proprietários rurais, principalmente dos cafeicultores do Oeste Paulista, que desejavam obter maior poder político, já que tinham grande poder econômico;
- Diante das pressões citadas, da falta de apoio popular e das constantes críticas que partiam de vários setores sociais, o imperador e seu governo encontravam-se enfraquecidos e frágeis. Doente, D. Pedro II estava cada vez mais afastado das decisões políticas do país. Enquanto isso, o movimento republicano ganhava força no Brasil.

11.2. A Proclamação da República

No dia 15 de novembro de 1889, o Marechal Deodoro da Fonseca, com o apoio dos republicanos, demitiu o Conselho de Ministros e seu presidente. Na noite deste mesmo dia, o marechal assinou o manifesto proclamando a República no Brasil e instalando um governo provisório.

Após 67 anos, a monarquia chegava ao fim. No dia 18 de novembro, D. Pedro II e a família imperial partiam rumo à Europa. Tinha início a República Brasileira com o Marechal Deodoro da Fonseca assumindo provisoriamente o posto de presidente do Brasil. A partir de então, o país seria governado por um presidente escolhido pelo povo através das eleições. Foi um grande avanço rumo à consolidação da democracia no Brasil.

12. Presidentes do Brasil ²⁴

Com a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889, o Brasil deixou de ser governado por um monarca para ser governado por um presidente da República, pois nosso país passou a ser uma República Federativa. Conheça abaixo a relação de todos os presidentes, desde o advento da República até os dias de hoje. Nesta lista segue o período em que o presidente governou o Brasil, seguido de seu nome completo e, entre parênteses, o nome ou apelido pelo qual ficou conhecido.

- 1889 - 1891 - Marechal Manuel Deodoro da Fonseca (Marechal Deodoro da Fonseca)
- 1891 - 1894 - Marechal Floriano Vieira Peixoto (Marechal Floriano Peixoto)
- 1894 - 1898 - Prudente José de Moraes Barros (Prudente de Moraes)
- 1898 - 1902 - Manuel Ferraz de Campos Sales (Campos Sales)
- 1902 - 1906 - Francisco de Paula Rodrigues Alves (Francisco Alves)
- 1906 - 1909 - Afonso Augusto Moreira Penna (Afonso Penna)
- 1909 - 1910 - Nilo Peçanha (Nilo Peçanha)
- 1910 - 1914 - Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca (Marechal Hermes da Fonseca)
- 1914 - 1918 - Wenceslau Brás Pereira Gomes (Wenceslau Brás)
- 1918 - 1919 - Delfim Moreira da Costa Ribeiro (Delfim Moreira)
- 1919 - 1922 - Epitácio da Silva Pessoa (Epitácio Pessoa)
- 1922 - 1926 - Authur da Silva Bernardes (Arthur Bernardes)
- 1926 - 1930 - Washington Luís Pereira de Sousa (Washington Luís)
- 1930 - Junta governativa: General Tasso Fragoso, General João de Deus Mena Barreto e Almirante Isaías de Noronha
- 1930 - 1945 - Getúlio Dorneles Vargas (Getúlio Vargas).
- 1946 - 1951 - General Eurico Gaspar Dutra (Dutra)
- 1951 - 1954 - Getúlio Dorneles Vargas (Getúlio Vargas)
- 1954 - 1955 - João Café Filho (Café Filho)
- 1956 - 1961 - Juscelino Kubitschek de Oliveira (Juscelino Kubitschek - JK)
- 1961 - Jânio da Silva Quadros (Jânio Quadros)
- 1961 - 1964 - João Belchior Marques Goulart (João Goulart - Jango)
- 1964 - 1967 - Marechal Humberto de Alencar Castello Branco (Marechal Castello Branco)
- 1967 - 1969 - Marechal Arthur da Costa e Silva (marechal Costa e Silva)
- 1969 - 1974 - General Emílio Garrastazu Médici (General Médici)
- 1974 - 1979 - General Ernesto Geisel (General Ernesto Geisel)
- 1979 - 1985 - General João Baptista de Oliveira Figueiredo (General Figueiredo)
- 1985 - 1990 - José Sarney (Sarney)
- 1990 - 1992 - Fernando Afonso Collor de Melo (Fernando Collor)
- 1992 - 1995 - Itamar Augusto Cautiero Franco (Itamar Franco)
- 1995 - 2002 - Fernando Henrique Cardoso (Fernando Henrique Cardoso - FHC)
- 2003 - 2010 - Luiz Inácio Lula da Silva. (Lula)
- 2011 - 2016 - Dilma Vana Rousseff (Dilma Rousseff)
- 2016 - Hoje - Michel Miguel Elias Temer Lulia (Michel Temer)

²⁴ MOA, Roxelana Grazielle - Guia de Estudos para Prendas e Peões, Extrato. Santa Catarina, 2005 (material utilizado pela CBTG nos concursos de 2010 e 2011), p. 44.

HISTÓRIA DA CBTG

Obs. Apenas para o Concurso de Prendas)

1. Histórico ²⁵

Para fundação da Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha foi realizada a reunião na cidade de Ponta Grossa, no dia 23 de maio de 1987, tendo como participantes representantes do MTG-RS, do MTG-PR, da Federação Paulista de Tradições Gaúchas do Estado de São Paulo; do Estado de Santa Catarina, do vizinho País, Uruguai e autoridades locais.

A reunião teve como objetivo um primeiro encontro para estudos da criação de uma Federação Nacional de Tradicionalistas, que reunisse o Movimento Tradicionalista em âmbito nacional.

Na oportunidade, foi evidenciada a importância da criação da Federação, para conquistar a credibilidade pública, razão do interesse dos tradicionalistas em participar do desenvolvimento do país e, para tanto, havia a necessidade de organização e união. Ressaltou-se ainda, a importância das pesquisas das raízes tradicionalistas para um intercâmbio oficial, e o mérito maior da Federação, é nascer por intermédio da amizade.

Era importante conscientizar a todos sobre o objetivo de se criar essa Federação, que é a união, pois sem a mesma deixa de existir a tradição.

Decidiram chamá-la de Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha. Foi tratada ainda de uma comissão para elaboração do Estatuto e da organização do 1º Congresso Brasileiro da Tradição Gaúcha.

Assim, em 24 de maio de 1987, na Reunião de Ponta Grossa - PR, foi fundada a **CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DA TRADIÇÃO GAÚCHA - CBTG**. [g.n]

Estiveram presentes os Presidentes, Roberto Cesar Mendes de Araujo- MTG-PR; Zeno Dias Chaves - MTG-RS; Décio Albino de Oliveira - FPTG (Federação Paulista da Tradição Gaúcha)

O documento de criação da CBTG é conhecido como conhecido como **Manifesto de Ponta Grossa**.

“Os tradicionalistas gaúchos do Brasil reunidos na histórica cidade de Ponta Grossa, Estado do Paraná, conscientes da gravidade do momento por que atravessa a humanidade e em especial o laborioso e sacrificado povo brasileiro, que além da espoliação cultural da nossa gente por interesses alienígena que não nos dizem respeito e ferem danosamente os nossos princípios, nossos usos e costumes e a própria filosofia da vida de novo povo, principalmente, expõem:

1 - Considerando que os gaúchos, não só no Rio Grande do Sul, mas em diversos Estados de nossa Pátria, fundaram Centros de Tradições Gaúchas com os objetivos óbvios da Carta de Princípios do Tradicionalismo;

²⁵ CALDERAN, Loiva Lopes Anais do 15º Congresso Brasileiro da Tradição Gaúcha, Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha. Brasília. 2010. P.70.

2 - Considerando o crescimento global dos Centros de Tradições Gaúchas de todo o Brasil preocupados com a realidade brasileira, e sentindo a necessidade de pôr em prática os objetivos da Carta de Seival;

3 - Considerando que, a exemplo do Rio Grande do Sul, com o MTG, as entidades tradicionalistas de Santa Catarina, Paraná e São Paulo organizaram-se em Federações;

4 - Considerando a já existência do Conselho Internacional da Tradição Gaúcha que reúne Brasil, Argentina e Uruguai com os objetivos propostos na Proclamação de Montevideú, e a realização já de dois Congressos;

5 - Considerando que os tradicionalistas gaúchos do Brasil não podem continuar com as suas Federações individualizadas, tendo a necessidade de reunirem-se a formar um bloco uníssono, respeitadas as peculiaridades de cada Estado.

Resolvem:

- a) Institucionalizar a **CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DA TRADIÇÃO GAÚCHA**, que reunirá as Federações existentes, a critério destas;
- b) Dar oficialidade à mesma, com as Federações signatárias do Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo “ad referendum” das mesmas, segundo seus Estatutos;
- c) Na impossibilidade legal de revestir essa Confederação de personalidade jurídica, funcione esta provisoriamente, de direito, como Associação das Federações;
- d) Seja oficiado à Federação do Estado de Santa Catarina, informando da decisão e formulando convite para integrar a Confederação;
- e) Auxiliar os Centros de Tradições Gaúchas existentes em grande número em Federações, e posteriormente integrem esta Confederação;
- f) Fica criada uma Comissão Provisória que terá a incumbência de elaborar os Estatutos da **CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DA TRADIÇÃO GAÚCHA**, constituída conforme e ata lavrada na reunião da qual emergiu esta manifesto.

Para honrar a glória das Tradições Gaúchas e pela certeza de um futuro digno para a nossa Pátria e para legado aos nossos descendentes, lavrou-se este manifesto aos vinte e quatro (24) do mês de maio de 1987, na histórica cidade de Ponta Grossa, Estado do Paraná, Brasil.”

O manifesto possui as seguintes assinaturas:

- ✓ Zeno Dias Chaves, Presidente do MTG-RS;
- ✓ Roberto César Mendes de Araújo, Presidente do MTG-PR;
- ✓ Décio Albino de Oliveira, Presidente da FPTG;
- ✓ Onésimo Carneiro Duarte, 1º. Vice-Presidente do MTG-RS;
- ✓ Nei Antonio Zardo, 2º. Vice-Presidente do MTG-RS;
- ✓ José Theodoro Bellaguarda de Menezes, Conselheiro do MTG-RS;
- ✓ Omair Ribeiro Trindade, Conselheiro do MTG-RS;
- ✓ Vilson Silva Freitas, Conselheiro do MTG-RS;
- ✓ Sidney Mendes de Arruda, Coordenador do MTG-PR;
- ✓ José Moraes Gonçalves, Coordenador do MTG-PR;
- ✓ Antonio França de Araújo Coordenador do MTG-PR;
- ✓ Cesar Setti, Coordenador do MTG-PR;

- ✓ Dionisio Uliane Neto, Coordenador do MTG-PR;
- ✓ Luiz Antonio Machado de Ávila, Coordenador do MTG-PR;
- ✓ Joaquim Adão Hupp de Lima, Coordenador do MTG-PR, e
- ✓ Suzana Maria, Coordenadora do MTG-PR.

O professor Manoelito Savaris ²⁶ leciona sobre a criação da CBTG: “Em termos de organização do tradicionalismo, criou-se a necessidade de uma estrutura organizadora nacional. Os CTGs se espalharam pelo Brasil e os estados se organizaram em federações (a exemplo do Rio Grande do Sul). Em 1987, no dia 24 de maio, depois de muito debate e muitas reuniões, foi criada a Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha - CBTG. Atualmente a Confederação é composta pelos MTGs do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Amazônia Ocidental, Federação Tradicionalista Gaúcha do Planalto Central - FTG/PC, União Tradicionalista do Nordeste - UTGN e União Tradicionalista Gaúcha do Rio de Janeiro.”

2. Ex-Presidentes da CBTG ²⁷:

- Jacob Momm Filho - MTG-SC (1988)
- Nei Antonio Zardo - MTG-RS (1989/91)
- José Theodoro Bellaguarda de Menezes - MTG-RS (1991/93)
- Rubens Luis Sartori - MTG-PR (1993/95)
- João Francisco Rodrigues de Andrade - MTG-RS (1995/97)
- João Joarez Ribeiro Esmério - MTG-SC (1997/99)
- Edson Otto - MTG-RS (1999/01)
- Celso Souza Soares - MTG-RS (2001/03) e (2003/05)
- Celívio Holz - MTG-SC (2005/07)
- Décio Albino de Oliveira - MTG-SP (2007/09)
- Dorvílio Calderan - MTG-PC (2009/11)
- Manoelito Carlos Savaris - MTG - RS (2011/13)
- Erival Bertolini - MTG-RS (2013/14)²⁸

²⁶ SAVARIS, Manoelito Carlos - Manual de Tradicionalismo Gaúcho,- Publicação MTG-RS, 2012. P.103.

²⁷ CALDERAN, Loiva Lopes Anais do 15º Congresso Brasileiro da Tradição Gaúcha, Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha. Brasília. 2010. P.74.

²⁸ Inserido por este material - conforme www.cbtg.com.br

3. Símbolos

3.1. Brasão da CBTG ²⁹:



3.2. Bandeira da CBTG ³⁰:



As cores utilizadas na bandeira da CBTG são as cores da bandeira do Brasil.

3.3. Lema da CBTG:

“Um povo sem tradição é um povo que morre a cada geração”

²⁹ www.cbtg.com.br

³⁰ www.cbtg.com.br

4. Convenção de Florianópolis ³¹

A ser realizada em outubro de 1988, para aprovação do Estatuto e Regulamentos, Eleição e Posse da 1ª. diretoria.

Em 07/10/1988, reunião prévia dos delegados dos MTGs dos Estados de SC, RS, PR e SP, relativa a programação do 1º. Congresso Federal da Tradição Gaúcha, de 07 a 09 de outubro de 1988, em Florianópolis, SC, acerca da institucionalização da Federação Brasileira da Tradição Gaúcha e estabelecida a Diretoria Executiva.

5. Dados Históricos ³²

Primeira Diretoria Executiva da CBTG
Presidente: Jacob Momm Filho – MTG-SC
1º Vice-Presidente: Murad Mussi Sobrinho – MTG-SC
2º Vice-Presidente: Eduardo Andriani – MTG-SC
3º Vice-Presidente: Luis Carlos Regis – MTG-SC
Presidente de Honra: José Theodoro Bellaguarda – MTG-RS

- O 1º Congresso Federal da Tradição Gaúcha ocorreu ente 7 e 10 de outubro de 1988, na cidade de Florianópolis-SC;
- O 1º Rodeio Crioulo de Campeões ocorreu entre 13 e 15 de janeiro de 1990 no Fogo de Chão de Guarapuava,PR;
- O 1º FENART (Festival Nacional de Arte e Tradição Gaúcha) ocorreu no dia 13 de janeiro de 1994 no CTG Sentinela do Pantanal, cidade de Coxim, MS.
- O 1º Encontro de Jovens da CBTG foi realizado paralelo ao 2º. Congresso Brasileiro da Tradição Gaúcha, em 14/10/1989, na Prefeitura Municipal de Tramandaí-RS
- Os 1º Jogos Tradicionalistas foram realizados entre os dias 24 e 27/07/2003 no Parque de Exposições de Sorriso-MT (o que havia ocorrido em Brasília, em 2001 foram competições esportivas, mas não foram os Jogos Tradicionalistas)
- O 1º Concurso de Prendas da CBTG foi realizado no dia 14 de janeiro de 1994 no CTG Sentinela do Pantanal, cidade de Coxim, MS.

O atual Presidente da CBTG é o senhor **João Ermelino de Mello** do Movimento Tradicionalista Gaúcho do Mato Grosso do Sul³³.

³¹ CALDERAN, Loiva Lopes Anais do 15º Congresso Brasileiro da Tradição Gaúcha, Loiva Lopes Calderan, Brasília. 2010; p.75.

³² CALDERAN, Loiva Lopes Anais do 15º Congresso Brasileiro da Tradição Gaúcha, Loiva Lopes Calderan, Brasília. 2010;

³³ www.cbtg.com.br

FOLCLORE, TRADIÇÃO E TRADICIONALISMO

1. Conceitos importantes ³⁴

1.1. Tradição:

Tradição é a transmissão de fatos culturais de um povo, quer de natureza espiritual ou material, ou ainda é a transmissão dos costumes feita de pais para filhos no decorrer dos tempos, ao sucederem-se as gerações. É a memória cultural de um povo. É um conjunto de ideias, usos, memórias, recordações e símbolos conservados pelos tempos, pelas gerações, sendo assim a eterna vigilância cultural.

Faz-se necessário ressaltar, que a tradição não é um exclusividade de nós os gaúchos, uma vez que todos os povos têm sua tradição. Mas nós temos a nossa tradição, a nossa escala de valores, que nos é peculiar.

1.2. Tradicionalismo:

É o movimento, a tradição em marcha. O tradicionalismo é um estado de consciência, que busca preservar as boas coisas do passado, sem conflitar com o progresso, através do cultivar, vivenciar e preservar o patrimônio sócio-cultural do povo gaúcho. É a sociedade que defende, preserva, cultua e divulga a tradição gaúcha, que congrega defensores dos costumes, dos hábitos, da cultura, dos valores do gaúcho.

1.3. Folclore:

Folclore é a ciência que estuda a cultura espontânea do grupo social, que estuda todas as manifestações espontâneas do povo que tem escrita (povo gráfico), tanto do ponto de vista material, quanto espiritual. Como o próprio nome sintetiza, é a ciência do povo, são as tradições, os costumes, as crenças populares, o conjunto de canções, as manifestações artísticas, enfim, tudo o que nasceu do povo e foi transmitido através das gerações.

1.4. Nativismo:

Nativismo não é um culto como a tradição, mas é sim um dos valores desse culto. Pode ser definido como o sentimento de amor pelo chão onde se nasce, de onde se é nato.

³⁴ www.mtg.org.br - http://ideiailtda.com.br/clientes/mtg/folc_conceit.php

Por sermos gaúchos, acreditamos que não exista povo mais nativista que nós, mas somos sabedores de que esse sentimento de amor pela nossa terra natal, a exemplo da tradição, também não é patrimônio exclusivo e peculiar nosso.

2. A Tradição Gaúcha³⁵

Foi há menos de 200 anos que a palavra gaúcho (gaúcho das duas bandas de Prata), apareceu citada em anotações ou documentos e de forma pejorativa. Por isso, até meados do século passado, ainda nos chamavam de “continentinos” ou “rio-grandenses”, porque “gaúcho” significava vagabundo, gaudério, arreador, ladrão de campo. Somente aos poucos, nos últimos 100 anos, quando a Província começou a sedimentar raízes, inclusive étnicas, de sua constituição atual, é que a palavra gaúcho se retemperou com o sentido de calor elogioso e passou a ser cantada com orgulho, às vezes até meio arrogante, na poesia popular: “Quem é gaúcho de Lei/De Bom Guasca de verdade/Ama Acima de tudo o bom sol da liberdade”.

Na formação da gente gaúcha, aos Tapes e Charruas se juntaram desbravadores paulistas, depois casais de açorianos e grupos imigrantes de várias origens, dando início a um processo de caldeamento que até hoje continua, formando essa etnia, forjada na bravura da gente que “desenhou o atual Rio Grande do Sul a ponta de lança e de adaga, no bater dos cascos de seus cavalos”.

O gaúcho que é nativo do pampa (uruguaio, argentino e brasileiro, rio-grandense), tem sua cultura própria, por sua formação etimológica (indígena e espanhola em seus primórdios, portuguesa e, bem mais tarde, alemã e italiana).

A influência estrangeira legada aos nativos, o meio ambiente, a atividade puramente pastoril, e as lutas pela posse da terra e fixação dos limites de fronteiras, criaram um meio de vida próprio da região, com costumes, lendas, danças, canções e ritmos musicais, locais. Através dos tempos, foi-se desenvolvendo um forte espírito tradicionalista, por meio de um folclore rico em crenças populares, ritmos musicais e costumes estritamente regionalistas.

Esse conjunto de tradições é cultivado e tem sua preservação e transmissão às idades futuras através de contos de Tradições Gaúchas.

3. A História do Movimento Tradicionalista³⁶

No fim da II Guerra Mundial, o mundo ocidental encontrava-se com grande influência exercida pela posição dos Estados Unidos. Tornou-se, assim, o principal centro de irradiação da moda, da cultura e as elites urbanas, principalmente os jovens, começaram a imitar o que era americano, "way of life".

³⁵ FAGUNDES, Taylor – Polígrafo utilizado no Concurso de Prendas e Peões da CBTG em 2010 e 2011. Santa Maria, 1984, p.16.

³⁶ MOA, Roxelana Grazielle – Guia de Estudos para Prendas e Peões, Extrato. Santa Catarina, 2005 (material utilizado pela CBTG nos concursos de 2010 e 2011), p.77.

Com rapidez, a juventude voltava às costas para as suas raízes culturais, e os intelectuais rio-grandenses demonstravam sua insatisfação com aquele estado de coisas, e tinham a consciência de que as pressões do modismo americano sufocavam a cultura local, o Rio Grande, de resto, o mundo todo.

O Brasil estava saindo da ditadura de Getúlio Vargas, que havia amordaçado a imprensa, e que prejudicava o desenvolvimento e prática das culturas regionais. Com isso, perdia-se o sentimento de culto às tradições; nossas raízes estavam relegadas ao esquecimento, adormecidas, reflexo da proibição de demonstrações de amor ao regional. Bandeiras e Hinos dos estados foram, simbolicamente, queimados em cerimônia no Rio de Janeiro e, diante de tudo isso, os gaúchos estavam acomodados àquela situação, apáticos, sem iniciativa.

3.1. "O GRUPO DOS OITO"

Mas nem todos estavam adormecidos.

Em agosto de 1947, em Porto Alegre, eclodiu forte uma proposta de esperança, onde a liberdade e o amor à terra tinham vez e lugar. Jovens estudantes, oriundos do meio rural, de todas as classes sociais, liderados por Paixão Cortes, criam um Departamento de Tradições Gaúchas no Colégio Júlio de Castilhos, com a finalidade de preservar as tradições gaúchas, mas também desenvolver e proporcionar uma revitalização da cultura rio-grandense, interligando-se e valorizando-a no contexto da cultura brasileira. Dentro deste espírito é que surge a criação da Ronda Crioula, estendendo-se do dia 7 ao dia 20 de setembro, as datas mais significativas para os gaúchos. Era a semente da nossa atual "semana farroupilha".

Entusiasmados com a idéia procuraram a Liga de Defesa Nacional, e contataram o então Major Darcy Vignolli, responsável pela organização das festividades da "Semana da Pátria", e lhe expressaram o desejo do grupo de se associarem aos festejos, propondo a possibilidade de ser retirada uma centelha do "Fogo Simbólico da Pátria" para transformá-la em "Chama Crioula", como símbolo da união indissolúvel do Rio Grande à Pátria Mãe, e do desejo de que a mesma aquecesse o coração de todos os gaúchos e brasileiros até o dia 20 de setembro, data magna estadual.

Nessa oportunidade, Paixão recebeu o convite para montar uma guarda de gaúchos pilchados em honra ao herói farrapo, David Canabarro, que seria trasladado de Santana do Livramento para Porto Alegre.

Paixão Cortes, para atender o honroso convite, reuniu um piquete de oito gaúchos bem pilchados e, no dia 5 de setembro de 1947, prestaram a homenagem a Canabarro. Esse piquete é hoje conhecido como o Grupo dos Oito, ou Piquete da Tradição. Primeira semente que seria semeada no ano seguinte, na criação do "35" CTG. Antônio João de Sá Siqueira, Fernando Machado Vieira, João Machado Vieira, Cilso Araújo Campos, Ciro Dias da Costa, Orlando Jorge Degrazzia, Cyro Dutra Ferreira e João Carlos Paixão Cortes, seu líder. Durante o cortejo, o "grupo dos Oito", os jovens estudantes, conduziam as bandeiras do Brasil, do Rio Grande e do Colégio Júlio de Castilhos.

3.2. Chama Crioula e a 1ª Ronda

Como haviam decidido, no dia 7 de setembro, à meia noite, antes de extinto o "fogo Simbólico da Pátria", Paixão Côrtes, na companhia de Fernando Machado Vieira e Cyro Dutra Ferreira, retirou a hoje cinquentenária "Chama Crioula", que ardeu em um candeeiro crioulo até a meia noite do dia 20 de setembro, quando foi extinta no Teresópolis Tênis Clube, onde se realizava o primeiro Baile Gaúcho, por eles organizado.

Durante a Ronda Crioula, os jovens pioneiros realizaram intervenções em programas da Rádio Farroupilha, entraram em contato com o escritor Manoelito de Ornelas, o qual noticiou os acontecimentos da Ronda pelo Jornal Correio do Povo, em Porto Alegre.

Com a Ronda, outros jovens companheiros foram se agregando às comemorações: Barbosa Lessa, Wilmar Santana, Glaucus Saraiva, Flávio Krebs, Ivo Sanguinetti e outros tantos. Após o sucesso da Ronda, mas principalmente pela decisão tomada em manterem-se unidos para matear e prosear, o que se realizava na casa de Paixão Côrtes.

Especial episódio diz respeito à inclusão de Barbosa Lessa ao núcleo formado por Paixão Cortes. Barbosa Lessa presenciou a passagem da guarda à Canabarro quando encontrava-se na Praça da Alfândega e, tomado de interesse, tratou de saber quem eram aqueles que ali estavam. Soube tratar-se de alunos do "Julinho". Como também era aluno da mesma escola, tratou de conhecê-los. Dois dias após, quando a Chama Crioula chegou ao "Julinho", lá encontrou Barbosa Lessa como um dos participantes e organizadores da 1ª Ronda Crioula. O entrosamento com o grupo foi acelerado quando o piratinense começou a registrar, num caderno escolar, a assinatura dos interessados na fundação do que chamava "Clube de Tradição Gaúcha". A partir daí deu-se início a criação do primeiro CTG, o 35 CTG.

4. O "35 - Centro de Tradições Gaúchas"³⁷

Barbosa Lessa (1985) assim se reporta à criação do primeiro Centro de Tradições Gaúchas (CTG): "Poucas agremiações terão sido tão explícitas em seus objetivos:

O Centro terá por finalidade:

- a) zelar pelas tradições do Rio Grande do Sul, sua história, suas lendas, canções, costumes, etc., e consequente divulgação pelos Estados irmãos e países vizinhos;
- b) pugnar por uma sempre maior elevação moral e cultural do Rio Grande do Sul;
- c) fomentar a criação de núcleos regionalistas no Estado, dando-lhes todo o apoio possível;

O Centro não desenvolverá qualquer atividade político-partidária, racial ou religiosa".

³⁷ SAVARIS, Manoelito Carlos - Rio Grande do Sul - História e Identidade,- Publicação MTG-RS, 2008. P. 184.

A ata de fundação foi assinada por vinte e quatro rapazes no dia 24 de abril de 1948 (são considerados fundadores do 35 - CTG, 62 pessoas). Foi escolhida a primeira diretoria e assim começou a funcionar o primeiro CTG, instalado num galpão, mesmo que simbolicamente representado pelo porão da casa da família Simch.

Com relação ao simbolismo do galpão, Barbosa Lessa (1985), expressa a seguinte assertiva:

Uma das iniciativas mais interessantes e inteligentes dos fundadores do 35 CTG foi a nomenclatura utilizada para identificar os diversos setores do Centro. Poderíamos dizer que foi um “lance de marketing” maravilhoso. Basta que se perceba, hoje, o seu resultado no conhecimento popular.

O presidente é “patrão”. O vice-presidente é “Capataz”. O tesoureiro é “Agregado das Pilchas”. O secretário é “Sota-Capataz”. Os departamentos são chamados “Invernadas”. Os membros masculinos são os “Peões” e as mulheres são chamadas “Prendas” e o traje é “Pilcha”.

5. O Movimento Organizado ³⁸

O movimento tradicionalista só veio ganhar maior volume a partir de 1954, quando os tradicionalistas se reuniram em Santa Maria, por ocasião do I Congresso, realizado no Ponche Verde CTG.

Os objetivos do movimento tradicionalista gaúcho decorrem das decisões adotadas pelo Congresso Tradicionalista e são consubstanciados em documento denominado “Carta de Princípios do Movimento Tradicionalista Gaúcho”, aprovada em 1961, no VIII congresso em Taquara.

O passo maior foi dado em 1966, quando da realização do X Congresso de Tramandaí, quando foi criada a entidade civil aglutinadora, já com o nome de Movimento Tradicional Gaúcho - MTG.

Patrono Do Movimento Tradicionalista Gaúcho é João Cezimbra Jacques, o fundador da primeira entidade destinada ao culto das tradições rio-grandenses, o “Grêmio Gaúcho”.

6. A Semana Farroupilha ³⁹

Semana Farroupilha é uma festa cívica antes de tudo, que surgiu quando 08 jovens, entre os dias 07 e 20 de setembro de 1947, no Colégio Júlio de Castilho em Porto Alegre, realizaram a primeira "ronda crioula".

O colégio foi decorado com motivos campeiros, com exposição de quadros gauchescos, realizaram-se conferências, fandango, concurso de roupas típicas, comida da culinária gaúcha, com a presença de gaiteiros, violeiros, cantores, declamadores e

³⁸ FAGUNDES, Taylor - Polígrafo utilizado no Concurso de Prendas e Peões da CBTG em 2010 e 2011. Santa Maria, 1984, p.31.

³⁹ MOA, Roxelana Grazielle - Guia de Estudos para Prendas e Peões, Extrato. Santa Catarina, 2005 (material utilizado pela CBTG nos concursos de 2010 e 2011), p.102.

trovadores. Essa primeira ronda teve como objetivo, "cultuar e preservar as nossas origens e a nossa cultura". Vemos assim que essa festividade é essencialmente cultural, pois temos nesta semana atividades cívicas, campeiras, artísticas, recreativas e sociais.

Mas por que 20 de Setembro?

20 de Setembro de 1835 foi o início da Revolução Farroupilha que durou 10 anos, terminando em 28 de fevereiro de 1845, com a assinatura do acordo de Paz de Poncho Verde, em Dom Pedrito, quando o grande chefe farroupilha David Canabarro afirmou "Acima de nosso amor à República, está nosso brio de Brasileiro".

A Independência do Rio Grande, não era a intenção dos Farroupilhas, visto que, seu descontentamento com o Império, antecedia a separação de Portugal. A República Sul-Rio-grandense foi proclamada somente um ano após o início da Revolução, e dela resultou o lema de sua Bandeira "LIBERDADE, IGUALDADE, HUMANIDADE" que sintetiza as madrugadas e noites mal dormidas, pelas quais passou o gaúcho, na preservação dos destinos de nossa Pátria.

A Semana Farroupilha tem por objetivos:

- 1-Divulgar os símbolos Rio-Grandenses, esclarecendo o uso e conhecimento dos mesmos;
- 2-Despertar o espírito cívico de todos que dela participam;
- 3-Promover atividades culturais que aumentem o conhecimento de nossas Tradições. (Hospitalidade, Coragem, Nativismo, Respeito à Palavra Empenhada, Apego aos Usos e Costumes e o Cavalheirismo).

7. Organização do CTG ⁴⁰

Quanto à estrutura e simbolismo, um Centro de Tradições Gaúchas procura lembrar o mais fielmente a vida do gaúcho no passado, suas lides na estância, feitos e fatos do Rio Grande do Sul.

As denominações dos cargos, dentro da hierarquia, portanto, são as seguintes:

- O Centro (ou Associação), representa a estância, Sua diretoria é a Patronagem.
- Presidente - Patrão
- Vice Presidente - Capataz
- Secretário - Sota capataz
- Tesoureiro - Agregado das Pilchas (ou das Patacas)
- Orador - Agregado das Falas
- Os Departamentos são as Invernadas (Social, Cultural, Artística, campeira, etc.).

Seus diretores são os Posteiros.

⁴⁰ FAGUNDES, Taylor - Polígrafo utilizado no Concurso de Prendas e Peões da CBTG em 2010 e 2011. Santa Maria, 1984, p.17.

- Os Conselhos (Deliberativos e Fiscal), são o conselho de Vaqueanos (formado por homens mais experientes, que conhecem bem o Campo da estância).

8. Danças e suas Gerações

Dá-se o nome de “geração coreográfica” [ciclos] ao conjunto de danças que conserva as mesmas características principais, durante um período mais ou menos longo, até que essa moda “canse” e surjam outras danças com características bem inovadoras.

Para ser largamente aceita pela totalidade das classes sociais, uma nova espécie de dança precisa ser antes praticada, de maneira duradoura e persistente, pelos grupos sociais “superiores” – isto é, aqueles de maior eficiência tecnológica e maior prestígio sócio-cultural. Então, pela “lei da imitação”, os grupos sociais mais modestos irão gradativamente assimilando as novas danças já prestigiadas pela elite. Entretanto, há sempre um período de paralelismo, ou hibridismo, entre o que já havia antes e o que agora chega, até que nova pressão das altas classes desaloje a parte mais antiga.⁴¹

As danças tradicionais gaúchas originaram-se das antigas danças brasileiras e das trazidas pelos imigrantes. Estas danças aqui se “agaucharam” adquirindo cor local e foram marcadas por duas, das principais características da alma do gaúcho: a teatralidade e o respeito a mulher.⁴²

8.1. Primeira Geração Coreográfica ⁴³

Ciclo dos Fandangos – Predomina a dança de par solto e independente. O cavalheiro e a dama ora se aproximam, ora fogem, simulando negaças de namoriscos, e trocando entre si, uma linguagem mímica de conquista amorosa, sem que os corpos se toquem (...). O cavalheiro procura chamar a atenção para si, através de adequados (às vezes complicados) sapateios, tirando sons martelados dos pés, calçando botas (com ou sem esporas) de forma máscula, nobre, porém não brutal e nem barulhenta, sem que fique, outrossim, pisando em ovos

Ex: Tirana, tatu com volta no meio.⁴⁴

8.2. Segunda Geração Coreográfica ⁴⁵

Ciclo do Minueto – Originário da França - na Corte de Luiz XIV. Vem a se caracterizar por vários pares dançando simultaneamente, distribuídos numa fileira de

⁴¹ CÔRTEZ, J.C. Paixão Bailes e Gerações dos Bailares Campestres, 2002, P.10.

⁴² PEREIRA, Toni Sidi e Outros - Danças Tradicionais Gaúchas – Publicação do MTG/RS, 3ªEd., 2010. P.23

⁴³ CÔRTEZ, J.C. Paixão Bailes e Gerações dos Bailares Campestres, 2002, P.15.

⁴⁴ CÔRTEZ, J.C. Paixão Bailes e Gerações dos Bailares Campestres, 2002, P.28.

⁴⁵ CÔRTEZ, J.C. Paixão Bailes e Gerações dos Bailares Campestres, 2002, P.17.

homens dançando a frente de uma fileira das respectivas damas; um mestre-de-danças coordenava, com seu próprio exemplo, os passos e gestos – comedidos, refinados – de todo o conjunto. Homem e mulher tomavam-se suavemente as mãos, executavam lentos giros, faziam reverências um para o outro. Notam-se estas características na Quero-mana, por exemplo.

8.3. Terceira Geração Coreográfica ⁴⁶

Ciclo da Contra-Dança – Em vez dos passos graves, maneirosos, de antes, agora surge o “reel escocês” e a “Country Dance”, danças inspiradas nos camponeses da Inglaterra e caracterizadas por evoluções vivas e descontraídas.(...) Os pares agiam absolutamente dependentes uns dos outros, obedecendo todos às sucessivas vozes de comando.

Ex: Rilo.

8.4. Quarta Geração Coreográfica ⁴⁷

Ciclo dos Pares Enlaçados – Com a valsa se inicia uma quarta geração coreográfica – a de danças de pares independentes, soltos, sem comandos, enlaçados, executando passos chamados de valsa, ou girando em torno de si mesmos. Ex. Valsa, havaneira marcada.

9. A Cozinha Gaúcha ⁴⁸

9.1. A culinária regional

A cozinha gaúcha se define por regiões geográficas, que caracteriza a culinária rio-grandense.

- Zona de Colonização Italiana - consumo de polenta (farinha de milho), massas (farinha de trigo), aves, verduras e condimentos;
- Zona de Colonização Alemã - consumo de batatas, carne de porco, salsichas, aves, presunto, queijos, manteiga, verduras, massas (farinha de trigo);
- Zona da orla Marítima - consumo de peixe, pirão (farinha de mandioca), rapadura, melado;
- Zona da Campanha - consumo de charque, carne, arroz, feijão, farinha de mandioca, trigo, batata doce, mandioca, abóbora, couve, repolho;

⁴⁶ CÔRTEZ, J.C. Paixão Bailes e Gerações dos Bailares Campestres, 2002, P.18.

⁴⁷ CÔRTEZ, J.C. Paixão Bailes e Gerações dos Bailares Campestres, 2002, P.20.

⁴⁸ FAGUNDES, Taylor – Polígrafo utilizado no Concurso de Prendas e Peões da CBTG em 2010 e 2011. Santa Maria, 1984, p.21.

- Zonas Urbanas - mescla de todos esses hábitos alimentares, acrescido da cozinha francesa, especialmente.

Como a atividade primordial dos gaúchos nos primeiros tempos foi a criação de gado, ele comia o que estava mais no seu alcance: a carne. E, para conservá-la por mais tempo, transformava parte em charque .

Não podendo perder tempo em grandes plantações, utilizava-se do vegetal que nascia com facilidade: batata doce, abóbora, mandioca, couve, repolho, trigo e arroz. As diversas combinações de carne: miúdos, e charque com vegetais citados, formam a rica culinária gauchesca, que não é constituída apenas pelo churrasco e arroz-de-carreiteiro, como erroneamente se pensa.

9.2. Alguns Pratos Típicos Da Culinária Campeira

- Puchero - fervido de carne com legumes, batata doce, lingüiça, mandioca, milho verde, abóbora, batata inglesa, etc. Servido com pirão de farinha de mandioca;
- Maria Rita - carne moída, arroz, cebola picada, graxa de gado, tomate, folhas de repolho em tiras;
- Arroz-de-carreiteiro - charque, arroz, cebola picada, graxa de gado;
- Roupa Velha - charque desfiado, cebola picada, farinha de mandioca, óleo, temperos à vontade;
- Churrasco - carne, com couro ou não, assado sobre as brasas, temperado com salmoura ou sal grosso;
- Assado - carne assada no espeto, sobre as brasas ou labaredas, temperado com sal grosso ou salmoura (a carne apropriada, tanto para o churrasco como para o assado é o contrafilé, a picanha e a costela);
- Dobradinha - (mondongo) - bucho, tomate, tempero verde, sal, farinha de mandioca, óleo;
- Mocotó - patas, coalheira, mondongo, tripa grossa, lingüiça, cebola, feijão branco, óleo, tomate, ovos duros, sal.

9.3. Alguns Doces Típicos Da Culinária Campeira

- Rapadura e melado de Santo Antônio da Patrulha; pé-de-moleque;
- Bolinho de coalhada (de Viamão e Barra do Ribeiro);
- Pudim da Roca - feito de arroz com pêssego;
- Balas - de guaco (bom para o peito); de mocotó; de mel-de-pau (mirim), bom para tosse;
- Bolos de milho - rosca de polvilho; pão-de-ló; baba-de-moça; papo-de-anjo; beijo-de-freira; doce-de-batata; doce de abóbora; doce de laranja; doce de leite; geleias de frutas.

9.4. Aperitivos

- Cachaça pura, ou em infusão com ervas (menstruz, funcho, guaco) ou em infusão com frutas (butiá, pitanga, guabiroba, casca de bergamota, etc.).

9.5. Bebidas

- Vinhos (de uva, de laranja, de bergamota, de pêssego).
- Chimarrão.

10. Lendas ⁴⁹

- Negrinho do Pastoreio,
- Salamanca do Jarau,
- Boitatá, Anhangapitã,
- Angoera,
- Caapora,
- Casa de M' Bororé,
- Mãe Mulita,
- Lagoa Negra
- Nau Catarineta.

Abaixo, teremos a transcrição integral de algumas lendas.

10.1. M'boitatá

Foi assim: num tempo muito antigo, muito, houve uma noite tão comprida que pareceu que nunca mais haveria luz do dia. Noite escura como breu, sem lume no céu, sem vento, sem serenada e sem rumores, sem cheiro dos pastos maduros nem das flores da mataria.

Os homens viveram abichornados, na tristeza dura; e porque churrasco não havia, não mais sopravam labaredas nos fogões e passavam comendo canjica insossa; os borrarhos estavam se apagando e era preciso poupar os tições... Os olhos andavam tão enfarados da noite, que ficavam parados, horas e horas, olhando sem ver as brasas somente, porque as faíscas, que alegram, não saltavam, por falta do sopro forte de bocas contentes.

Naquela escuridão fechada nenhum tapejara seria capaz de cruzar pelos trilhos do campo, nenhum flete crioulo teria faro nem ouvido nem vista para abter na querência; até nem sorro daria no seu próprio rastro!

⁴⁹ MOA, Roxelana Grazielle - Guia de Estudos para Prendas e Peões, Extrato. Santa Catarina, 2005 (material utilizado pela CBTG nos concursos de 2010 e 2011), p.112.

E a noite velha ia andando... ia andando...

Minto: No meio do escuro e do silêncio morto, de vez em quando, ora duma banda ora doutra, de vez em quando uma cantiga forte, de bicho vivente, furava o ar: era o téu-téu ativo, que não dormia desde o entrar do último sol e que vigiava sempre, esperando a volta do sol novo, que devia vir e que tardava tanto já...

Só o téu-téu de vez em quando cantava; o seu - quero-quero! - tão claro vindo de lá do fundo da escuridão, ia se aguentando a esperança dos homens, amontoados no redor avermelhado das brasas. Fora disto, tudo o mais era silêncio; e de movimento, então, nem nada.

Minto: Na última tarde em que houve sol, quando o sol ia descambando para o outro lado das coxilhas, rumo do minuano, e de onde sobe a estrela-d'alva, nessa última tarde também desabou uma chuvarada tremenda; foi uma manga d'água que levou um tempão a cair, e durou... e durou...

Os campos foram inundados; as lagoas subiram e se largaram em fias coleando pelos tacuruzais e banhados, que se juntaram, todos num os passos cresceram e todo aquele peso d'água correu para as sangas e das sangas para os arroios, que ficaram bufando, campo fora, campo fora, afogando as canhadas, batendo no lombo das coxilhas. E nessas coroas é que ficou sendo o paradoro da animalada, tudo misturado, no assombro. E eram terneiros e pumas, tourada e potrilhos, perdizes e guaraxains, tudo amigo, de puro medo. E então!...

Nas copas dos butiás vinham encostar-se bolos de formigas; as cobras se enroscavam na enredança dos aguapés; e nas estivas do santa-fé e das tiriricas boiavam os ratões e outros miúdos.

E, como a água encheu todas as tocas, entrou também na da cobra-grande, a boiguaçu- que, havia já muitas mãos de luas, dormia quieta, entanguida. Ela então acordou-se e saiu, rabeando. Começou depois a mortandade dos bichos e a boiguaçu pegou a comer carniça. Mas só comia os olhos e nada, nada mais.

A água foi baixando, a carniça foi cada vez engrossando, e a cada hora mais olhos a cobra-grande comia.

Cada bicho guarda no corpo o sumo do que comeu.

tambeira que só come trevo maduro dá no leite o cheiro doce do milho verde; o cerdo que come carne de bagual nem vinte alqueires de mandioca o limpam bem; e o socó tristonho e o biguá matreiro até no sangue têm cheiro de pescado. Assim também, nos homens, que até sem comer nada, dão nos olhos a cor de seus arrancos.

O homem de olhos limpos é guapo e mão-aberta; cuidado com os vermelhos; mais cuidado com os amarelos; e, toma tenência dobre com os raiados e baços!...

Assim foi também, mas doutro jeito, com a boiguaçu, que tantos olhos comeu.

Todos - tantos! que a cobra-grande comeu -, guardavam, entrenhado e luzindo, um rastilho da última luz que eles viram do último sol, antes da noite grande que caiu... E os olhos - tantos, tanto! - com um pingo de luz cada um, foram sendo devorados; no princípio um punhado, ao depois uma porção, depois um bocadão, depois, como uma braçada...

E vai,

Como a boiguaçu não tinha pêlos como o boi, nem escamas como o dourado, nem penas como o avestruz, nem casca como o tatu, nem couro grosso como a anta, vai, o seu corpo foi ficando transparente, transparente, clareando pelos miles de luzezinhas, dos

tantos olhos que foram sendo esmagados dentro dele, deixando cada qual sua pequena réstia de luz. E vai, afinal, a boiguaçu toda já era uma luzerna, um clarão sem chamas, já era um fogaréu azulado, de luz amarela e triste e fria, saída dos olhos, que fora guardada neles, quando ainda estavam vivos.

Foi assim e foi por isso que os homens, quando pela primeira vez viram a boiguaçu tão demudada, não a conheceram mais. Não conheceram e julgando que era outra, muito outra, chamam-na desde então, de boitatá, cobra do fogo, boitatá, a boitatá! E muitas vezes a boitatá rondou as rancherias, faminta, sempre que nem chimarrão. Era então que o téu-téu cantava, como o bombeiro.

E os homens, por curiosos, olhavam pasmados, para aquele grande corpo de serpente, transparente - tatá, de fogo- que media mais braços que três laços de conta e ia aluminando baçamente as carquejas... E depois, choravam. Choravam, desatinados do perigo, pois as suas lágrimas também guardavam tanta ou mais luz que só os olhos e a boitatá ainda cobiçava os olhos vivos dos homens, que já os das carniças a enfaravam...

Mas, como dizia: na escuridão só avultava o clarão baço do corpo da boitatá, e era ela que o téu-téu cantava de vigia, em todos os flancos da noite. Passado um tempo, a boitatá morreu: de pura fraqueza morreu, porque os olhos comidos encheram-lhe o corpo, mas lhe não deram substância, pois que sustância não tem a luz que os olhos em si entranhada tiveram quando vivos...

Depois de rebolar rabiosa nos montes de carniça, sobre os couros pelados, sobre as carnes desfeitas, sobre as cabelamas soltas, sobre as ossamentas desparramadas, o corpo dela desmanchou-se, também como cousa da terra, que se estraga de vez. E foi então, que a luz que estava presa se desatou por aí. E até pareceu cousa mandada: o sol apareceu de novo!

Minto: apareceu sim, mas não veio de supetão. Primeiro foi-se adelgçando o negrume, foram despontando as estrelas; e estas se foram sumindo no coloreado do céu; depois se foi sendo mais claro mais claro, e logo, na lonjura, começou a subir um rastro de luz..., depois a metade de uma cambota de fogo... e já foi o sol que subiu, subiu, subiu, até vir a pino e descambar, como dantes, e desta feita, para igualar o dia e a noite, em metades, para sempre.

Tudo o que morre no mundo se junta à semente de onde nasceu, para nascer de novo; só a luz da boitatá ficou sozinha, nunca mais se juntou com a outra luz de que saiu. Anda arisca e só, nos lugares onde quanta mais carniça houve, mais se infesta. E no inverno, de entanguida, não aparece e dorme, talvez entocada. Mas de verão, depois da quentura dos mormaços, começa então o seu fadário.

A boitatá, toda enroscada, como uma bola - tatá, de fogo! -, empeça a correr o campo, coxilha abaixo, lomba acima, até que horas da noite!... É um fogo amarelo e azulado, que não queima a macega seca nem agüenta a água dos mananciais; e rola, gira, corre, corcoveia e se despenca e arrebenta-se, apagado... e quando um menos espera, aparece, outra vez, do mesmo jeito!

Maldito! Tesconjuro!

Quem encontra a boitatá pode até ficar cego... Quando alguém topa com ela só tem dois meios de se livrar: ou ficar parado, muito quieto, de olhos fechados apertado e sem respirar, até ir-se ela embora, ou, se anda a cavalo, desenrodilhar o laço, fazer uma armada grande e atirá-la por cima, e tocar a galope, trazendo o laço de arrasto, todo solto, até a ilhapa!

A boitatá vem acompanhando o ferro da argola... mas de repente, batendo numa macega, toda se desmancha, e vai esfarinhando a luz, para emulitar-se de novo, com vagar, na aragem que ajuda.

Campeiro precatado! Reponte o seu gado de querência da boitatá: o pastiçal, aí, faz peste... Tenho visto!

Origem: Livro "Lendas do Sul" de J. Simões Lopes Neto. Editora Globo. 11a edição. 1983.

10.2. Negrinho do Pastoreio

No tempo dos escravos, havia um estancieiro muito ruim, que levava tudo por diante, a grito e a relho. Naqueles fins de mundo, fazia o que bem entendia, sem dar satisfação a ninguém.

Entre os escravos da estância, havia um negrinho, encarregado do pastoreio de alguns animais, coisa muito comum nos tempos em que os campos de estância não conheciam cerca de arame; quando muito alguma cerca de pedra erguida pelos próprios escravos, que não podiam ficar parados, para não pensar bobagem... No mais, os limites dos campos eram aqueles colocados por Deus Nosso Senhor: rios, cerros, lagoas.

Pois de uma feita o pobre negrinho, que já vivia as maiores judiarias às mãos do patrão, perdeu um animal no pastoreio. Prá quê! Apanhou uma barbaridade atado a um palanque e depois, cai-caindo, ainda foi mandado procurar o animal extraviado.

Como a noite vinha chegando, ele agarrou um toquinho de vela e uns avios de fogo, com fumo e tudo e saiu campeando. Mas nada! O toquinho acabou, o dia veio chegando e ele teve que voltar para a estância.

Então foi outra vez atado ao palanque e desta vez apanhou tanto que morreu, ou pareceu morrer. Vai daí, o patrão mandou abrir a "panela" de um formigueiro e atirar lá dentro, de qualquer jeito, o pequeno corpo do negrinho, todo lanhado de laço e banhando em sangue.

No outro dia, o patrão foi com a peonada e os escravos ver o formigueiro. Qual não é a sua surpresa ao ver o negrinho do pastoreio vivo e contente, ao lado do animal perdido.

Desde aí o Negrinho do Pastoreio ficou sendo o achador das coisas extraviadas. E não cobra muito: basta acender um toquinho de vela ou atirar num cano qualquer naco de fumo.

Origem: Livro "Mitos e Lendas do Rio Grande do Sul" de Antonio Augusto Fagundes. Martins Livreiro Editor. 1996.

10.3. Salamanca do Jarau

No tempo dos padres jesuítas, existia um moço sacristão no Povo de Santo Tomé, na Argentina, do outro lado do rio Uruguai. Ele morava numa cela de pedra nos fundos da própria igreja, na praça principal da aldeia.

Ora, num verão mui forte, com um sol de rachar, ele não conseguiu dormir a sesta. Vai então, levantou-se, assoleado e foi até a beira da lagoa refrescar-se. Levava consigo uma guampa, que usava como copo.

Coisa estranha: a lagoa toda fervia e largava um vapor sufocante e qual não é a surpresa do sacristão ao ver sair d'água a própria Teiniaguá, na forma de uma lagartixa com a cabeça de fogo, colorada como um carbúnculo. Ele, homem religioso, sabia que a Teiniaguá - os padres diziam isso!- tinha partes com o Diabo Vermelho, o Anhangá-Pitã, que tentava os homens e arrastava todos para o inferno. Mas sabia também que a Teiniaguá era mulher, uma princesa moura encantada jamais tocada por homem.

Aquele pelo qual se apaixonasse seria feliz para sempre.

Assim, num gesto rápido, aprisionou a Teiniaguá na guampa e voltou correndo para a igreja, sem se importar com o calor. Passou o dia inteiro metido na cela, inquieto, louco que chegasse a noite. Quando as sombras finalmente desceram sobre a aldeia, ele não se sofreu: destampou a guampa para ver a Teiniaguá. Aí, o milagre: a Teiniaguá se transformou na princesa moura, que sorriu para ele e pediu vinho, com os lábios vermelhos. Ora, vinho só o da Santa Missa. Louco de amor, ele não pensou duas vezes: roubou o vinho sagrado e assim, bebendo e amando, eles passaram a noite.

No outro dia, o sacristão não prestava para nada. Mas, quando chegou a noite, tudo se repetiu. E assim foi até que os padres finalmente desconfiaram e numa madrugada invadiram a cela do sacristão. A princesa moura transformou-se em Teiniaguá e fugiu para as barrancas do rio Uruguai, mas o moço, embriagado pelo vinho e de amor foi preso e acorrentado.

Como o crime era horrível - contra Deus e a Igreja! - foi condenado a morrer no garrote vil, na praça, diante da igreja que ele tinha profanado.

No dia da execução, todo o Povo se reuniu diante da igreja de São Tomé. Então, lá das barrancas do rio Uruguai a Teiniaguá sentiu que seu amado corria perigo. Aí, com todo o poder de sua magia, começou a procurar o sacristão abrindo rombos na terra, um valos enormes, rasgando tudo. Por um desses valos ela finalmente chegou à igreja bem na hora em que o carrasco ia garrotear o sacristão. O que se viu foi um estouro muito grande, nessa hora, parecia que o mundo inteiro vinha abaixo, houve fogo, fumaça e enxofre e tudo afundou e tudo desapareceu de vista. E quando as coisas clarearam a Teiniaguá tinha libertado o sacristão e voltado com ele para as barrancas do rio Uruguai.

Vai daí, atravessou o rio para o lado de cá e ficou uns três dias em São Francisco de Borja, procurando um lugar afastado onde os dois apaixonados pudessem viver em paz. Assim, foram parar no Cerro do Jarau, no Quarai, onde descobriram uma caverna muito funda e comprida. E lá foram morar, os dois.

Essa caverna, no alto do Cerro, ficou encantada. Virou Salamanca, que quer dizer "gruta mágica", a Salamanca do Jarau. Quem tivesse coragem de entrar lá, passasse 7 Provas e conseguisse sair, ficava com o corpo fechado e com sorte no amor e no dinheiro para o resto da vida.

Na Salamanca do Jarau a Teiniaguá e o sacristão se tornaram os pais dos primeiros gaúchos do Rio Grande do Sul. Ah, ali vive também a Mãe do Ouro, na forma de uma enorme bola de fogo. Às vezes, nas tardes ameaçando chuva, dá um grande estouro numa das cabeças do Cerro e pula uma elevação para outra. Muita gente viu.

Origem: Livro "Mitos e Lendas do Rio Grande do Sul" de Antonio Augusto Fagundes. Martins Livreiro Editor. 1996.

11.O Chimarrão ⁵⁰

O Chimarrão é um legado do índio Guarani.

Sempre presente no dia-a-dia, o chimarrão constituiu-se na bebida típica do Rio Grande do Sul, ou seja, na tradição representativa do nosso pago. Também conhecido como mate amargo, como bebida preferida pelo gaúcho, constitui-se no símbolo da hospitalidade e da amizade do gaúcho. É o mate cevado sem açúcar, preparado em uma cuia e sorvido através de uma bomba. É a bebida proveniente da infusão da erva-mate, planta nativa das matas sul-americanas, inclusive no Rio Grande do Sul.

O homem branco, ao chegar no pago gaúcho, encontrou o índio guarani tomando o CAA, em porongo, sorvendo o CAÁ-Y, através do TACUAPI.

Podemos dizer, que o chimarrão é a inspiração do aconchego, é o espírito democrático, é o costume que, de mão - em - mão, mantém acesa a chama da tradição e do afeto, que habita os ranchos, os galpões dos mais longínquos rincões do pago do sul, chegando a ser o maior veículo de comunicação.

O mate é a voz quíchua, que designa a cuia, isto é, o recipiente para a infusão do mate. Atualmente, por extensão passou a designar o conjunto da cuia, erva-mate e bomba, isto é, o mate pronto.

O homem do campo passou o hábito para a cidade, até consagrá-lo regional. O Chimarrão é um hábito, uma tradição, uma espécie de resistência cultural espontânea.

Os avios ou os apetrechos do mate constituem o conjunto de utensílios usados para fazer o mate. Os avios do mate são fundamentalmente a cuia e a bomba.

Caá-y = bebida do mate = chimarrão

Tacuapi= bomba primitiva, feita de taquara pelos índios guaranis.

12.Festas - Religiosidade⁵¹

12.1. Padroeiros

São Pedro foi um dos doze apóstolos de Jesus Cristo. Os católicos consideram Pedro como o primeiro Bispo de Roma, sendo por isso o primeiro Papa da Igreja Católica.

⁵⁰ www.mtg.org.br - http://ideiailtda.com.br/clientes/mtg/fol_chimarrao.php

⁵¹ SAVARIS, Manoelito Carlos - Manual de Tradicionalismo Gaúcho,- Publicação MTG-RS, 2012. P.59.

Por que São Pedro foi escolhido o padroeiro do estado?

Em 1531, uma frota foi confiada a Martin Afonso de Souza, que tinha como objetivo expulsar os corsários franceses da costa brasileira, além de ir até o sul do estuário do Rio da Prata. A navegação foi feita próxima da Costa, permitindo observações que resultariam na descoberta de vários acidentes geográficos, entre os quais, a barra por onde a Laguna dos Patos se liga ao Oceano Atlântico.

Em 29 de junho, dia em que o calendário da igreja recorda a Cátedra de Pedro, os portugueses avistaram o desaguadouro da Laguna dos Patos. Para homenagear a data, Martin Afonso denominou a laguna - que pensava tratar-se de um rio - Rio de São Pedro. Posteriormente, para diferenciar do outro rio, que levava o mesmo nome do santo, passou a ser chamado de Rio Grande de São Pedro, devido a sua grande dimensão. (...)

13. Brincadeiras e Brinquedos⁵²

As brincadeiras infantis são universais. As crianças constroem o seu mundo através de brincadeiras e brinquedos. Como disse Rose Marie Reis Garcia “através das brincadeiras podemos compreender como a criança vê e constrói o mundo, como ela gostaria que ele fosse, quais são suas preferências e que problemas a estão preocupando”.

Nos tempos atuais, por conta da popularização e supervalorização do computador e dos meios de comunicação virtuais, as crianças raramente constroem seus brinquedos e dificilmente se ocupam com as brincadeiras que seus pais e avós conheceram. Os CTGs talvez sejam a última trincheira de manutenção desse conhecimento e de valorização dessa prática tradicional. Imagino que no futuro próximo as brincadeiras e os brinquedos de 15, 20 anos passados estarão exclusivamente nos livros de folclore e em algum recanto mais remoto do Rio Grande do Sul. (...)

13.1. Brincadeiras para animar

São aquelas que estimulam a criança a se movimentar, caminhar, pular, correr, utilizar bastante os braços e as pernas. São sempre alegres, seja nos textos, seja na prática. Os objetivos, além da diversão, podem ser o de aprimorar a coordenação motora, a interação com outras crianças e a disciplina na execução de movimentos.

Exemplos: brincadeiras com uso de água, areia, terra, barro; água e sabão; babalu; batalha de mãos; cama-de-gato; pula corda; brincadeiras com palmas; sombras animadas; jogo de bolita; desafios com “o último é...”.

⁵² SAVARIS, Manoelito Carlos - Manual de Tradicionalismo Gaúcho,- Publicação MTG-RS, 2012. P.73.

13.2. Brincadeiras Cantadas

São aquelas que se realizam a partir de uma canção. O uso da música e do canto é fundamental para a sua realização. Essas brincadeiras objetivam a interação entre as crianças.

Exemplos: A canoa virou; Teresinha de Jesus; a carrocinha; samba-lê-lê; coelhinho da páscoa; o pintinho amarelinho; siriri.

13.3. Formuletes

São utilizados para as crianças escolher este ou aquele companheiro para desempenhar um papel na brincadeira. É normal que aos formuletes sejam associados gestos convencionados. Essas brincadeiras despertam a capacidade de escolha das crianças.

Exemplos: casa, não casa; Rei Capitão; um, dois, três (une, dune, tê); minha mãe mandou.

13.4. Gestos e Caretas

A criança aprende a fazer mímicas e interpretar, comunicando-se por gestos e expressões faciais. Desperta a criatividade e a agilidade de pensamento. Por ser uma brincadeira cooperativa, desperta o sentido do “eu te ajudo, tu me ajudas”.

Exemplos: proibido falar; adivinhe o objeto; cara preparada.

13.5. Parlendas

Consistem em versos de quatro, cinco ou seis sílabas, rimadas pelos toantes. Elas têm função mnemônica (guardar na memória) utilizadas para gravar nomes, datas, lugares. Além do treinamento de memorização, as parlendas desenvolvem o senso de ritmo nas crianças. Elas podem ser de vários tipos: dialogadas, com réplica, repetitivas, conclusivas ou narrativas.

Exemplos: Quem cochicha; ou fui junto; tá com frio?; cadê o toicinho; amanhã é domingo; um, dois, feijão com arroz

As parlendas podem, também, vir associadas com gestos.

Exemplos: angolinhas, cadê o ratinho; dedinhos (várias formas de identificação dos dedos); mal-me-quer.

13.6. Jogos Competitivos

Além de ser uma brincadeira, os jogos que envolvem competição mesmo que simples, pressupõe a participação de várias crianças. Alguns dependem da habilidade individual, mas geralmente necessitam de cooperação entre os parceiros do mesmo time. Estas atividades criam senso de disciplina, ensinam ganhar e saber perder e despertam criatividade e habilidades às vezes desconhecidas. Os jogos podem utilizar objetos ou não.

Exemplo: bulita (gude); peteca; sapata (amarelinha); ovo podre; cinco Marias; o gato e o rato; corrida do saco; corrida do ovo (com ou sem revezamento); caçador; pega-pega; gata-cega.

13.7. Jogos de Habilidades

Geralmente realizados com espíritos competitivos ou de demonstração de habilidade, esses jogos despertam o interesse de aprimoramento pessoal, melhoram a motricidade e a coordenação motora fina.

Exemplos: bilboquê (biboquê ou bobloquê); botão; ioiô; pião.

13.8. Jogos de Tabuleiros e Gráficos

São brincadeiras que, geralmente, não exploram a movimentação física. Eles têm por finalidade o treinamento e o aprimoramento mental. Estimula o raciocínio lógico, a melhora ortográfica e do vocabulário.

Exemplos: damas; moinho (tria); víspora; forca; jogo da velha.

13.9. Os Brinquedos

Existe uma gama muito grande de brinquedos chamados folclóricos ou tradicionais, além de um sem número de brinquedos industrializados, automatizados, eletrônicos, etc.

O nosso interesse está na citação de algumas possibilidades de brinquedos tradicionais que podem ser construídos em casa, normalmente com a participação das próprias crianças. Esta prática tem a vantagem de fazer despertar a criatividade, a coordenação motora e a imaginação das crianças.

As bonecas são, historicamente, os brinquedos mais tradicionais. Fabricadas de inúmeros materiais (cera, corda, tecidos, barro, fibras vegetais, arames, etc.) elas se prestam a vários tipos de brincadeiras, envolvendo especialmente as meninas.

Bonecos, reproduzindo o sexo masculino, também são muitos comuns. Os meninos tem maior interesse pelos carrinhos (de lata), trenzinhos, aviõezinhos, barcos e cavalinhos de pau.

A construção de bichinhos, bonecos articulados, flores, etc. é possível ser feita com objetos caseiros. Basta um pouco de criatividade. É comum o uso de arames, cordas (ráfia), papel, latinhas, carretéis, papelão, tampas de garrafas, cereais (milho, feijão, casca de

melancia, etc.). Modernamente é muito útil o uso de garrafas pet para a construção de brinquedos.

Brinquedos imitando instrumentos musicais são muito populares, especialmente aqueles de sopro (usando bambus), de percussão (usando latas) e de cordas (usando arames finos ou cordões de nylon).

As armas de fantasia estão sempre presentes. Espadas, revólveres, facas (tudo de madeira). O arco e a flecha, o estilingue (bodoque ou funda), atiradeiras (feitas de bambu - para os italianos: sthocariol)

Os carrinhos de lomba, arco e trava, patinete e pernas-de-pau são brinquedos muito difundidos. Os modelos e tamanhos são variados e obedecem às tradições locais.

As tropas de osso, muito comum na campanha, têm similares na cidade com tropas de pedrinhas ou de pequeninas garrafas.

As pandorgas (papagaio, barrilote), ocupam um espaço especial na arte de construção dos brinquedos. Cada região tem características próprias, mas no geral são utilizadas varas de madeira leve ou taquara (bambu), papel fino e resistente (papel encerado ou de seda) e cola. Tanto para a armação quanto para o cordão mestre (cordel) são utilizadas linhas resistentes, fios de nylon ou barbante. O rabo é normalmente feito de tiras de tecido. As pandorgas são geralmente coloridas e muito variáveis no modelo e tamanho.

Nos dias atuais há grande limitação para soltar pandorga em virtude das redes aéreas de eletricidade, telefone e TV a cabo. Para essa brincadeira é necessário uma área livre de fiação, tanto para que a brincadeira possa ser praticada com tranquilidade, quanto para preservação da segurança dos seus praticantes.

14. Símbolos do Rio Grande do Sul ⁵³

Os símbolos do estado do Rio Grande do Sul podem ser divididos em dois grupos: cívicos e sociais oficializados.

14.1. Símbolos Cívicos

(...) Em 30 de abril de 1838 os farroupilhas tomaram a cidade de Rio Pardo depois de vencerem as tropas imperiais na batalha de Barro Vermelho. Entre os prisioneiros imperiais estava a banda de música do 2º Batalhão de Caçadores, cujo mestre era Joaquim Manuel de Mendanha, mineiro de Itabira do Campo, município de Ouro Preto.

Os farroupilhas determinaram que o mestre da banda aprisionada compusesse uma música comemorativa à vitória farrapa (...) Essa música se transformou no Hino Farroupilha.

Três foram as letras compostas para o hino (...)

⁵³ SAVARIS, Manoelito Carlos - Manual de Tradicionalismo Gaúcho,- Publicação MTG-RS, 2012. P.77

A terceira letra, de autoria de Francisco Pinto da Fontoura foi a que permaneceu, transformando-se no Hino do Estado (...).

A Constituição do Estado, aprovada no ano de 1989, define no artigo 6º: “São símbolos do Estado a Bandeira Rio-Grandense, o Hino Farroupilha e as Armas, tradicionais.

HINO FARROUPILHA

Letra: Francisco Pinto da Fontoura

Música: Joaquim José de Mendanha

Revisão Musical: Antônio Tavares Corte Real

Como a aurora precursora
do farol da divindade,
foi o Vinte de Setembro
o precursor da liberdade.
Mostremos valor, constância,
Nesta ímpia e injusta guerra.
Sirvam nossas façanhas
De modelo a toda terra,

Mas não basta pra ser livre
ser forte, aguerrido e bravo,
povo que não tem virtude
acaba por ser escravo.
Mostremos valor, constância,
Nesta ímpia e injusta guerra.
Sirvam nossas façanhas
De modelo a toda terra.

Brasão de Armas:



Bandeira:



14.2. Símbolos Sociais Oficializados

Ave	Quero-Quero	Também conhecido como sentinela dos pampas. Canta quando alguém se aproxima.
Árvore	Erva -Mate	Árvore que produz a matéria-prima para o chimarrão.
Bebida	Chimarrão	O mate doce também é tradicional.
Planta Medicinal	Marcela ou macela	Chá considerado milagroso para várias doenças. Usado as flores que deve ser colhida, conforme crença popular, na sexta feira santa antes do sol raiar, ainda com o orvalho sobre a planta.
Flor	Brinco de Princesa	Existe uma grande variedade desta bela flor não só no Rio Grande, mas em várias partes do mundo.
Animal	Cavalo Crioulo	Considerado animal símbolo junto com o quero-quero.
Comida	Churrasco	Original é de carne vacum. Somente muito mais tarde passou-se a usar outros animais como ovelha, frango e porco.
Escultura	O laçador	Fundida em bronze, localizada na av. Farrapos junto ao aeroporto na cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do sul.

15.A Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha - CBTG⁵⁴

15.1. Definição, Objetivos e Organização.

A Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha, denominada também pela sigla CBTG, é a Entidade Maior do Movimento Tradicionalista Gaúcho Brasileiro, cuja essencialidade é valorizar, organizar, defender, promover e representar as tradições e a cultura gaúcha, se caracterizando como uma sociedade civil, sem fins econômicos, com duração indeterminada, fundada em 24 de maio de 1987.

Tem como objetivo:

I - representar, em todo o território nacional e no exterior, a cultura gaúcha, na condição de entidade maior do movimento tradicionalista gaúcho brasileiro;

II - desenvolver, em nível nacional, o Sistema Confederativo do Movimento Tradicionalista Gaúcho, para uma atuação integrada, fidedigna e próspera;

III - definir políticas e diretrizes de atuação do Sistema, que valorizem as manifestações culturais regionais de convívio comum;

⁵⁴ Estatuto da CBTG, Regulamento-Geral, Regulamentos Específicos - disponíveis em www.cbtg.com.br

IV - promover a cultura, defesa e conservação do patrimônio histórico e artístico, voltando-se, em especial, para a organização e realização de eventos em prol da valorização da cultura, das tradições e do folclore gaúcho em nível nacional.

V - cumprir e fazer cumprir a “Função Social”, em todos os níveis do sistema confederativo;

VI - difundir e incentivar, em todo o território nacional, a preservação das tradições gaúchas, bem como as expressões “Movimento Tradicionalista Gaúcho” e “Centro de Tradições Gaúchas” e as siglas MTG e CTG, evitando o uso inadequado das mesmas e sua utilização na denominação de entidades não identificadas com o tradicionalismo gaúcho;

VII - incentivar as tradições gaúchas, traçando diretrizes, rumos e princípios cívico-culturais, artísticos e esportivos ao tradicionalismo gaúcho brasileiro;

VIII - orientar as entidades confederadas no sentido de manterem a autenticidade das manifestações gauchescas e a fidelidade às suas origens;

IX- colaborar, pelo interesse público, com os poderes públicos constituídos e com as entidades sociais organizadas;

X - implantar, por si, mediante proposta da Diretoria Executiva, cursos à distância ou presenciais voltados para a preservação da cultura gaúcha e ao desenvolvimento do homem do campo.

XI - promover a ética, a paz, a cidadania, os direitos humanos, a democracia e outros valores universais.

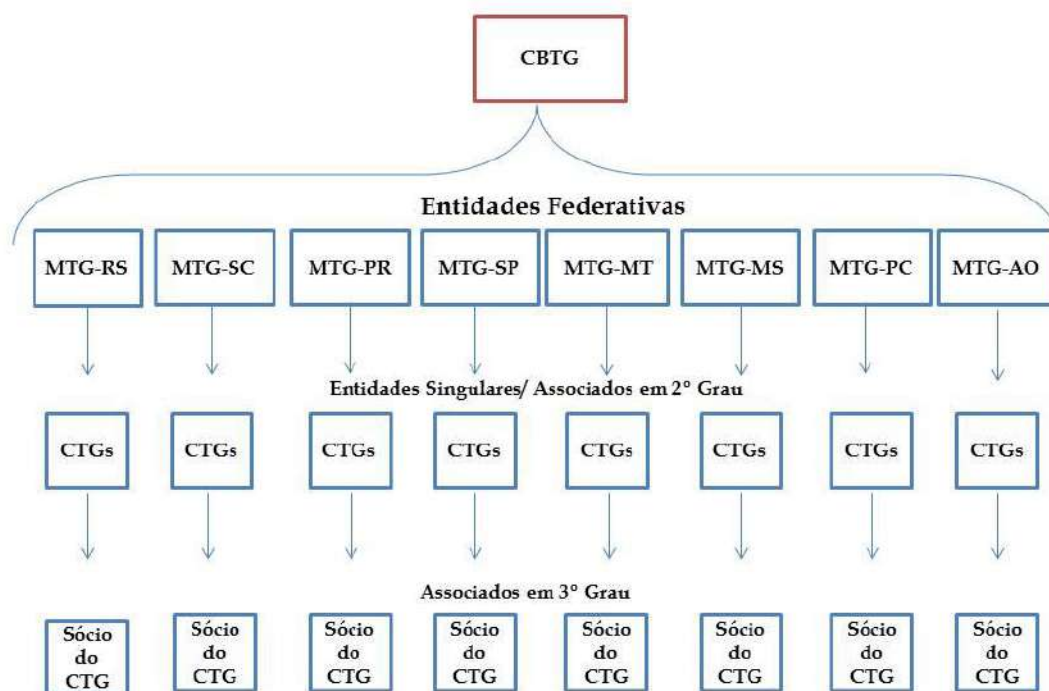
A Confederação organiza-se da seguinte maneira: é composta por entidades federativas (Federações) que possuem finalidades similares à CBTG, porém, organizam-se em âmbito estadual e são denominadas pelo prefixo “Movimento Tradicionalismo Gaúcho”, seguido pelo sufixo “nome do Estado” que representam. As entidades denominadas Federação e União são definidas como entidades federativas e, genericamente, serão tratadas como MTG.

Atualmente a CBTG é composta por oito entidades federativas (associados efetivos): Movimento Tradicionalista Gaúcho do Rio Grande do Sul, Movimento Tradicionalista Gaúcho de Santa Catarina (MTG-SC), Movimento Tradicionalista Gaúcho do Paraná (MTG-PR), Movimento Tradicionalista Gaúcho de São Paulo (MTG-SP), Movimento Tradicionalista Gaúcho do Mato Grosso (MTG-MT), Movimento Tradicionalista Gaúcho do Mato Grosso do Sul (MTG-MS), Movimento Tradicionalista Gaúcho do Planalto Central (MTG-PC) e Movimento Tradicionalista Gaúcho da Amazônia Ocidental (MTG-AO).

As Federações/MTGs representam e congregam as entidades singulares que possuem a finalidade de congregar um quadro social identificado e voltado a desenvolver o Movimento Tradicionalista Gaúcho, no conjunto da sociedade civil onde estão inseridas, e são denominadas pelo prefixo “CTG - Centro de Tradições Gaúchas”, seguido por um sufixo de livre escolha.

Os CTGs, por sua vez, possuem o seu quadro social próprio, que a CBTG denomina “associado em terceiro grau”.

O atual Presidente da CBTG é o senhor João Ermelino de Mello.



(São os associados das Entidades Singulares, regularmente filiadas aos MTGs)

15.2. Eventos Oficiais

CONCURSO NACIONAL DE PRENDAS E PEÕES - As principais finalidades do concurso são: valorizar a cultura popular brasileira, através do Movimento Tradicionalista Gaúcho; valorizar os militantes do Movimento Tradicionalista Gaúcho, em particular a sua juventude, através de concurso de Prendas e Peões, que reúnam o melhor nível de conhecimentos teóricos e práticos sobre a cultura gaúcha brasileira, demonstrem maiores habilidades artísticas e campeiras e uma abrangente e realizadora vivência no Movimento Tradicionalista Gaúcho com sua participação na promoção e no desenvolvimento da cidadania brasileira; propiciar a formação de lideranças. E, objetivamente distinguir as primeiras prendas e os primeiros peões da Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha.

FENART - O Festival Nacional de Arte e Tradição Gaúcha (FENART) é uma competição artística bienal entre os MTG's/Federações filiados à CBTG, representadas nas provas por associados regulares. É realizado na 2ª quinzena do mês de janeiro, ou eventualmente, na segunda quinzena do mês de julho, estando a

critério do promotor do evento a escolha da data. Trata-se de um Concurso de Provas Individuais e Coletivas, versando sobre cultura brasileira e tem a sua essencialidade na valorização e na promoção da cultura gaúcha, preservação e promoção das artes, das tradições e do folclore e se desenvolve através de cinco (05) modalidades, a saber:

- I - Danças Tradicionais;
- II - Chula;
- III - Música;
- IV - Causo e Declamação;
- V - Danças Birivas.
- VI. - Dança de Salão.

RODEIO CRIOULO NACIONAL DE CAMPEÕES - É uma competição bienal entre os MTG's/Federações filiados à CBTG, também definidos como "entidades concorrentes", representadas nas provas por associados regulares, também denominados de "participantes" e será realizado na 2ª quinzena do mês de janeiro ou, eventualmente, na 2ª quinzena do mês de julho, estando a critério do promotor do evento a escolha da data. Os participantes serão os Campeões dos MTG's/Federações classificados através de sistema de competição campeira, organizada internamente pelas respectivas entidades concorrentes.

JOGOS TRADICIONALISTAS - Consistem num concurso entre os MTG's/Federações regularmente filiados à CBTG, através da disputa de um conjunto de Modalidades Esportivas e são realizados bienalmente, em data e local previamente definidos no Calendário de Eventos da CBTG . Normalmente são realizados no mês de janeiro, paralelamente ao Rodeio Crioulo Nacional de Campeões e FENART. Estes jogos têm função de valorizar e promover a cultura gaúcha, primam pela preservação das Tradições e do Folclore e se desenvolverão em 08 (oito) modalidades, a saber: Bocha - (Regra Mundial / Ponto-Rafa-Tiro), Bolão, Tava, TETARFE, Truco Cego, Truco de Amostra, Solo, Bocha Campeira.

16.Indumentária

16.1. Considerações Iniciais.

Conforme determina o Regulamento-Geral da CBTG, as obras de referência para indumentárias são as constante em seu art. 159, vejamos:

Art. 159. Para efeito de uso de Pilchas a CBTG usará como referência as seguintes obras:

- I. Manual de Pilchas do Rio Grande do Sul, edição 2004 e suas diretrizes
- II. O Gaúcho - danças, trajes, artesanato - J.C. Paixão Côrtes

III. Ponto & Pesponto da Vestimenta da Prenda - J.C. Paixão Côrtes e Marina M. Paixão Côrtes

IV. Tropeirismo Biriva - Gente, Caminhos, Danças e Canções - J.C. Paixão Côrtes

V. A Moda - Alinhavos & Chuleios - J.C. Paixão Côrtes e Marina M. Paixão Côrtes

Para estudo deste conteúdo, utilizaremos o material as Diretrizes para a Pilcha Gaúcha Movimento Tradicionalista Gaúcho aprovada na 76ª Convenção Tradicionalista Gaúcha - Taquara, 29 de julho de 2011 com alteração do artigo 3º, Inciso I, letra f pela 79ª Convenção Tradicionalista de julho de 2014, no que se refere à categoria mirim.

16.2. Traje Prenda Mirim⁵⁵

16.2.1. Vestido

- Modelo: Inteiro e cortado na cintura ou com cintura baixa. Barra da saia pode ser de 5 a 6cm acima do tornozelo ou até meia – canela. Os cortes podem ser godê, meio godê, franzido com ou sem babados, ou em panos.
- Mangas: longas, três quartos ou abaixo do cotovelo, admitindo-se pequenos babados nos punhos, sendo vedado o uso de “mangas boca de sino” ou “morcego”. No verão podem ser curtas, arrematadas com babadinhos.
- Decote: pequeno, podendo ter gola ou não.
- Enfeites: não sobrecarregar, a fim de evitar a desfiguração dos modelos. Optar pelos motivos florais delicados e miúdos. Podem ser usadas rendas, bordados, fitas, passa-fitas, gregas, viés, transelim, crochê, nervuras, plisses, favos. É permitida pintura miúda, com tintas para tecidos. Não usar pérolas e pedrarias, bem como os dourados ou prateados e pintura à óleo e purpurinas.
- Tecidos: lisos ou estampados miúdos e delicados, de flores, listras, petit-poa e xadrez. Podem ser usados tecidos de microfibra, crepes, oxford. Não serão permitidos os tecidos brilhosos ou fosforescentes, transparentes, slinck, lurex, veludo, rendão e similares.
- Cores: delicadas, suaves e claras, evitando as cores cítricas, o marrom, o marinho, o verde escuro, o roxo, o bordô, o pink e o azul forte.. Os vestidos na cor branca são usados por noivas e debutantes. Não usar

⁵⁵ DIRETRIZES PARA A PILCHA GAÚCHA MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO 76ª Convenção Tradicionalista Gaúcha - Taquara, 29 de julho de 2011 com alteração do artigo 3º, Inciso I, letra f pela 79ª Convenção Tradicionalista de julho de 2014, disponível em <http://www.mtg.org.br/public/libs/kcfinder/upload/files/DIRETRIZES%20PARA%20A%20PILCHA%20GA%20C3%29ACHA%20-%202015.pdf>

preto, nem nos detalhes, nem as combinações nas cores das Bandeiras do Rio Grande do Sul e do Brasil.

16.2.2. Saia De Armação

- Cor: branca
- Modelo: leve e discreta. Se tiver babados, eles devem se concentrar no rodado da saia, para evitar o excesso de armação. O comprimento deve ser inferior ao do vestido.

16.2.3. Bombachinha

- Tecido: leve, admitindo enfeites de rendas discretas
- Cor: branca
- Modelo: comprimento abaixo do joelho, sempre mais curto que o vestido

16.2.4. Meias

- Longas o suficiente para não permitir a nudez das pernas. Na cor branca ou bege.

16.2.5. Sapatilha

- Cores: preta, branca, bege e marrom.
- Modelo: sem salto (1cm ou 2,5 cm); com a tira sobre o peito do pé, que abotoe do lado de fora.

16.2.6. Cabelos

- Soltos ou semi-presos, enfeitados com fitas.

16.2.7. Maquiagem

Vedada para categoria mirim

16.2.8. Jóias

Brincos e anel delicados, de jóias ou semi-jóias.

16.2.9. Observações

Não é permitido o uso de relógios, colares, pulseiras, brincos de plásticos coloridos ou similares.

16.3. Traje Peão Mirim ⁵⁶

A indumentária para a Peão Mirim segue as mesmas diretrizes da pilcha para o peão adulto com as ressalvas a seguir: Para dançar em palcos, festivais, rodeios artísticos, os peões dos grupos de danças da categoria mirim **não usam esporas, chapéu, pala e faca**. Segundo Paixão Cortes (Ponto e pesponto) as crianças não devem usar nada que prive seus movimentos naturais de crianças. Devem ser retirados [.....] “ penduricalhos, cujo o peso da roupa, prive que as crianças se movimentem, infantilmente.

16.3.1. Bombacha

- Tecidos: brim (não jeans), sarja (lã), linho, algodão, oxford, microfibra.
- Cores: claras ou escuras, sóbrias ou neutras, tais como marrom, bege, cinza, azul-marinho, verde-escuro, branca. Fugindo as cores agressivas, fosforescentes, contrastantes e cítricas, como vermelho, amarelo, laranja, verde-limão, cor-de-rosa.
- Padrão: liso, listradinho e xadrez discreto.
- Modelo: cós largo sem alças, dois bolsos na lateral, com punho abotoado no tornozelo.
- Favos: O uso de favos e enfeites de botões (devem ser do tamanho daqueles utilizados nas camisas, vedados os de metal) depende da tradição regional. As bombachas podem ter, nos favos, letras, marcas e botões. Quando usar favos, deverão ser da mesma cor e tecido da bombacha. Os desenhos serão idênticos em uma e outra perna.
- Largura: com ou sem favos, coincidindo a largura da perna com a largura da cintura, ou seja, uma pessoa que use sua bombacha no tamanho 40,

⁵⁶ DIRETRIZES PARA A PILCHA GAÚCHA MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO 76ª Convenção Tradicionalista Gaúcha - Taquara, 29 de julho de 2011 com alteração do artigo 3º, Inciso I, letra f pela 79ª Convenção Tradicionalista de julho de 2014, disponível em <http://www.mtg.org.br/public/libs/kcfinder/upload/files/DIRETRIZES%20PARA%20A%20PILCHA%20GA%20C3%9ACHA%20-%202015.pdf>

automaticamente deverá ter, aproximadamente, uma largura de cada perna de 40 cm de tal forma que não seja confundida com uma calça.

- Uso: As bombachas deverão estar sempre para dentro das botas
- Vedações: É vedado o uso de bombachas plissadas e coloridas.

16.3.2. Camisa

- Tecido: preferencialmente algodão, tricoline, viscose, linho ou vigela, microfibra (não transparente),oxford.
- Padrão: liso ou riscado discreto.
- Cores: sóbrias, claras ou neutras, preferencialmente branca. Evitando cores agressivas e contrastantes.
- Gola: social (ou seja, abotoada na frente, em toda a extensão, com gola atual, com punho ajustado com um ou mais botões).
- Mangas longas: para ocasiões sociais ou formais, como festividades, cerimônias, fandangos, concursos.
- Mangas curtas: para atividades de serviço, de lazer e situações informais.
- Camiseta de malha ou camisa de gola pólo: exclusivamente para situações informais e não representativas. Podem ser usadas com distintivo da Entidade, da Região Tradicionalista e do MTG.
- Vedações: Vedado o uso de camisas de cetim e estampadas.

16.3.3. Botas

- Material: de couro liso
- Cores: preto, marrom (todos os tons) ou couro sem tingimento.
- Cano: a altura do cano varia de acordo com a região. Normalmente o cano vai até o joelho.
- Solado: o solado deve ser de couro, podendo ter meia sola de borracha ou látex. A altura máxima de um centímetro (entra em vigor em 1º de janeiro de 2012).
- Botas “garrão de potro”: são utilizadas exclusivamente com trajes de época.
- Vedações: é vedado o uso de botas brancas. Proibidos quaisquer tipos de bordados ou palavras escritas nas botas.

16.3.4. COLETE

- Uso: se usar paletó poderá dispensar o colete.
- Modelo: tradicional, sem mangas e sem gola, com uma única carreira de botões na frente, podendo ser abotoado, ou não. Com a parte posterior

(costas) de tecido leve, ajustado com fivela, de uma cor só, no comprimento até a altura da cintura.

- Cor: da mesma cor das bombachas, podendo ser tom sobre tom.
- Tecido: mesmo padrão de tecido da bombacha.

16.3.5. Cinto (Guaiaça)

- Material: de couro.
- Guaiaças: de uma a três guaiaças internas ou não.
- Fivelas: uma ou duas fivelas frontais com, no mínimo, sete cm de largura.
- Florão: quando usado deve ter função de fivela.
- Cinto de couro cru: Com ou sem guaiaças, mas sempre com uma ou duas fivelas frontais, com no mínimo 7 cm de largura.
- Vedação: Cinto com rastra (enfeite de metal com correntes na parte frontal).

16.3.6. Chapéu

- Material: de feltro ou pelo de lebre.
- Abas: a partir de 6 cm.
- Copa: de acordo com as características regionais.
- Barbicacho: de couro ou crina, podendo ter algum enfeite de metal e, ou fivela para regulagem.
- Vedação: é vedado o uso de boinas e bonés.

16.3.7. Paletó

- Uso: usado especialmente para ocasiões formais.
- Cor: A combinação de cor, com as bombachas, deve ser harmoniosa, evitando cores contrastantes.
- Vedações: é vedado o uso de túnicas militares substituindo o paletó.

16.3.8. Lenço

- Cores: vermelho, branco, azul, verde, amarelo e carijó (nas cores citadas e ainda, marrom e cinza).
- Tamanho: no caso do uso com algum tipo de nó, com a medida de 25 cm a partir deste. Com o uso do passador de lenço, com a medida de 30 cm a partir deste.
- Passadores: de metal, couro ou osso.

16.3.9. Faixa

- Uso: opcional.
- Cor: lisa, na cor vermelha ou preta se for de lã. Bege cru se for de algodão.
- Largura: de 10 a 12 cm.

16.3.10. Pala

- Uso: opcional.
- Tamanho: tamanho padrão, com abertura na gola.
- Opções: poderá ser usado no ombro, meia-espalda, atado da direita para a esquerda, com todos os trajés.

16.3.11. Esporas

- Uso: trata-se de peça utilizada nas lides campeiras. É admissível o uso nas representações coreográficas de danças tradicionais.
- Vedação: é vedado o uso em bailes e fandangos.

16.3.12. Faca

- Uso: é opcional, para grupos adultos, veteranos e no ENART, nas apresentações artísticas.
- Tamanho: de 15 a 30 cm de lâmina
- Vedação: é vedado o uso nas atividades sociais, exceto apresentações artísticas.

17. Lidas Campeiras (Apenas para o concurso de peões)

17.1. Equinos e Encilhas⁵⁷

Encilhar é colocar os arreios no animal. A encilha se compõem de várias peças colocadas sobre o lombo dos animais, com vistas à montaria. Aquele que encilha é denominado encilhador. Denominam-se aperos as partes dos arreios que servem para o governo, segurança e ornamento do animal (rédeas, cabeçaça,

⁵⁷ SAVARIS, Manoelito Carlos - Manual de Tradicionalismo Gaúcho,- Publicação MTG-RS, 2012. P.94.

cabresto, buçal, peitoral, rabicho, maneia, etc.), muitas vezes os termos aperos e arreios são utilizados como sinônimos.

Equinos, para o que nos interessa nesse pequeno Manual, são os cavalos e os burros e suas fêmeas, as éguas e as mulas.

O cavalo (do latim, *caballu*), quando não castrado, denomina-se garanhão ou bagual, os filhotes chamamos de potrilhos. O cavalo novo, macho, se chama potro, a fêmea é potranca.

O burro ou asno (*Equus africanus asinus*) também é chamado de jumento, jegue, jerico ou asno-doméstico (especialmente no nordeste do Brasil) possui focinho e orelhas compridas. O porte é variável, normalmente menor do que os cavalos de estatura normal. São utilizados desde os tempos pré-históricos como animais de carga, mas também são utilizados como animais de montaria, especialmente para cavalgadas.

As mulas (feminino de burro) é um animal resultante do cruzamento do Burro com a égua e se trata de um animal estéril (não fértil) – que não produz filhotes.

Os cavalos foram introduzidos na América do Sul pelos portugueses e pelos espanhóis, depois do descobrimento. Na região Sul, especialmente Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul, os cavalos foram introduzidos pelos espanhóis a partir do ano 1536 e foram se reproduzindo e se espalhando a ponto de que, em 1580, já havia manadas de cavalos chimarrões (xucros) tanto na pampa uruguaia quanto na sul-rio-grandense. Quando chegaram os padres jesuítas (1626) já encontraram os índios charruas e minuanos montando cavalos.

A atividade pastoril dos gaúchos, tendo no gado a sua principal riqueza, só foi possível graças à utilização do cavalo. Nas guerras de fronteira o cavalo, igualmente, desempenhou papel fundamental.

Para o gaúcho primitivo o cavalo era importante e imprescindível ao ponto de não se entender o gaúcho da campanha apartado de seu cavalo. Por conta dessa característica, o gaúcho foi chamado “centauro dos pampas” (o centauro é uma figura mitológica constituído de meio cavalo e meio homem). (...)

Para o gaúcho, não importa muito qual a raça do cavalo, mas a sua utilidade e adequação à atividade. As características de cada raça determinarão a sua principal utilidade: uns são mais altos, outros mais rápidos, outros mais resistentes e outros mais dóceis. Não se pode afirmar que tal raça é melhor. Pode-se, no entanto, se dizer que para tal atividade a raça que mais se adapta é essa ou aquela.

O cavalo Crioulo (junto com o quero-quero, animal símbolo do Rio Grande do Sul) é resultado do aprimoramento genético dos cavalos trazidos da Europa para a pampa, apresentando características muito adequadas para a lida com o gado, rústicos, fortes e hábeis nas manobras rápidas em espaços reduzidos.

17.2. Conceitos de atividades campeiras ⁵⁸

RODEIO: Parar rodeio é a atividade que se constitui em juntar todo o gado. Dele determinam-se várias atividades: vistoria, vacinação, banho, etc. Outra finalidade do rodeio é, aos poucos, habituar os animais bravos a serem pastoreados e conduzidos conforme a vontade do homem.

APARTE: Constitui-se na seleção das várias cabeças de gado que devem ser apartadas do rebanho para:

- abate (os animais mais velhos e os de desfrute);
- procriação (novilhas e fêmeas destemeiradas);
- marcação (terneiros machos e fêmeas da safra do ano).

BANHO: É realizado para evitar que o rebanho fique à mercê de carrapatos e que sejam os animais molestados pelas moscas que, com o aumento da temperatura, proliferam assustadoramente e inocula no gado a larva do berne.

VACINAÇÃO: É a tarefa sanitária e de prevenção. Usam as seguintes vacinas: Aftosa, Carbúnculo, Brucelose, Verminose, etc.

ORDENHA: Realizada diariamente, representa o ato de tirar o leite das vacas.

BOI PARA TRAGO: Quando o boi completo três anos, pouco mais ou menos, começa a ser preparado para a tração do arado ou de carreta. Depois de preparado, ao animal colocado sobre a nuca o "jugo", ou então a canga, aparelho colocado na parte posterior dos chifres do boi amarrado com as conjuntas. Ai, ele já tem um companheiro que o ajuda a levar a canga e ou o jugo. As cangas são mais usadas na fronteira de nosso Estado.

CASTRAÇÃO: Ato de "beneficiar" os animais machos que NAO SERÃO usados como reprodutores. É uma pequena cirurgia para extirpar os testículos dos novilhos.

ESQUILA: Ato de cortar a lã dos ovinos. Na esquila cuidam para que o "velo" seja retirado Inteiro e não em pedaços. A lã das patinhas e da barriga ficam separadas do velo e são chamadas "garras". Toda a lã colocada em "bolsas", para ser levada à comercialização, geralmente às cooperativas de lã.

⁵⁸ MOA, Roxelana Grazielle – Guia de Estudos para Prendas e Peões, Extrato. Santa Catarina, 2005 (material utilizado pela CBTG nos concursos de 2010 e 2011), p. 130.

17.3. Trabalho com Cavalos ⁵⁹

Até hoje, muito embora algumas tentativas, o cavalo ainda não pode ser substituído por máquinas nas lidas de campo. Estas a ajudam. Estas ajudam muito, mas ainda não podem fazer o que o cavalo faz, como por exemplo, um aparte no rodeio ou numa porteira de mangueira. Além disso, o cavalo é o ingrediente que maiores belezas e alegrias produzem dentro dos trabalhos de uma estância. É belo, é ágil, é inteligente, é dócil, é veloz, é forte, enfim nos proporciona momentos de verdadeiro encantamento, principalmente quando, em seu lombo, praticamos as mais difíceis, porém mais emotivas e alegres lidas, como o tiro de laço e o aparte, que hoje os “Crioulistas” apelidaram de “Paleteada”.

Convença-se, pois, que você jamais poderá deixar de possuir alguns, para poder desempenhar a contento suas atividades e, sobretudo, para poder usufruir a felicidade que eles, sem dúvida alguma, vão proporcionar-lhe. Confira e verá!

17.3.1. Raças

Existem muitas raças. Aqui no Estado cria-se: Inglês, Árabe, Crioulo, Quarto de Milha, Manga larga, Percheron, etc.

Suas principais características são:

- Inglês- Muito altos, extremamente velozes, não se prestam muito para a lida campeira, são apropriados para carreiras de tiro longo;
- Árabe- Altos, muito ágeis, finos de corpo, belíssimos, porém também não são aconselháveis para o campo porque são extremamente nervosos e exageradamente delgados;
- Crioulo- São os mais rústicos dos aqui enumerados, engordam em qualquer campo, são pequenos, mas grossos e fortes, favorecendo as manobras rápidas e em espaços reduzidos, não dependem de trato suplementar além do campo. São os cavalos ideais para serviços com o gado;
- Quarto de Milha- Muito velozes em tiros curtos de até 400 metros, prestam-se muito bem para o tiro de laço, porém perdem para o Crioulo na rusticidade porque dependem, sempre, de alguma ração suplementar além do campo. São um pouco maiores que os Crioulos;
- Manga Larga- Boníssimos para longas viagens, em face do seu bom conforto e da velocidade que desempenham, geralmente são “marchadores” o que os fazem perder para o Crioulo num espaço vital: o pique da arrancada. O Crioulo, por ser geralmente de trote, arranca com

⁵⁹ FERREIRA, Cyro Dutra - Campeirismo Gaúcho Orientações Práticas - (Porto Alegre: Fundação Cultural Gaúcha - MTG), P.21

mais rapidez em face da posição das patas que, no trote, estão mais próximas umas das outras;

- Percheron- Insuperável na força são apropriados para tração.

Diante das principais características enumeradas acima você naturalmente já deduziu a raça que mais lhe convém.

17.3.2. Pêlos

Já que dedicamos um capítulo aos Cavalos, seria imperdoável não falarmos sobre os seus variadíssimos pêlos. Dado a sua grande importância, dedico-lhe em capítulo especial.

O assunto é polêmico porque encerra muitas diferenças entre várias regiões do Rio Grande. Além disso, existe ainda, enorme discrepância entre as linguagens militar ou turfistas e a da gauchada campeira, que jamais chamou o cavalo zaino de castanho...

Por outro lado alguns animais possuem em seu corpo mais de uma pelagem, o que dificulta a identificação.

É oportuno lembrarmos, também, que até um ano e meio a dois anos de idade alguns equinos mudam a pelagem, só atingindo a definitiva a partir daí.

Como me propus, neste modesto trabalho, a transmitir aos leigos alguns ensinamentos, coerentemente permanecerei dentro desta linha, respeitando sempre o regionalismo crioulo.

São, pois, os seguintes pelos que conheço:

- ALAZÃO: vermelho- claro alaranjado.
- AZULENGO: azulado, com uma ou outra mancha branca.
- BAIÃO: cor de café-com-leite fraco.
- BAIÃO CABOS- NEGROS: com pernas, crina e cola pretas.
- BAIÃO ENCERADO: café-com-leite forte e manchas arredondadas e levemente mais escuras.
- BAIÃO RUANO: café-com-leite bem desmaiado e crina e cola brancas.
- BRANCO: totalmente branco.
- BRAGADO: totalmente coberto de manchas brancas, vermelhas ou pretas embaralhadas e indefinidas, dando a aparência de um buquê de flores.
- COLORADO: vermelho
- COLORADO PINHÃO: vermelho carregado, quase encarnado.
- DOURADILHO: vermelho bem claro, que brilha quando exposto ao sol.
- GATEADO: café-com-leite forte ou marrom fraco.
- GATEADO ROSILHO: com pintinhas brancas.
- LUBUNO: cinza.
- MALACARA: geralmente cavalos vermelhos que tiverem, à frente da cabeça, uma mancha vertical, dos olhos até o focinho (outros pelos que tiverem a mesma mancha normalmente não são tratados como Malacara).
- MOURO: pequenas pintas brancas sobre o fundo preto.
- OVEIRO: manchas grandes, brancas, vermelhas ou pretas, arredondadas.

- PAMPA: o cavalo que tiver toda a cabeça branca.
- PANGARÉ: café-com-leite, com barriga e focinho brancos.
- PICAÇO: todo preto com qualquer mancha branca em qualquer lugar.
- PRETO: totalmente preto.
- ROSILHO: pintas brancas sobre o fundo vermelho.
- ROSILHO PRATEADO: rosilho, com a anca quase branca.
- ROSADO: é como na Serra denominam o Bragado.
- RUANO: vermelho claro e crinas e cola brancas.
- TOBIANO: faixas largas e bem definidas, brancas e vermelhas ou brancas e pretas, em geral dispostas verticalmente.
- TOBIANO ROSILHO: quando as faixas forem rosilhas.
- TOBIANO MOURO: quando as faixas forem do pelo mouro.
- TORDILHO: fundo branco com pintas levemente mais escuras, de um branco sujo.
- TORDILHO NEGRO: fundo branco com pintas de um preto desmaiado.
- TORDILHO VINAGRE: fundo branco sob pintas marrons.
- TOSTADO: cor de castanha madura.
- TOSTADO RUANO: cor de castanha madura e crinas e cola brancas.
- ZAINO: marrom escuro.
- ZAINO CRUZADO: marrom escuro e duas patas brancas, desencontradas.
- ZAINO NEGRO: quase preto.
- ZAINO PINHÃO: puxado à cor de pinhão maduro.
- ZAINO TAPADO: o que não tem qualquer pinta branca.

Alguns animais possuem de 1 a 4 canelas brancas, independentemente da sua pelagem geral, estes são chamados de “calçados” (gateado calçado das 4 patas, etc.).

ANEXO

1. ORIENTAÇÕES PARA PROVAS DE CULINÁRIA E ARTESANATO

- Considerações sobre a prova de Artesanato e Culinária

O material que segue sobre as referidas provas serve apenas como uma orientação para a **prova oral do concurso de prendas**, portanto, **não cai na avaliação escrita**. É importante destacar que o artesanato não precisa se limitar aos sugeridos neste trabalho. Da mesma maneira, as atividades culinárias também não – o concorrente pode pesquisar outras bibliografias e apresentar trabalhos referentes à sua região.

Destaca-se que a execução prática é complementar – o objetivo principal da avaliação é a contextualização e o conhecimento sobre a atividade a ser desenvolvida que deverá ser demonstrada em exposição oral e questionada pelos avaliadores.

1.1. ORIENTAÇÕES PARA CULINÁRIA⁶⁰

A natureza do Brasil ofereceu, tanto a seus habitantes primitivos como aos colonizadores (que, aqui aportaram) grande variedade de alimentos. Outros aclimataram-se, por introdução dos portugueses, ao fazer roças, hortas e fomentar criações domésticas (galinhas, porcos, ovelhas, cabras, gado vacum).

Especiarias, sal, açúcar foram valiosas contribuições trazidas pelo português à cozinha brasileira.

Segundo Câmara Cascudo (História da Alimentação no Brasil), “todos os pratos nacionais são resultantes de experiências construídas lentamente, fundamentadas na observação e no paladar. Maneiras de preparar a comida, receitas, utensílios empregados, tudo mesclou-se e adaptou-se às possibilidades do meio.

Heranças ameríndias, bem como africanas, transformaram-se, ajustaram-se ao tempero e ao sabor portugueses, às exigências dos utensílios da cozinha europeia, ao fogão, ao forno.

Inúmeros pratos conservam, ainda, nome indígena ou africano; mas quase nada existe de autêntico na substância real.

Quanto a outras influências, observa o autor citado: “...houve um processo da aculturação contínuo na cozinha brasileira que ainda não terminou, pois está sendo enriquecido por inúmeros grupos migratórios”

⁶⁰ www.mtg.org.br - http://ideiaitda.com.br/clientes/mtg/fof_gastronomia.php

Na alimentação do sul-rio-grandense, além das contribuições dos colonos de várias etnias, verifica-se a introdução de pratos internacionais, especialmente em área urbana, em restaurantes diferenciados.

Para o estudo da cozinha gaúcha, devem-se considerar as particularidades regionais: a Praiana (à base de produtos do mar); a cozinha da Campanha e Missões (predominando as carnes vacum e ovina); a da região dos Campos de Cima da Serra (onde o pinhão tem presença e o café com graspa sobrepõem-se ao chimarrão).

O churrasco, assimilado por diversos grupos, é largamente apreciado reunindo pessoas em dias festivos. O arroz “carreteiro” aparece em quase todo o Estado.

Herança indígena na cozinha gaúcha: utilização da mandioca e de seus produtos (farinha, tapioca, beju, pirão, mingau); uso do milho assado, cozido e seus derivados (canjica, pamonha, pipoca, farinha). Aproveitamento, de plantas nativas (abóbora, amendoin, cara, batata-doce, banana, ananaz). Cozimento dos alimentos na tucuruva (trempe de pedras), no moquém (grelha de varas) para assar carne ou peixe. Preparo do peixe assado envolvido em folhas; moqueca e também paçoca de peixe ou de carne (feita no pilão). Uso de bebidas estimulantes: mate e guaraná.

A mulher portuguesa valoriza os produtos do solo americano; aproveitou as especiarias da Índia (cravo, canela, noz-moscada). Criou novos pratos, adaptou outros e conservou algumas receitas tradicionais (bacalhoda, caldo verde, acorda, pasteis, empadas, feijoada, cozido, fatias douradas, coscorões, pão-de-ló, papo-de-anjo, sonhos, pães, compotas, marmeladas, frutas cristalizadas, licores.

A culinária luso-brasileira pode ser assim distribuída pelas regiões gaúchas: Litoral (com influência açoriana) – peixe assado, grelhados, fervido, desfiado, moqueca de peixe, siri na casca, marisco ensopado, arroz com camarão, camarão com pirão. Pirão de água fria, pirão cozido, farofa, cucus torrado, beju, angu de milho, mingau de milho verde, paçoca de carne desfiada, lingüiça frita, feijão mexido, fervido de legumes, açorda, canja, galinhada, fervido de suquete (osso buco), mocotó, bolo de aipim, pães caseiros, “massas doces” (pão doce sovado) “farte” (pão com recheio de melado), melado com farinha de mandioca, roscas de polvilho, roscas de trigo (fritas), rosquetes, “negro deitado” (bolo de panela), bolo frito, sonhos, omelete de bananas, banana frita, pão-de-ló, sequilhos, rapaduras (com diferentes misturas), pé-de-moleque, “puxa-puxa”, balas diversas, pasteis doces e salgados, doce de panela (de frutas), doce de leite, amobrosia, fatias douradas, bolos, pudins, empadas.

Bebidas – Concertada (vinho com água e açúcar), Queimadina (queimar cachaça com açúcar), Licores diversos (de vinho, de ovos, de butiá, de abacaxi etc), Café, mate-doce.

Cozinha Depressão Central (influência açoriana e outras) – Canja de galinha, sopas diversas, feijoada, feijão branco, fervido (com legumes e carne), feijão mexido, quibebe, paçoca de favas, arroz de forno, carne de panela, carne assada no forno, bife enrolado, bife à milanesa, guizado de carne, bolo de arroz, pão recheado, empadas, pasteis, “rosinhas” de massa, ovos mexidos, ovos escaldados, “roupa velha” (sobras), peixe recheado, peixe escabeche, peixe frito, bacalhoda, bolinho de bacalhau. Conservas de pepino e cebola. Galinha assada, galinha recheada, arroz

com galinha. Pães de forno, pão de panela, “mãe-benta”, biscoitos, “calça-virada”, coscorões, fatias-do-céu, merengues, broas, pudim de laranja, ambrosia de laranja, “manjar celeste”, pudim de pão, “ovos moles”, “fios-de-ovo”, arroz-de-leite, “bom-bocado”, mandolates, balas de leite, de mel, tortas (doces), pé-de-moleque, “farinha de cachorro” (farinha de mandioca com açúcar).

Bebidas: gemada com vinho, licor de vinho, licores com furta, vinho de laranja.

Cozinha da Campanha - Carnes (vacum, ovino) grelhada, no espeto, no forno. Arroz “carreteiro”, espinhaço de ovelha ensopado, pasteis, empadão, feijão, “cabo-de-relo” (sobras). Pães caseiros (ao forno), pão “catreiro” ou “de pedra” (aquecidos sobre pedra ou chapa quente), roscas de milho, “farinha de cachorro”, ambrosia de pão, doces de “panela” (marmelada, e em calda).

Bebidas: chimarrão.

Cozinha “Serrana” - Carne assada, frita, mocotó, feijoada (de feijão preto e branco), charque com mandioca, paçoca de pinhão com carne assada, couve refogada, couve com farinha, galinha assada, arroz com galinha e quirela de milho, batata-doce, moranga, milho cozido, cuscuz, farinha de biju com leite. Doce de gila, “jaraquatia”, sagu com vinho, arigones, arroz doce, doce de frutas (pêssego, figo, pêra), ambrosia, doce de leite, “chico balanceado” (doce de aipim), doce de batata doce.

Bebidas: “Camargo” (café com apoio), quentão de vinho, café com graspa.

Cozinha da região Missioneira - Carnes (vacum, ovino) assada no forno, no espeto, grelhada, frita na panela, sopa de lentilhas, sopa de cevadinha, feijoada, “puchero”, “gringa” (moranga) caramelada, pirão de farinha de milho, canja, couve com farofa, matambre com leite, fervido de espinhaço de ovelha com aipim. Canjica, guizado de milho, pasteis, empadão, revirado de galinha, revirado de sobras, lingüiça frita, paçoca de charque, galinha assada. Pão de forno, pão de borralho, bolo frito, biscoitos, pão-de-ló, geléia de mocotó, doce de jaraquatia, pêssego com arroz, arigones, tachadas (marmelo, pêssego, pêra), doce de laranja azeda cristalizada, doce de leite, rapadura de leite, gemada com leite, bolos.

Bebidas: chimarrão, mate doce, mate com leite.

Colônia alemã - Carne de porco (assada e frita), wurst (lingüiça), chucrute (conserva de repolho), nudeln (massa), kles (bolinhos de farinha de trigo com batata cozida), conserva de rabanete, galinha assada, sopa com legumes e ovos, kaschimier (ricota), kuchen (cuca), leb-kuchen (cuca de mel), mehldoss (doces de farinha de trigo), schimier (pasta de frutas), syrup (frutos cozidos com melado), weihmachts (bolachinhas), bolinhos de batata ralada, pão de milho, de centeio, de trigo, tortas doces. Café colonial (salgadinhos, salames, queijos, bolos).

Bebidas: Das bier - cerveja, chop. Spritzbier (gingibirra). Assimilaram o chimarrão.

Colônia Italiana - Brodo (caldo de carne), carne Lessa (carne cozida n’água), capeleti (massa com recheio de carne picada) o mesmo que Agnolini, menestra ou aminestra (sopa, canja), galetto a menarôsto (frango no espeto), ravióli (massa com recheio), tortei (pastel cozido recheado com moranga ou abóbora), macarôn (massa), spagueti (massa cortada), fidelini (massa fina), polenta (angu de farinha de milho), risoto (arroz com galinha e queijo ralado), pizza (massa de pão com molho e

queijo), pera cruz (bolo fervido em calda de frutas), pães de trigo e milho, panetone (pão com frutas cristalizadas), salames, queijos.

Bebidas: vinho, graspa.

Lílian Argentina Braga Marques e Sônia Campos – Folcloristas

1.2. ORIENTAÇÕES PARA ARTESANATO⁶¹

1. Definindo Arte e Artesanato

Alguns folclorista brasileiro agrupam, sob o título de Artes populares todas as técnicas tradicionais empregadas pelo povo. Desse modo, incluem, nessa área, tanto a construção de um rancho de torrão, ou de um barco, como o trabalho de uma tecelã ou de um ceramistas, etc...

Outros atores classificam as manifestações artísticas do povo como artesanato.

Renato apóia-se na opinião de Paul Sébillot que considera como “ arte folclórica aquela que não resulta de qualquer ensinamento especial, mas de uma tradição ou na necessidade de exprimir- por sinais- ideias ou coisas vistas cuja recordação pode ser agradável ou útil”. (1972).

A arte folclórica vem sendo praticada pelos mais diversos grupos humanos em diferentes épocas da história.

No entender de Cecília Meirelles (1968), ela “ resume os grandes trabalhos humanos” e “ manifesta a sensibilidade geral dos que a praticam, por uma seleção de motivos que são uma espécie de linguagem cifrada”.

Como todo fato folclórico, a arte popular é de criação espontânea e pode sofrer os fenômenos da evolução e da extinção. Como diz Ana Augusta Rodrigues, a arte popular “ é feita pelo povo”, produto de sua imaginação e é a expressão do grupo a que pertence.

Segundo E. O. Christien (1965), a arte folclórica, “ limitada a uma região particular, move-se dentro de uma linha estreita e, geralmente, perpétua desenhos hereditários: a originalidade ou imaginação constituem uma exceção”.

(...) Várias definições foram propostas por folcloristas brasileiros para diferenciar arte e artesanato.

Para Saul Martins (1974), o “ debate a respeito da diferença entre arte popular e artesanato parece-nos sem importância, seja porque todo artista começou como artesão. Se este evoluiu para a criação de peças bem acabadas, naturalmente vira artista”.

O mesmo autor nos indica as características do artesanato:

1) manual- o contato é direto entre o artesão e o material empregado, sem se considerar, naturalmente, pequenas intervenções de ferramentas ou aparelhos simples.

2) os objetos resultam de elaboração intelectual, embora sem requinte, feitos segundo os padrões tradicionais, mas nunca em molde ou forma, nem mesmo em série.

⁶¹ www.mtg.org.br – disponível em http://ideiaitda.com.br/clientes/mtg/fol_artesanato.php

3) aqui se realizam formas, que podem ser apreciáveis ou suscetíveis de sê-lo, e não simples produtos.

4) emprega-se material disponível, gratuito ou extraído no lugar ou retalhos, sobra aproveitável.

5) doméstico ou caseiro, conta com a participação da família.

6) o artesão não conhece a divisão do trabalho, não se organiza para a produção, sozinho executa todas as parcelas necessárias à transformação.

(...) O artesanato possui características domésticas e, no geral, é valorizado pelo cunho pessoal de que se revestem seus produtos, elaborados à mão ou com auxílio de rudimentares instrumentos de trabalho, estes muitas vezes, confeccionados pelo próprio artesão. Pode ser erudito, popularesco e folclórico.

Considera como artesanato: cerâmica utilitária, funilaria popular, trabalhos em couro e chifre, trançados e tecidos de fibras vegetais e animais (sedenho), fabrico de farinha de mandioca, monjolo de pé de água, engenhocas, instrumentos de música, tintura popular. E, como arte, pintura e desenho (primitivos), esculturas (figura de barro) madeira, pedra guaraná, cera, miolo de pão, massa de açúcar, bijuteria popular, renda, filé, crochê, papel recortado para enfeite...

A classificação de Alceu Maynard Araújo (1964), a respeito dos trabalhos de confecção manual, é mais ampla e engloba, além das artes populares, as técnicas tradicionais. Nas técnicas, inclui: atafona, monjolo, engenho, alambique, etc..., construção de casas, barcos, carros e utensílios domésticos e a confecção de doçaria e comidas típicas.

Diz Maynard (1964) sobre o artesanato: “ são coisas que o homem cria, sem ensino formal, levado pela necessidade. São técnicas tradicionais elementares de que o homem se serve para melhor subsistência, no primitivismo imposto pelo meio”. Uma explicação disso temos na referência de Jean Roche a respeito dos artesanatos do colonos alemães no Rio Grande do Sul. “As memórias deste novo Robinson, chegado a São Leopoldo em 1828, provam que o motivo que levou os colonos a produzirem eles próprios, a maior parte dos artigos de uso foi a necessidade de fazer economias de toda sorte. A simples sobrevivência biológica dos emigrantes só foi possível graças ao trabalho de toda família e ao retorno (regressão) de técnicas tradicionais as mais elementares (rudimentares). Foi uma adaptação ao novo meio. O artesanato rural se dividiu em dois grandes ramos: o fornecimento dos artigos necessários à vida local e a transformação dos produtos agrícolas para vender”.

A necessidade leva o indivíduo a recorrer a novas técnicas de subsistência. Esta é uma das causas da instabilidade da artesanaria. Geralmente, o artesão é improvisado e faz da atividade um “ biscate”.

Nem sempre as técnicas artesanais têm continuidade na família. O trabalho artesanal depende da matéria prima que, muitas vezes, não pode ser adquiridas em grande quantidade.

O artesanato está, ainda, como diz Maynard, no círculo do “ quebra-galho”, isto é, produz-se hoje para comer amanhã.

O mercado também influi sobre a produção artesanal pois, nem sempre a peça artesanal é valorizada na localidade onde tem origem.

2. Arte Folclórica

A Cerâmica e Modelagem folclórica

Desde a Pré-história, a modelagem em barro tem sido uma forma de expressão do homem.

A palavra cerâmica, originada do grego *Keramus*, designa todos os objetos de argila submetidos à queima.

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, já encontraram os índios confeccionando objetos de barro: potes, panelas, pratos e vasos.

Segundo Haydee Nascimento, “ os primeiros jesuítas não acrescentaram nada à cerâmica indígena”. As formas: bilhas, talhas, etc... chegam através dos artesãos emigrados que introduzem, também, o torno de oleiro.

Em quase todo o Brasil são encontrados oleiros. As peças produzidas são de dois tipos:

→ utilitário;

→ figurativo.

Este último tipo, também denominado cerâmica figureira, é mais expressivo no Nordeste brasileiro, onde se tornou famosa a dita “ Escola de Caruaru”. Destacam-se, ainda, no Nordeste, a cerâmica de Carrapicho (Sergipe) e a de Maragogipinho (Bahia).

Em Mato Grosso e Goiás, molda-se cerâmica figurativa: São Paulo, salientam-se a do Vale do Paraíba e a de Apiaí.

Em Santa Catarina, os barristas de São José das Palhoças produzem figuras antropomorfas e zoomorfas.

A cerâmica utilitária é encontrada em todo território nacional (alguidares, potes, moringas, talhas, quartinhas) e se distinguem, regionalmente, tanto pela cor da peça como pelos motivos ornamentais. Observam-se, também, em peças utilitárias, as expressões artísticas, pois, muitas delas, apresentam formas antropo, zoo ou fitomorfas (moringas com figuração de mulher; mealheiros ou cofres figurando animais; assovios, cachimbos e paliteiros em forma de pássaros, ...).

No Rio Grande do Sul, temos apenas a cerâmica utilitária no estágio de indústria com a utilização de tornos.

- Técnicas

Embora em algumas regiões do Brasil seja considerada indígena da cerâmica de cordel (rolo ou espiral), os objetos modelados, em sua maioria são de tradição ibérica: Quartinha, moringa, etc...

Além da técnica de cordel, utilizam-se, ainda, técnicas de levantamento e a que conta com o auxílio de forma para a base. Funciona, também, a rodeira (torno movido a pé). A técnica manual é utilizada por mulheres e crianças enquanto que a roda de oleiro é trabalho masculino.

Ao lado dos trabalhos de barro formados há a modelagem não submetida a forno, isto é, de barro cru como as que confeccionam os barristas de Taubaté, Cunha, Piraitinga, Paraibuna (São Paulo).

- Escultura folclórica

No Brasil, encontram-se trabalhos de escultura em: madeira, pedra-sabão, pedra Grês, massa de Guaraná, balata, massa de açúcar (alfenis), cera, miolo de pão, galhos de árvores, etc...

Renato Almeida (1974) destaca, na escultura popular brasileira, os trabalhos dos imaginários (santeiros), os ex-votos (promessas talhadas em madeiras) e as carrancas (cabecorras antropo zoomorfas).

São famosas, no Nordeste, as talhas pernambucanas, em especial, as de Olinda, para sua confecção, utilizam formões e um pequeno martelo, para pequenos detalhes é utilizado canivete. Os motivos são florais, bailados folclóricos, indígenas, pescadores e, também, religiosos (Cristo, Santa ceia).

Para escurecer a madeira, usam grão de Viochene e, para dar brilho, cera.

No Rio Grande do Sul são encontradas exemplares de escultura em madeira não só representando figuras de animais mas figuras humanas (Livramento e Uruguaiana).

Encontram-se esculturas em cabos e relhos (Santa Maria) e em palanques (São Gabriel).

Aproveitam-se, também, galhos de árvores para transforma-los, com pequenas elaborações, em belas peças (Livramento). Esculpem-se cofres e florões para decoração de móveis, de maneira espontânea (Passo Fundo e Júlio de Castilhos).

No Rio Grande do Sul, há trabalhos de esculturas em pedra, destacando-se:

* Ivo Alves da Silva (69 anos), residindo em Santa Maria e que produz peças com temas regionais. Usa ferramentas rudimentares por ele fabricadas para talhar a pedra-arenito, procedente de Alegrete.

* Clotilde de Deus Silva (75 anos), interna no Asilo da Velhice de Uruguaiana que esculpe pedra Grês desde os seus 14 anos de idade. Produz figuras antropo e zoomorfas usando ferramentas rudimentares como: serra de arco de barril, prego, faca, "relo" de lata e azeite. A pedra procede de Alegrete e suas peças não são pintadas.

Pelo interior do Estado, encontram-se inúmeros "canteiros", que esculpem pedras para túmulos, lavrando florões, cruces, anjinhos, etc.... (São Gabriel).

Porongos também são alvo da atividade artística folclórica.

O gaúcho, que faz do mate sua principal bebida, conforme suas posses, procura obter cuia bem aparelhada, adornada com metal lavrado adredamente preparada.

Além do trabalho de ourivesaria, as cuias são passíveis trabalhos de pirogravura e de "bordados" ou de entalhe.

Júlio Matte (70 anos), de São Borja dedica-se ao trabalho de entalhe em cuias. Utiliza porongo doce, desenhando sobre a superfície, motivos tais como: florais, cívicos, figuras de animais e humanas com ferramentas rudimentares (macete de madeira e inúmeras ponteiras feitas de prego caibral).

- Trabalhos com papel e tecido
- Floristas

A confecção de flores é considerada arte.

No interior do Rio Grande do Sul, as floristas, em sua maioria, dedicam-se à feitura de flores para coroas. Essas flores são feitas de papel ou de pano, tanto para ornamentação doméstica, quanto para túmulos. Para túmulos, as flores são geralmente parafinadas. Usam-se, também, flores de lata pintadas, mais duráveis.

O papel é, também utilizado como motivo de adorno em “ bicos” de prateleiras, guardanapinhos para envolver doces, desfiados e crespos para envolver balas, etc...

Para que haja bordado, é necessário que exista tecido de fundo sobre o qual o tecido se realiza. São incontáveis os pontos utilizados tradicionalmente.

A renda é um entre lançamento de fios que compõe um desenho sem que haja um fundo de tecido. Confeccionam-se rendas com agulhas (comum, crochê, tricô), com navete, com bilros, etc... A rendaria mais comum, em nosso Estado, é a de crochê.

A passamanaria e o macramé são considerados arte de origem egípcia trazidos à Ibéria pelos árabes. É um trabalho de amarração de fios. As mais delicadas franjas do Rio Grande do Sul encontram-se em Bom Jesus, São Borja, São Luiz e Cachoeira do Sul.

3 - Artesanato

Alice Inês de Oliveira e Silva (1979) faz a seguinte distinção da seguinte distinção, quando fala em artesanato:

- Artesanato folclórico
- aprendizagem informal, dentro do grupo familiar ou de vizinhança;
- veicula uma tradição cultural de sua obra;
- funcional;
- caráter regional;
- aproveitada, em geral, matéria prima disponível.
- Artesanato popularesco ou da Massa
- difundido por instituições ou veículos de comunicação de massa;
- não tem caráter regional;
- condicionado pela moda, pelos padrões da sociedade de consumo;
- massificado;
- Artesanato erudito
- criação individual;
- sofisticado;
- elitista.

Vários são os produtos artesanais:

- Cestaria

Segundo o “ Guia Prático de Antropologia”, a cestaria inclui não só os verdadeiros cestos mas, também, as caniçadas (tecidos de varas, canas, vimes, ou juncos em forma de superfície plana), as esteiras e os trançados decorativos. O trabalho de cestaria pode ser entretecido e em espiral.

Nossos indígenas já conheciam a técnica da cestaria. Os atuais artesãos juntaram à técnica indígena, as trazidas pelas outras raças, formadoras do povo brasileiro.

Os tipos de cestaria no Brasil variam tanto em razão da finalidade como em razão do material disponível. Para confecção da cestaria são empregados vegetais variados, tanto os talos, colmos, folhas como raízes.

Os vegetais mais empregados no Rio Grande do Sul, nesse tipo de artesanato, são: taquara, juncos de vários tipos, vime, jerivá, imbé, butiazeiro, bananeira, palha de trigo e milho, cipós, taboa, macega,...

Muitos vegetais fornecem apenas fibras têxteis com as quais se arrematam os trabalhos ou se fazem trançados, entre eles: pita, embira e tucum.

- Tecelagem

Segundo o “ Guia Prático de Antropologia”, ao ‘tecer’ entelaçam-se, em ângulos retos, duas séries de elementos flexíveis para formar um tecido mais ou menos compacto, de acordo com os materiais e processos empregados.

O tecido propriamente dito faz-se, geralmente, com os materiais macios e flexíveis. No Rio Grande do Sul o fio mais empregado na tecelagem folclórica é a lã, trabalhada em teares verticais ou horizontais. O tear vertical é o tipo mais usado na região da campanha e o horizontal sendo encontrado na região do litoral. Nesses teares (horizontal e vertical), são confeccionados cobertores, ponchos, bicharás, xergas e trapeiras.

- Trabalhos em couro

Segundo E. P. Coelho (s/d) ao “ artesanato de uso campeiro , na base de couro cru, dá-se o nome, de modo geral, de trabalho em ‘corda’. Guaspeiro é o apelido pelo qual é conhecido o homem do campo que se dedica a esse tipo de artesanato. São vários os ‘ pertences’ de uso campeiro, confeccionados com couro cru. Destacam-se, entre outros, as ‘cordas’ trançadas (rédeas, laços, cabrestos, ...), feitos de couro cavalariço... São, também, utilizados o couro de cabra (chibo) para tranças delicadas e a pele de enguia (muçum) para revestimento de pequenos objetos”.

O couro serve como material de trabalho, tanto para o Guasqueiro como para o Seleiro.

O Guasqueiro confecciona: laços, manilhas, rédeas, cabeçadas, buçais, arreadores, rebenques, etc.

O seleiro confecciona: caronas, cinchas, lombilhos, selas, serigotes, bastos, badanas, arreame para animal de tiro e até botas, surrões, rabichos e peiteiras.

O couro é aproveitado, igualmente, para tramas (assento de cadeiras, lastro de camas rústicas), para o retovo de cuias, baú, ... O homem rural, geralmente, aproveita o couro para fins utilitários.

- Trabalhos em madeira

Há uma grande variedade de objetos com função utilitária, feitos de madeira, com técnica rudimentar e tradicional: colheres, cochos, bancos, cabides, arcas, pilões...

Para a feitura de pilões e gamelas, alguns usam o processo da queima, outros empregam encho, formão e coiva.

As madeiras próprias para a confecção de gamelas são: timbaúva, figueira e a corticeira. Para a feitura do pilão são empregadas a cabriúva, o grapici e o angico.

- Funilaria

Formas moldes de bolachas, candieiros, canecas, ... São trabalhos executados pelos funileiros ou latoeiros. Os moldes de bolachas, no Rio Grande do Sul, aparecem na região de colonização alemã e apresentam os mais variados modelos, tanto em forma de objetos, flores, animais como da figura humana.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

Elaboração: Lílian Argentina Braga Marques

Colaboração: Nora Cecília Lima Bocaccio Cinel